



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MIGUEL ROMÃO RODRIGUES

**Palavra de Deus e espacialidade litúrgica:
Configurações sob o impulso do Concílio Vaticano II**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Alfredo Manuel Matos Alves R. Teixeira

Lisboa
2018

A presente dissertação encontra-se redigida ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1945 e subsequentes revisões a ele relativas.

O povo de Deus torna-se Igreja quando, convocado pela Palavra de Deus, se reúne em seu nome. A Palavra de Deus é, portanto, anúncio e chamamento, convite a contemplar as maravilhas por ela operadas e a dar-lhe graças.

Esta Palavra manifesta-se ao homem de diferentes modos e em lugares diversos, no lugar do viver quotidiano e naquele onde se reúne para prestar, ritualmente, o culto a Deus.

(V. GATTI, *Liturgia e Arte: i luoghi della celebrazione*, 91)

Resumo

Redescobrir a centralidade que a Palavra de Deus tem para a vida cristã foi uma das mais importantes conquistas do Concílio Vaticano II. A fecundidade desta redescoberta estendeu-se aos mais variados campos da vida eclesial dando inúmeros frutos nos anos pós-conciliares.

Pretende esta dissertação indagar acerca desses mesmos frutos no contexto do espaço celebrativo. Recordando a importância da relação entre a Palavra de Deus e a celebração litúrgica, procuramos de que forma foi sendo o espaço da celebração transformado por forma a melhor realçar esta importante redescoberta conciliar, permitindo assim uma tradução prática, também ao nível arquitectónico, daqueles que são os grandes intentos conciliares.

Palavras-chave

Liturgia; Arquitectura; Ambão; Palavra de Deus

Abstract

Rediscovering the centrality that the Word of God has for the Cristian life was one of the most important achievements of the Second Vatican Council. The fecundity of this rediscovery has spread to the most varied fields of ecclesial life, bearing fruit in the post-conciliar years.

This dissertation intents to reflect about these same fruits, especially in the context of the celebrative space. Recalling the importance of the relation between the Word of God and the liturgical celebration, we have investigated in which way the celebrative space transformed so as to better highlight this important conciliar rediscovery, thus allowing a practical concretization, also at the architectural level, of those who are the greatest conciliar attempts.

Keywords

Liturgy; Architecture; Ambo; Word of God

Siglário

AAS	= <i>Acta Apostolicæ Sedis</i>
CB	= Celebração das Bênçãos
DV	= <i>Dei Verbum</i>
GBRC	= Guidelines for the Building and Renovation of Churches
GS	= <i>Gaudium et Spes</i>
IGMR	= <i>Institutio Generalis Missalis Romani</i>
LG	= <i>Lumen Gentium</i>
MF	= <i>Mysterium Fidei</i>
SC	= <i>Sacrosanctum Concilium</i>
VD	= <i>Verbum Domini</i>

Introdução

O Concílio Vaticano II, enquanto vértice incontornável no referente aos desenvolvimentos da reforma litúrgica do séc. XX, nomeadamente o seu impacto na vida e expressão celebrativa eclesial, deixou um legado fundamental para a compreensão de um novo lugar da Palavra, correspondendo a uma revalorização e redescoberta da sua importância na vida eclesial cristã, marcada pelo tão conhecido ímpeto conciliar do regresso às fontes. À Palavra de Deus é referida uma nova centralidade, que sempre lhe foi própria, mas que adquire no Concílio uma distinta premência. Esta centralidade tem influído na reflexão arquitectónica contemporânea, que procura a actualização e a tradução das linhas reflexivas conciliares em propostas coerentes e, acima de tudo, adequadas à Igreja de hoje.

O tema desta dissertação insere-se no quadro da teologia prática, mais concretamente no diálogo entre a teologia e a arquitectura. Considerando o método específico daquele ramo da teologia, pretendemos encontrar, nos modelos arquitectónicos pós-conciliares, as marcas e os sinais que denotem o caminho eclesial encetado neste âmbito, acerca dos desenvolvimentos da espacialidade litúrgica, mais concretamente do lugar outorgado à Palavra em contexto celebrativo (contando para tal as soluções encontradas e a relevância dada ao âmbito e à sua relação com a disposição da assembleia ou a sede da presidência, enquanto dispositivos fortemente relacionados com o lugar e a pertinência da Palavra no contexto da celebração litúrgica eclesial).

À presente dissertação preside também o intento de indagar de que forma foi esta centralidade da Palavra, tida como uma das grandes conquistas conciliares, configuradora dos espaços celebrativos ulteriores a este mesmo Concílio, não ignorando a importância que a concretização arquitectónica tem na capacidade de tradução, na vida eclesial, das linhas orientadoras promulgadas, procurando que elas se tornem concretas na vida da Igreja e dos seus fiéis.

Uma outra indagação junta-se a estas primeiras, já que estava presente no nosso desejo inicial encetar um estudo que procurasse identificar formas de concretização destas normas conciliares referidas (nomeadamente a centralidade outorgada à Palavra de Deus) na própria

diocese de Lisboa. Este desejo revelou-se difícil de concretizar, uma vez que este não foi um tema trabalhado de forma isolada, mas sempre na sua articulação com as restantes questões inerentes à projecção espacial. Ainda que a diocese de Lisboa tenha tido um papel extremamente relevante no que toca à reflexão arquitectónica pós-conciliar e ao desejo de que a erecção das novas igrejas fosse conforme aos novos modelos, quer teóricos quer práticos (como o denota o próprio Movimento de Renovação da Arte Religiosa ou o Secretariado para as Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa), foi difícil destacar exemplos que servissem os intentos desta dissertação. Dada, concomitantemente, a dimensão deste mesmo trabalho, este estudo mais localizado teve de ser relegado para uma ulterior oportunidade.

A dissertação está dividida em três capítulos, que se sucedem segundo a ordem lógica que nos pareceu mais eficaz, quanto aos objectivos do estudo, ainda que esta nem sempre corresponda à real sequência ou encadeamento dos acontecimentos.

O primeiro capítulo pretenderá ser uma breve resenha da contextualização histórica, por intermédio da qual explanaremos, ainda que de forma sintética, o enquadramento do Concílio Vaticano II no concernente aos temas que são fundamentais para o nosso trabalho, a saber, a liturgia, a Palavra de Deus e a pertinência da relação entre ambas. Elementar será a explanação de alguns movimentos surgentes nos séculos XIX e XX que prepararam este mesmo Concílio, permitindo as afirmações que nele vemos patentes. Ulteriormente, procederemos à análise dos documentos magisteriais contemporâneos que versam sobre a Palavra de Deus, procurando compreender a teologia que os informa. Por último, destacaremos algumas problemáticas teológicas advenientes destes desenvolvimentos magisteriais, assim como a sua relevância para uma teologia da Palavra de Deus.

O segundo capítulo procurará uma reflexão acerca do lugar da Palavra, analisando, para tal, o seu lugar na compreensão bíblico-cristã, cingindo depois a sua reflexão ao lugar da Palavra por excelência, no contexto do espaço celebrativo: o ambão. A abordagem deste dispositivo procurará uma abrangência razoável, desde alguns elementos históricos que consideramos fundamentais para esta reflexão, até ao elenco das valências simbólicas que este foi ganhando ao longo do tempo. Por fim, e evocando a necessidade de compreender o espaço celebrativo na sua unidade, tornar-se-á patente de que forma se articula o dispositivo do ambão com os restantes dispositivos presentes no espaço litúrgico, também eles entendidos como lugares de Palavra, ainda que em sentido lato, pois esta perpassa todo o evento litúrgico-celebrativo.

O último capítulo responde ao tema teológico no qual esta dissertação se insere. No âmbito da teologia prática, é fundamental que o estudo da teologia não se cinja somente às fontes teóricas, mas seja capaz de se apropriar da reflexão teológica implícita e manifesta nas

realizações práticas, correspondentes à experiência concreta do povo crente. Assim, analisando alguns espaços celebrativos, procuraremos mostrar como é que a centralidade da Palavra foi estando presente, de facto, na vida eclesial, nomeadamente na reflexão em torno do espaço celebrativo, da disposição dos diferentes lugares por ele exigidos e da relação entre estes.

Fundamental para este estudo foi o contacto com o trabalho, por nós muito admirado, da comunidade monástica de Bose, em Itália, pois os seus convénios anuais, que tanto instigam o pensamento teológico na sua relação com a arquitectura e a produção artística, muito têm contribuído para uma reflexão contemporânea do espaço litúrgico, cada vez mais coerente com a reflexão eclesial e adaptada a cada realidade local.

Esperamos que este trabalho que intentamos levar a cabo permita uma maior valorização do espaço celebrativo, dando relevância à importância da Palavra de Deus e à forma como esta permite a leitura deste mesmo espaço, conferindo-lhe significado e sentido. Sendo esta uma das revalorizações mais relevantes aquando do Concílio Vaticano II, consideramos que deve ser tida em conta em todos os âmbitos da vida eclesial de hoje, por forma a contribuir para a sua fecundidade. Assim esperamos no cruzamento desta mesma Palavra com o respectivo espaço celebrativo, pois que este ganhará certamente em riqueza e significado com a sua consideração, que não pode ser obliterada pois que, como veremos, é profunda a relação entre a Palavra de Deus e o evento litúrgico, ganhando aquela, neste, uma nova e surpreendente eficácia.

I

A centralidade da Palavra no âmbito litúrgico-eclesial: um itinerário histórico e teológico

Nas palavras de Enzo Bianchi, depois de um exílio secular, a Palavra de Deus retorna ao seu lugar central na vida da Igreja Católica e isso é um facto incontestável¹. A utilização da palavra “exílio”, talvez tida como exagerada por alguns, pretende caracterizar um período histórico onde, de facto, a presença da Palavra de Deus se cingia a alguns lugares específicos, omitindo a centralidade da sua proclamação, leitura e comentário, o que impediu muitas vezes o acesso de todos os crentes ao manancial de riquezas nela contidas. Os fenómenos que enquadram esta relegação são de várias ordens, assim como aqueles que contribuíram para uma ulterior revalorização da Palavra de Deus, como veremos ao longo deste primeiro capítulo, permitindo que esta reouviesse o seu lugar central na experiência de fé da Igreja. Esta movimentação, manifesta nas mais distintas áreas eclesiais, desde a práxis pastoral ao pensamento teológico, é concomitantemente verificável no enriquecimento e fortalecimento da experiência de fé de cada crente em particular².

Um dos pontos históricos mais relevantes para esta transformação que vimos referindo, e que será alvo da nossa atenção ao longo desta dissertação, foi o Concílio Vaticano II que representa, sem dúvida, um importante marco no que concerne à valorização da Palavra de Deus no contexto litúrgico-eclesial. A sua recepção contribuiu para uma mais profícua experiência cristã fundada na Palavra de Deus, manifestada numa radicação da experiência litúrgica nessa mesma Palavra, assim como no enriquecimento da experiência pessoal crente ao redescobrir no encontro pessoal com esta Palavra, que é Cristo, um dos seus principais alimentos.

¹ “Après un exil séculaire, la Parole de Dieu a retrouvé son caractère central dans la vie de l’Église catholique, c’est un fait incontestable”. E. BIANCHI, “Le caractère central de la Parole de Dieu” in G. ALBERIGO – J. JOSSUA (ed.), *La Réception de Vatican II*, les Éditions du Cerf, Paris, 1985, 157.

² Nas palavras de D. Virgílio Antunes: “Custa-nos hoje compreender como foi possível durante longos séculos relegar a Palavra de Deus para um lugar secundário tanto na sagrada liturgia como na catequese e na vida do Povo de Deus”. V. ANTUNES, “A Escritura na Igreja” in *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 46-47.

1 – O Concílio Vaticano II e o seu enquadramento

Ainda que reconhecendo o Concílio Vaticano II como um dos concílios na história da Igreja que mais se debruçou sobre a Palavra de Deus³, retirando daí relevantes consequências para a vida eclesial, é importante atentar que estas são fruto de um conjunto de movimentos que precedem este mesmo Concílio e que lhe ofereceram a reflexão e o aprofundamento necessários nesta matéria, permitindo as posições nele patentes. É este Concílio que vem reafirmar a posição de destaque que esta questão haveria de ocupar no seio da Igreja, apresentando a Palavra de Deus como viva e verdadeira, escrita, consagrada pelo Espírito Santo, e devolvendo-a à vida comum dos cristãos⁴. Claro que a sua presença sempre foi tida como fundamental na e para a vida eclesial, contudo, o seu acesso estava vedado a muitos, e a sua leitura reservada a clérigos e especialistas⁵. Por um lado, era exigida a utilização da tradução latina, a única autorizada; por outro, eram exigidos conhecimentos teológicos para a sua leitura e compreensão. Assim, a verdadeira transformação manifestou-se na possibilidade do contacto directo de todos os crentes com a Sagrada Escritura; Enzo Bianchi considera esta revalorização como a mais “epifânica” de todas as novidades conciliares⁶.

São notórias as consequências que esta transformação teve nos vários domínios da vida eclesial, dos quais a liturgia se constitui como um exemplo claro. O movimento litúrgico, cujo desenvolvimento precede o Concílio Vaticano II, tem em si uma inspiração profundamente bíblica, manifesta no próprio documento conciliar consagrado à liturgia. Desde a linguagem ao canto, vários são os aspectos que nos indicam a unidade patente entre a revalorização da Palavra de Deus na vida eclesial e o desejo de renovação da vida litúrgica da própria Igreja⁷. A mesma Constituição sublinha a profunda unidade existente entre a liturgia da Palavra e a

³ Segundo D. Anacleto Oliveira, “não houve, na história da Igreja, um concílio ecuménico em que a Palavra de Deus tenha sido tão dominante [...]. Isto nos dois sentidos em que a expressão Palavra de Deus em título pode ser interpretada: como objecto e como sujeito dos trabalhos conciliares. Por um lado, foi a Palavra de Deus o tema que mais ocupou e preocupou os padres conciliares; por outro, foi Deus pela Sua Palavra quem a isso os levou”. A. OLIVEIRA, “O Concílio da Palavra de Deus” in *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 41.

⁴ Cf. A. VAZ, “Bíblia e Vaticano II”, in *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 55.

⁵ “Il est vrai que l’Église catholique a toujours vécu de la Parole de Dieu, mais l’utilisation et la fréquentation de cette dernière ayant été réservée aux clercs et aux spécialistes, on s’était trouvé de fait dans une situation où le caractère central de la Parole était gommé par les traditions ecclésiastiques et par un système de médiations doctrinales et disciplinaires qui s’interposaient entre la conscience des croyants et l’Écriture Sainte, laquelle ne constituait l’élément fondateur et déterminant de la vie ecclésiale que d’une manière formelle”. E. BIANCHI, “Le caractère central de la Parole de Dieu”, 157.

⁶ “Je suis de plus en plus persuadé que parmi toutes les réceptions conciliaires, la plus ‘épiphannique’ est justement cette restitution de la Parole au Peuple de Dieu”. *Ibidem*, 157.

⁷ Cf. J. JOSSUA, “La constitution ‘Sacrosanctum Concilium’ dans l’ensemble de l’œuvre conciliaire”, in J. JOSSUA – Y. CONGAR (dir.), *La Liturgie après Vatican II : bilans, études, prospective*, Unam Sanctam (col.) 66, les Éditions du Cerf, Paris, 1967, 141.

liturgia eucarística, como duas partes essenciais de uma mesma acção cultual, a qual não subsiste na ausência de qualquer uma daquelas. Assim se pronuncia o mesmo Concílio no nº 56 da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*: “Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a missa - a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística - que formam um só acto de culto” (SC 56). A liturgia da Palavra é compreendida, quer pelos redactores do documento, quer pelos padres conciliares, como um dos principais valores da celebração eucarística, como se pode ler no nº 24 da mesma Constituição⁸.

Atentemos no enquadramento litúrgico à época, sobre o qual nos debruçaremos, pois que ele é fundamental para compreender o movimento que, apesar de anterior, ganha maior consistência e dimensão a partir da redacção da Constituição supra-referida: primeiro documento conciliar a ser aprovado e com apenas quatro votos contra. Como afirma Pierre-Marie Gy, mais do que a proclamação de uma estabilidade litúrgica, esta Constituição enceta um movimento próprio, que consagra aquele já começado pelo movimento litúrgico, e que havia sido reforçado pelas decisões tomadas pela papa Leão XII, atestadas pela encíclica *Mediator Dei*, promulgada a 20 de Novembro de 1947⁹. Esta necessidade de transformação da vida litúrgica, que pauta o início do século XX, muito contribuiu para a revalorização da Sagrada Escritura e da Palavra de Deus, como vimos explanando¹⁰.

O movimento litúrgico propriamente dito é tomado e ensaiado em pequenas realidades até assumir uma forma mais universal¹¹. A sua proveniência é de ordem diversa, como

⁸ “É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais” (SC 24).

⁹ P. GY, “Situation Historique de la Constitution”, in J. JOSSUA – Y. CONGAR (dir.), *La Liturgie après Vatican II : bilans, études, prospective*, Unam Sanctam (col.) 66, les Éditions du Cerf, Paris, 1967, 122. “A Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII [...] é considerada a ‘Magna Carta do Movimento litúrgico’”. J. CORDEIRO, “Apresentação” in B. COSTA, *Movimento Litúrgico em Portugal*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, 9.

¹⁰ Tratou-se, utilizando uma expressão de Ângelo Cardita, aquando da sua reflexão acerca deste tema, de “colocar a Igreja outra vez à escuta da Palavra”. Â. CARDITA, “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, *Theologica* 44 (2009) 328.

¹¹ Cf. J. CORDEIRO, “Apresentação”, 7. Segundo D. José Cordeiro, o movimento litúrgico pode ser compreendido segundo três períodos: o primeiro, de 1909 a 1914; o segundo, de 1914 a 1918; o terceiro, de 1943 a 1963. O acontecimento que marca cronologicamente o seu início é o *Congrès National des Oeuvres Catholiques* em Malines, na Bélgica, apesar dos seus antecedentes que foram tomando forma em diversos ambientes, particularmente monásticos. Cf. B. COSTA, *Movimento Litúrgico em Portugal*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, 30-31. Apesar de o nosso trabalho não se deter nas particularidades deste movimento, assim como na diversidade dos seus aspectos, mencionamos alguns dos principais nomes que contribuíram para esta renovação litúrgica: entre eles, Prosper Guéranger (1805-1875), Lambert Beauduin (1873-1953), Odo Casel (1886-1948), Romano Guardini (1885-1968) e Louis Bouyer (1913-2004). Para o aprofundamento da história que envolve este movimento recomendamos a consulta da seguinte bibliografia: O. ROUSSEAU, *Storia del movimento liturgico: lineamenti storici dagli inizi del sec. XIX fino ad oggi*, Paoline,

esclarece Dom Bernardino Ferreira da Costa, e é por causa dessa confluência que falamos de um movimento¹². A redescoberta da riqueza litúrgica e da necessidade da sua expansão para a vida do Povo de Deus pelas comunidades monásticas, particularmente as comunidades beneditinas, o aprofundamento teológico do valor da liturgia, assim como a redescoberta do valor e da riqueza das celebrações primitivas, são alguns dos pontos, entre outros, que ajudam a explicitar o surgimento deste movimento no seio da vida eclesial. É deste modo que um conjunto de preocupações pontualizadas, que se estendiam por várias realidades europeias, através de práticas localmente instituídas e da publicação de inúmeras obras de índole teológica e litúrgica, fundamentais para um aprofundamento dos trâmites do Movimento em questão, foram assumidas pela Igreja universal; decisão que foi posteriormente tomada por Pio XII ao estabelecer uma comissão responsável pela reforma litúrgica geral. Dos desenvolvimentos daí resultantes, assim como de outros incrementos, como o trabalho em algumas dioceses e os precedentes abertos pela promulgação da Carta Encíclica *Mediator Dei*, quatro pontos foram assumindo um relevo cada vez maior: “o carácter pastoral da liturgia, a sua importância no contexto missionário, a necessidade de introduzir uma língua viva na liturgia e o desejo da concelebração”¹³.

Para além destes, vários foram os incrementos introduzidos na celebração dos mistérios da fé, com incontornáveis consequências para a vivência dos fiéis cristãos. Estas pequenas reformas, lentas e amadurecidas, permitiram que o Concílio Vaticano II desenvolvesse uma nova teologia litúrgica, radicada nas experimentações levadas a cabo nos anos precedentes.

Uma das transformações mais relevantes, e cujos frutos são especialmente manifestos, é a centralidade outorgada à Palavra de Deus e ao seu lugar no contexto da experiência pessoal de fé de cada crente e no contexto da experiência celebrativa comunitária. Esta nova centralidade é enquadrada por este movimento litúrgico, encetado no final do século XIX, o qual não pode ser compreendido isoladamente, mas acompanhado pelos restantes movimentos seus contemporâneos: bíblico, patrístico e ecuménico. É transversal o desejo inexorável de regressar às fontes, permitindo uma renovação da vida cristã na sua experiência celebrativa e litúrgica, tendo por base a experiência celebrativa das primeiras comunidades cristãs. Nas palavras do padre José Ferreira: “pela nossa própria experiência litúrgica sabemos muito bem

Roma, 1961. Franco Brovelli elaborou um dossier bibliográfico que reúne os principais artigos que versavam sobre este tema: F. BROVELLI, “Rassegna bibliografica: spunti di método e di interpretazione” in F. BROVELLI (ed.), *Ritorno alla Liturgia, saggi di studio sul movimento liturgico*, Centro Liturgico Vincenziano, Roma, 1989, 19-45. Uma boa resenha bibliográfica pode também ser encontrada no seguinte artigo de Dom Bernardino Costa: B. COSTA, “O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia. António Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado”, *Didaskalia* XL/2 (2010) 135-156.

¹² Cf. B. COSTA, *Movimento Litúrgico em Portugal*, 53.

¹³ “Quatre points surtout prenaient un relief croissant: le caractère pastoral de la liturgie, son importance pour les missions, la nécessité d'introduire la langue vivante dans la liturgie, le désir de la concélébration”. P. GY, “Situation Historique de la Constitution”, 112.

o lugar excepcional que a palavra ocupa na celebração”¹⁴. Apesar das alterações sofridas ao longo da história, é manifesto o desejo de que lhe seja devolvida a sua devida importância e lugar.

Esta importante revalorização da Palavra de Deus está patente nos intentos provindos do Concílio em vários exemplos: numa utilização mais variada e abundante dos textos bíblicos, distribuídos de forma coerente ao longo do ano litúrgico; na proclamação de três textos bíblicos na celebração dominical, posteriormente comentados na homilia; na restauração de alguns elementos que haviam sido perdidos com o passar do tempo, como é o caso do salmo responsorial; na utilização das línguas vernáculas na acção litúrgica, permitindo que esta mesma acção passasse a ser, com maior propriedade, acção do Povo de Deus¹⁵. Estas transformações são enquadradas pelo próprio Concílio e pelas pronunciações feitas na Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*, que é apontada por Ângelo Cardita como o coração do próprio movimento litúrgico, que a precede e dela brota, envolvendo-a e conferindo-lhe as intuições que nela se tornam patentes.

“A *Sacrosanctum Concilium* não representa apenas a assunção das ideias do Movimento Litúrgico, mas também e principalmente o conjunto de critérios hermenêuticos que dão uma identidade eclesial ao próprio Movimento. Teologicamente, temos aqui um bom exemplo da forma como o *sensus fidei fidelium* mobiliza também a hierarquia e o magistério da Igreja, vendo-se, ao mesmo tempo, confirmado por eles”¹⁶.

A presença da Palavra de Deus, tal como pedida pelo próprio Concílio Vaticano II, tem-se estendido a todas as formas celebrativas, tendo um papel fundamental na reelaboração dos livros rituais. Atentemos como a celebração dos sacramentos e sacramentais estão hoje impregnados da Palavra de Deus, não só na sua presença explícita (aquando da proclamação do Evangelho, ou de alguma leitura que enquadra determinado rito sacramental¹⁷ – como acontece, por exemplo, no novo ritual para a administração do sacramento da Penitência ou do Baptismo¹⁸), mas de igual forma implícita, pois que as orações propostas são também elas

¹⁴ J. FERREIRA, “A Palavra e o Rito” in J. FERREIRA, *Os Mistérios de Cristo na Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, [s.d.], 154.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, 157.

¹⁶ Â. CARDITA, O Coração do Movimento Litúrgico: ‘Cinquenta anos antes’ de *Sacrosanctum Concilium*, ‘cinquenta anos depois’, *Theologica* 48 (2013) 237.

¹⁷ “Parmi les exemples qu'on peut découvrir à travers l'histoire chrétienne, il y a le service informel de la Parole, qui semble avoir accompagné le repas eucharistique primitif et plus tard l'agape quand elle fut séparée de l'eucharistie, ainsi que les lectures prescrites pour les funérailles, les messes votives et ainsi de suite”. P. BRADSHAW, “Perspectives historiques sur l'utilisation de la Bible dans la Liturgie”, *La Maison-Dieu*, 189 (1992) 89.

¹⁸ “No caso dos sacramentos, todos eles são hoje celebrados juntando ao rito, a palavra. Olhemos, por exemplo, para o Baptismo: a liturgia da palavra antecede a liturgia baptismal. A palavra diz, revela, anuncia o mistério celebrado; [...] Foi este um dos grandes valores reencontrados pela recente reforma da liturgia, o lugar

elaboradas a partir da Sagrada Escritura, tornando transversal, a todos os elementos que compõem as celebrações litúrgicas, uma mesma linguagem, que é a Palavra do próprio Deus, já que “as Escrituras são a Palavra fundadora da própria liturgia”¹⁹. Para François Cassingena-Trévedy, qualquer acto litúrgico que não comportasse uma “liturgia da Palavra” seria uma autêntica monstruosidade²⁰.

A relação entre Sagrada Escritura e liturgia torna-se por demais evidente na articulação desejada entre *lex orandi* e *lex credendi*. Nos primeiros séculos, as assembleias litúrgicas eram o lugar onde o anúncio da Ressurreição se perpetuava, permitindo que se desenvolvessem as tradições evangélicas, posteriormente passadas a escrito e consagradas como Palavra de Deus escrita e canonicamente fixada²¹. “Esta passagem a escrito traduz, concomitantemente, o desejo de manter, em tempo de crise, a comunicação da memória cultural, protegendo a ortodoxia contra a heresia”²². O próprio *corpus* paulino evidencia a prioridade da prática ritual e litúrgica, a fim de encontrar nela a norma para a regulação da prática sacramental. Esta relação permite também estabelecer uma estreita ligação entre Sagrada Escritura e Tradição, tal como explanada na Constituição Dogmática *Dei Verbum*²³. Mais do que dois conceitos autónomos, estes são dois requisitos por meio dos quais a Palavra ecoa hoje de forma viva na Igreja e, por meio dela, no mundo.

dado à palavra de Deus e a sua articulação com os ritos sagrados”. J. FERREIRA, “A Palavra e o Rito”, 155. “La liturgie de la Parole précède toujours le geste sacramentel, que ‘la Parole qui se rend visible’”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu: les sacrements*, Bayard Éditions, France, 2010, 103.

¹⁹ “Les Écritures constituent bien la Parole fondatrice de la liturgie elle-même”. IDEM, “La dimension biblique des textes liturgiques”, *La Maison-Dieu*, 189 (1992) 131.

²⁰ Cf. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume: une approche liturgique*, Ad Solem éditions, Paris, 2013, 78.

²¹ “Um pressuposto seguro parece ser que ‘bíblia e liturgia estão ligadas na sua própria gênese’. A partir daqui, é possível documentar que ‘a bíblia nasceu da liturgia’. De facto, as tradições que estão na base dos textos bíblicos foram elaboradas na medida do reconhecimento do carácter fundante dos eventos narrados e celebrados. ‘Mas também é verdade que a liturgia nasceu da bíblia’, precisamente como celebração do evento narrado”. Â. CARDITA, “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, 344. “La genèse du Canon est à concevoir dans sa relation avec la genèse de la liturgie”. K. JÖRNS, “Liturgie – Berceau de l’Écriture”, *La Maison-Dieu*, 189 (1992) 69. Para um estudo aprofundado acerca da influência da vivência litúrgica das primeiras comunidades na fixação do cânone escriturístico, evocando a proveniência da Sagrada Escritura da própria liturgia, consultar também o seguinte artigo: P. BÉGUERIE, “La Bible née de la Liturgie”, *La Maison-Dieu* 126 (1976), assim como este livro já citado por nós: L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 143-146.

²² “Le passage à l’écrit caractérise plutôt la tentative de maintenir, en temps de crise, la communication de la mémoire culturelle, et de protéger l’orthodoxie contre l’hérésie”. K. JÖRNS, “Liturgie – Berceau de l’Écriture”, 78.

²³ “A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência” (DV 9).

“Sem a Sagrada Escritura, da qual a norma é inseparável, a Tradição correria o risco de se desviar, ou de se converter numa verbosidade imprudente; ao passo que sem a Tradição, que a recebe e assimila, a Sagrada Escritura não passaria de um simples livro antigo, de uma letra morta”²⁴.

A vivificação do texto escrito acontece no seio da Igreja, mais concretamente na celebração litúrgica, aquando da reunião da assembleia²⁵. A liturgia da Palavra, momento celebrativo que denota de forma mais evidente a pertinência da Palavra proclamada neste contexto é, em última análise, a visibilidade “sacramental” dos elementos constitutivos da produção da Bíblia como Palavra de Deus²⁶.

“De facto, a palavra de Deus é o ponto de partida de toda a liturgia: ela congrega o povo na assembleia celebrante, ilumina-o e fá-lo crescer na fé, revela-lhe cada vez mais o mistério que constitui o objecto da celebração, oferece-lhe as palavras nas quais o próprio Deus é escutado e com as quais o povo responde ao Senhor que lhe falou, inspira-lhe a oração e dá-lhe o sentido cristão dos sinais. A palavra de Deus é, assim, primeiro a palavra que Deus dirige aos homens, para se tornar logo a palavra com que o homem se atreve a falar a Deus. Não fora ela palavra de Deus, e a celebração não passaria de palavroso discurso humano”²⁷.

É a Palavra de Deus que convoca e edifica a comunidade celebrante, permitindo ao mesmo tempo que esta se dirija a Deus, louvando-O e bendizendo-O por todas as maravilhas por ele operadas. É a partir da Palavra escutada e da experiência da sua actuação na vida de cada crente, a qual acontece de modo particular na celebração litúrgica, que a comunidade cristã se vai apercebendo de que aquela permanece actual e actuante, como ao longo de toda a *historia salutis*.

²⁴ “Car sans Écriture qui en est la norme inséparable, la tradition qui en est faite risquerait de s'égarer ou de tourner au bavardage ; et sans Tradition qui la reçoit, l'assimile et la transmet, l'Écriture ne risquerait-elle pas de se réduire à un vieux livre ou à une lettre morte?”. P. DE CLERCK, “Au commencement était le Verbe”, *La Maison-Dieu*, 189 (1992) 32. A impossibilidade desta ruptura é atestada pelo Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985: “the exegesis of the original meaning of Sacred Scripture most highly recommended by the Council, (cf. DV 12) cannot be separated from the living tradition of the Church (cf. DV 10). SÍNODO DOS BISPOS, “The Final Report of the 1985 Extraordinary Synod”, <https://www.ewtn.com/library/CURIA/SYNFINAL.HTM> [consultado em: 20 de Julho de 2018, 16:15h].

²⁵ “La Bible [est] inséparable de l'Église”, et plus précisément de la tradition vivante qui nourrit celle-ci. L'assemblée liturgique donne ainsi vraiment ‘lieu’ aux Écritures comme ‘Parole de Dieu’”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 146. “Dès lors, il peut arriver que ce lecteur soit conduit, par son expérience même de lecture, au seuil de la liturgie: moment non programmable où le texte devient effectivement parole de Dieu. L'appel liturgique à acclamer la parole de Dieu qui ne vise jamais le texte en lui-même mais ce qu'il devient dans sa réception par le croyant est ‘invitation à passer ce seuil’”. C. THEOBALD, *La réception du concile Vatican II: 1. Accéder à la source*, les Éditions du Cerf, Paris, 2009, 867.

²⁶ “La ‘liturgie de la Parole’ n'est pas autre chose, finalement, que la mise en visibilité ‘sacramentelle’ des éléments constitutifs de la production de la Bible comme ‘Parole de Dieu’”. L. CHAUVET, “La dimension biblique des textes liturgiques”, 140.

²⁷ J. FERREIRA, “A Palavra e o Rito”, 156-157.

Os benefícios da restauração da Palavra, porém, estendem-se para além do contexto litúrgico. É comum encontrarmos vários grupos que desenvolveram métodos de oração a partir da escuta da Palavra, reabilitando importantes métodos de oração e meditação a partir do texto bíblico, como por exemplo a *Lectio Divina*. Estas práticas têm sido portadoras de uma imensa fecundidade e transformação evangélica na vida das comunidades cristãs²⁸.

Transversal aos movimentos, aos quais fazíamos alusão, e que se tornam sobejamente pertinentes para a compreensão destes temas que vêm sendo por nós abordados – a saber: o movimento bíblico e o movimento litúrgico –, é o desejo tácito de regresso às fontes primárias do cristianismo, como forma de reabilitação da experiência evangélica e litúrgica, no desejo de fidelidade às suas origens segundo as intuições das primeiras comunidades cristãs. Este desejo é patente nestes dois movimentos, mas também noutra que o ilustra de forma particularmente profícua: o movimento patrístico (considerando todo o trabalho efectuado de reabilitação, tradução e análise crítica destes textos da antiguidade cristã), que se revelou um manancial riquíssimo de espiritualidade e uma redescoberta ímpar no que toca aos seus contributos teológicos para a renovação da reflexão eclesial.

A revalorização da Palavra de Deus na vida de cada crente, e da Igreja no seu conjunto, encontra-se também presente no movimento bíblico, encetado no princípio do século XX. Já mencionámos alguns dos condicionalismos históricos que foram relegando a Sagrada Escritura para um plano secundário, ou então restringindo o seu acesso à totalidade dos cristãos. Porém, o afastamento referido tem também como causa a emergência de uma nova compreensão da própria Sagrada Escritura. O entendimento que se estabeleceu aquando da Reforma protestante e a possibilidade de interpretação pessoal da Bíblia, tal como proposta por Martinho Lutero, levou a uma cisão entre a Palavra de Deus escrita e o Magistério eclesial, atestado pela Tradição e pela sucessão apostólica, mas não reconhecido pelo monge alemão. Como forma de evitar os perigos manifestos desta compreensão, a Igreja Católica proibiu a leitura descontextualizada da Sagrada Escritura, exigindo a sua interpretação segundo a Tradição eclesial. Dado o parco conhecimento da língua latina, com o passar dos séculos, a impossibilidade do acesso de cada fiel à Sagrada Escritura foi aumentando, ficando a experiência de fé restringida à prática sacramental e aos exercícios de piedade. O Movimento bíblico surge, então, com o intuito de reabilitar a Sagrada Escritura também como fonte de espiritualidade, reaproximando-a da vida de cada crente, ainda que vinculando sempre a sua leitura e interpretação ao magistério eclesial e à Tradição. A possibilidade de

²⁸ A facilidade de acesso, por parte de todos os crentes, ao texto bíblico, principalmente porque traduzido nas línguas vernáculas, não é certamente indiferente para a compreensão desta questão. Cf. C. DUCHESNEAU, “Une liturgie qui tire inspiration de la Sainte Écriture”, *La Maison-Dieu*, 166 (1986) 120.

tradução do texto bíblico para as línguas vernáculas foi outro dos incrementos que contribuiu para a facilitação deste acesso²⁹.

Um dos passos relevantes foi também a publicação da Carta Encíclica *Divino Aflante Spiritu*, pelo papa Pio XII, acerca dos estudos bíblicos. Também estes foram um factor determinante para a revalorização que vimos referindo. Esta encíclica pretendeu uma regulação dos métodos exegéticos e interpretativos a utilizar, contando que fossem conformes à própria Tradição eclesial. Os estudos bíblicos, aquando do desenvolvimento das ferramentas exegéticas modernas, e dos avanços no que respeita às descobertas históricas e arqueológicas que pautaram o século XIX, já haviam sido largamente incentivados pelo papa Leão XIII na sua Carta Encíclica *Providentissimus Deus*, sublinhadas sempre as respectivas reservas, como a dependência da ciência exegética à longa tradição eclesial, espiritual e interpretativa. O retorno à riqueza contida na Palavra de Deus desembocou, ulteriormente, na redacção da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, a qual nos propomos analisar adiante³⁰.

A centralidade, já referida, outorgada à Palavra de Deus no contexto eclesial, evoca ainda um outro importante movimento enquadrante das decisões conciliares, pois que esta primordialidade permitiu o acentuar de uma certa atmosfera ecuménica, que muito surpreendeu os observadores de outras confissões cristãs presentes nas várias sessões conciliares³¹. Ainda que com as devidas distâncias em relação à doutrina protestante da *sola scriptura*, houve um claro desejo dos padres conciliares de afirmarem o carácter “escriturístico” de toda a Liturgia, como se depreende da leitura do nº 24 da *Sacrosanctum Concilium*, já anteriormente referido e citado na presente exposição.

2. Da Constituição Dogmática *Dei Verbum* à Exortação Apostólica *Verbum Domini*

A questão bíblica é levantada, no contexto da Igreja Católica, com uma nova acentuação, no final do século XIX. Para tal foi importante o aprofundamento dos métodos exegéticos assim como as descobertas históricas e arqueológicas que pautaram o mesmo século. A publicação da encíclica *Providentissimus Deus* pelo Papa Leão XIII em 1893 marca uma posição importante contra os excessos racionalistas na análise hermenêutica das

²⁹ É feita uma abordagem sintética a esta questão pelo padre Gerson Schmidt numa entrevista dada à Vatican News. A entrevista, publicada por ocasião do aniversário quinquagenário do Concílio Vaticano II, pode ser escutada na seguinte ligação: G. SCHMIDT, “A mesa da Palavra: resgate do Concílio”, <http://tiny.cc/abl4yy> [consultado em: 21 de Junho de 2018, às 12:50h].

³⁰ A análise detalhada destes documentos, assim como dos desenvolvimentos do pronunciamento magisterial nesta matéria, podem ser encontrados na seguinte bibliografia: B. SESBOÛÉ - C. THEOBALD, *La parole du salut*, B. SESBOÛÉ (dir.), Histoire des Dogmes (col.) IV, Desclée, France, 1996.

³¹ Cf. A. ROUGUET, “La présence active du Christ dans la Parole de Dieu”, *La Maison-Dieu* 82 (1965) 8.

Escrituras. 50 anos depois, com a publicação da encíclica *Divino Afflante Spiritu*, o Papa Pio XII pronuncia-se contra uma exegese estritamente “mística” da Sagrada Escritura. Estes documentos, anteriores ao Concílio Vaticano II, prepararam e possibilitaram o desenvolvimento da compreensão teológica em torno da Palavra de Deus, e da sua relação com os restantes elementos da fé cristã e da vida eclesial³².

Deter-nos-emos, neste ponto, na análise da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, segundo a índole do nosso trabalho, e por isso relevando o seu papel fundamental no concernente à importância da Sagrada Escritura e ao seu impacto no que toca à experiência litúrgica eclesial. Este documento essencial do Concílio Vaticano II, que aborda a questão da Palavra e da Revelação divinas, apresenta-se como corolário no que toca aos pronunciamentos magisteriais acerca destas matérias teológicas, encerrando um ciclo de debates e definindo as bases fundamentais para uma justa interpretação das Sagradas Escrituras. Analisaremos ulteriormente a exortação apostólica *Verbum Domini*, pois que ilustra de forma clara o caminho eclesial trilhado desde a redacção do primeiro documento por nós elencado até à contemporaneidade, e a apropriação das suas afirmações e conteúdo por parte do povo crente, assim como a sua aplicação na vida eclesial³³.

Apesar da história da aprovação e publicação da Constituição Dogmática *Dei Verbum* ser extremamente complexa e haver envolvido inúmeras reelaborações documentais (o que denota as diferentes acentuações acerca das temáticas nele abordadas), teve um inegável contributo no concernente à compreensão eclesial hodierna da Palavra de Deus e do seu carácter central na vida de todos os crentes. Nas palavras de Bento XVI, 40 anos depois da promulgação do documento:

“A Constituição conciliar *Dei Verbum* imprimiu um forte impulso à valorização da Palavra de Deus, do qual derivou uma profunda renovação da vida da Comunidade eclesial, sobretudo na pregação, na catequese, na teologia, na espiritualidade e nas relações ecuménicas. De facto, é a Palavra de Deus que, por meio da acção do Espírito Santo, guia os crentes para a plenitude da verdade (cf. Jo 16, 13)”³⁴.

A possibilidade do acesso à verdade, que é Cristo, assaz pertinente na conjuntura moderna e contemporânea que envolve a lavra do documento, é entendida mais no seu sentido

³² Cf. A. OLIVIER, “De quelques axes majeurs de ‘Verbum Domini’”, *Bulletin Information Biblique* 77 (2011), <http://tiny.cc/dgl4yy> [consultado em: 03 de Julho de 2017, 01:15h].

³³ Apesar do nosso estudo se cingir aos documentos magisteriais supramencionados, não ignoramos a relevância dos documentos desenvolvidos pela Pontifícia Comissão Bíblica, assim como os documentos magisteriais precedentes, alguns por nós já referidos, que foram permitindo uma cada vez maior valorização do estudo da Sagrada Escritura e da possibilidade do seu acesso a todos os fiéis, e que serviram também eles de sustento aos documentos que nos propomos analisar.

³⁴ PAPA BENTO XVI, “Angelus”, 6 de Novembro de 2005, <http://tiny.cc/1ll4yy> [consultado em: 25 de Junho de 2018, às 12:45h].

relacional do que na sua valência de conhecimento vero. Esta compreensão manifesta-se numa nova concepção teológica de Tradição e na articulação desta com a Sagrada Escritura³⁵, assim como numa nova forma de entender a Revelação de Deus. A Palavra de Deus está contida na Sagrada Escritura, mas também na sagrada Tradição, sendo ambas um só depósito confiado à Igreja (cf. DV 10)³⁶. A sua interpretação está confiada ao magistério eclesial, “cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo” (DV 10). Este magistério não está acima da Palavra de Deus, mas ao seu serviço, manifestando-a ao povo crente, e oferecendo a sua interpretação, comunicando aos homens a fé e assegurando a autenticidade das verdades por Deus reveladas. A Revelação de Deus passa a ser entendida num sentido mais lato, englobando também a sua concretização histórica³⁷. A sua pertinência advém da forma como a Igreja depreende a acção de Deus, que vem ao encontro da humanidade no hoje da história, revelando-se a si mesmo.

“O eixo em torno do qual tudo gira é o conceito - ou melhor, a experiência - da auto-revelação ou da auto-comunicação de Deus (DV 2), um termo comum aos dois Concílios do Vaticano, mas que agora se estrutura experimentalmente através de uma leitura económica e sacramental do evento do Novo Testamento”³⁸.

Esta Revelação acontece de forma plena em Cristo e é valorizada mediante o seu carácter de relação, e não de conteúdo teórico-doutrinal. Há uma clara valorização do contexto histórico na medida em que este se articula com a Palavra, devendo ele próprio ser considerado como lugar hermenêutico onde se pode discernir a presença de Deus, e onde a

³⁵ “Le texte instaure une conception *théologique* de la Tradition qui distingue clairement la transmission de la Révélation comme processus ecclésial de réception et d’interprétation, historiquement repérable, de l’actualité de l’écoute de l’Évangile ou de la parole *de Dieu*”. C. THEOBALD, *Dans les traces...* de la constitution ‘*Dei Verbum*’ du concile Vatican II: Bible, théologie et pratiques de lecture, les Éditions du Cerf, Paris, 2009, 36.

³⁶ “Dès que l’identification des Écritures et de la parole de Dieu n’est plus immédiatement présumée mais reconnue comme résultat d’une expérience, un chemin peut être tracé qui conduit de la lecture de la Bible dans une perspective culturelle vers une écoute de la parole de Dieu, permettant de reconnaître les Écritures pour ce qu’elles sont”. C. THEOBALD, *La réception du concile Vatican II*, 845-846. Aconselhamos também a consulta das páginas 838-842 do mesmo livro.

³⁷ “La Révélation [...] n’est pas en effet définie, comme au concile Vatican I, à partir d’un contenu (des vérités à croire, des commandements à accomplir, des rites à pratiquer), mais comme expérience, comme événement de rencontre ou de communication”. *Ibidem*, 476.

³⁸ “L’axe autour duquel tout pivote est finalement le concept – ou plutôt l’expérience – d’autorévélation ou d’autocommunication de Dieu (nº 2), terme commun aux deux conciles du Vatican, mais devenant désormais expérimentalement structurant grâce à une lecture économique et sacramentelle de l’événement néotestamentaire”. C. THEOBALD, *La réception du concile Vatican II*, 721. A dimensão económica, ou histórica, manifesta as intervenções de Deus, e a dimensão sacramental designa a significação integral desses acontecimentos salvíficos que só podem ser conhecidos mediante a Palavra de Deus, que se manifesta ela mesma como acontecimento histórico. Cf. ARCHIVI CONCILII OECUMENICI VATICANI II, *Acta synodalia sacrosancti concilii oecumenici Vaticani II*, vol. III, pars III, typis polyglottis vaticanis, 1974, 134. “Cette manière de concevoir la parole de Dieu comme sujet primordial et permanent de sa propre tradition historique pose évidemment la question de l’articulation de ces deux plans, théologal et historique”. C. THEOBALD, *Dans les traces...* de la constitution ‘*Dei Verbum*’ du concile Vatican II, 36.

Palavra é proclamada e explicitada, pois que também ela é portadora de Revelação³⁹. Esta denotação exprime claramente uma valorização da teologia da encarnação pois que a Palavra se fez presente aos homens na forma de palavra humana, em Cristo, fazendo-se carne e assumindo, conseqüentemente, um contexto cultural, social, histórico, específico. Apresentando-se como palavra humana, requer que seja submetida aos métodos hermenêuticos próprios daquela. Como atestação desta verdade, o documento conciliar estabelece uma continuidade no que refere às posições magisteriais acerca dos desenvolvimentos do estudo bíblico e à importância da utilização dos métodos comuns a todo o estudo e a toda a crítica histórica (cf. DV 23)⁴⁰.

A preponderância dada à Sagrada Escritura e a valorização do seu papel eficaz na construção do corpo eclesial tornam-se fundamentais para compreender o dinamismo vivo da Palavra de Deus, tal como manifesta na *Carta aos Hebreus*: “A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Heb 4, 12), citada no nº 21 da *Dei Verbum*. Assim, torna-se fundamento de todas as dimensões da vida eclesial, como o denotam os restantes números do mesmo documento. A pregação deve ser “alimentada e regida pela Sagrada Escritura” (DV 21); a teologia deve ter como alma o estudo das Sagradas Letras (cf. DV 24); a vida quotidiana dos cristãos deve estar marcada pela frequente leitura da Sagrada Escritura (cf. DV 25). As palavras de Enzo Bianchi exprimem bem o carácter fundacional da própria Palavra e a sua importância na vida eclesial e ministerial: “A Palavra é colocada na vida da Igreja com toda a primazia e soberania, fazendo de cada ministério um serviço da Palavra, e de cada cristão um servidor da Palavra”⁴¹.

Quase 50 anos depois, a Exortação Apostólica *Verbum Domini* surge como fruto da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, resultado dos esforços encetados a partir da Constituição Dogmática *Dei Verbum* e do próprio Concílio em duas dimensões: primeiro, como amadurecimento efectivo da consciência da relevância da Palavra de Deus na vida eclesial; segundo, como tradução das considerações de um Sínodo dos Bispos, instância surgente dos intentos conciliares⁴². Como aprofundamento destes temas, e para

³⁹ Cf. E. BIANCHI, “Le caractère central de la Parole de Dieu”, 169.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 170.

⁴¹ “La Parole est donc placée dans la vie de l'Église avec toute la primauté et la souveraineté qui font de tout ministère un service de la Parole, et de chaque chrétien un serviteur de la Parole”. E. BIANCHI, “Le caractère central de la Parole de Dieu”, 166.

⁴² Artus Olivier apresenta, no seu artigo, a profunda relação existente entre a *Dei Verbum* e a *Verbum Domini*, em três pontos: a interpretação da Sagrada Escritura não pode descartar a encarnação dos seus escritores humanos, devendo contemplar a sua inserção histórica e cultural assim como os géneros literários próprios de cada texto (DV 12 e VD 34); a interpretação da Sagrada Escritura deve sempre ter em conta o carácter global da mesma, considerando a unidade existente entre o Antigo e o Novo Testamentos e procurando uma leitura intertextual dos mesmos (VD 38-41); a interpretação da Sagrada Escritura deve realizar-se sempre no seio da comunidade eclesial, herdeira da tradição e da interpretação escriturística (VD 17-18), e deve ser colocada sob a

compreendermos a necessidade de um contínuo aprofundamento nesta matéria, a exortação evidencia a Palavra de Deus como “base de toda a espiritualidade cristã autêntica e viva”, quando “anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja” (VD 121). O esquema que lhe subjaz é também ele extremamente elucidativo e permite uma apreensão lógica dos conteúdos presentes nesta Exortação, patentes nos grandes capítulos em que se subdivide: *Verbum Dei*; *Verbum in Ecclesia*; *Verbum Mundo*⁴³.

Sendo uma clara releitura da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, o documento começa por referir justamente o conceito de Revelação, expondo como elemento principal o desejo primaz de Deus de vir ao encontro da humanidade, dando-se a conhecer por sua libérrima bondade. Para tal se faz menção do prólogo de São João, a fim de ilustrar a permanência do Verbo no seio do Pai desde toda a eternidade (cf. VD 7). Esta é uma consideração cristológica, já presente no preâmbulo deste documento, a partir da qual o Santo Padre exorta ao encontro com Cristo, aquele que se manifesta como o Verbo da Vida, sublinhando a Pessoa de Cristo como a manifestação plena da Palavra de Deus no meio dos homens (cf. VD 2). A história da Revelação de Deus ao seu povo encontra a sua plenitude na encarnação do Verbo, preanunciada desde o princípio do mundo e concretizada na Palavra que se fez carne. A tradição patrística e medieval refere-se a este acontecimento fundante como “a abreviação do Verbo”⁴⁴, sugerindo a condensação da Palavra divina em realidade humana e assumindo uma corporeidade que permite a sua manifestação aos homens. Este movimento é sempre um acontecimento trinitário, de tal forma que o documento consagra alguns dos seus pontos à importância do Espírito Santo, relevando a dimensão pneumatológica inerente à Palavra de Deus, proclamada e acolhida (cf. VD 15-16) assim como à sua actuação no mundo. O final do primeiro capítulo estabelece a relação de Cristo, Palavra eterna, com a Sagrada Escritura e com a Tradição, tal como explicitadas no nº 10 da Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Também a sustentação teológica da Sagrada Escritura e da sua materialização encontra sentido na teologia da encarnação: “assim como o Verbo de Deus se fez carne por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, assim também a Sagrada Escritura nasce no seio da Igreja por obra do mesmo Espírito” (VD 19). É ainda necessária uma correcta leitura da temática da inspiração pois que é ela que exige a utilização dos métodos hermenêuticos próprios, já referenciados nos pontos precedentes do nosso trabalho, e que encontram também

responsabilidade do Magistério, instância que atesta a sua validação e consentaneidade com a Tradição (DV 10). Cf. A. OLIVIER, “De quelques axes majeurs de ‘Verbum Domini’.

⁴³ Uma breve síntese acerca da estrutura desta Exortação Apostólica pode ser encontrada no artigo supracitado: *Ibidem*.

⁴⁴ Esta temática, largamente desenvolvida pelo pensamento patrístico e medieval, é evocada pelo Papa Bento XVI na sua Exortação Apostólica *Verbum Domini* (cf. VD 12).

nesta exortação o seu lugar e reafirmação, como podemos ver na parte intitulada: “A Hermenêutica da Sagrada Escritura na Igreja”, n^{os} 29 a 49 da mesma Exortação.

A segunda parte da Exortação é consagrada ao acolhimento desta mesma Palavra, provinda de Deus, por parte da Igreja. Sendo Cristo a Palavra viva, a sua relação com a Igreja não é uma questão do passado, historicamente localizada e aí encerrada. Por acção do Espírito Santo, actuante na vida eclesial, Cristo torna-se presente no hoje da história, falando à sua Igreja e a cada um daqueles que se predispõem a escutá-lo e a entrar em relação com ele. Os n^{os} 1 e 8 da *Dei Verbum* também atestam esta realidade, apresentando a Igreja como comunidade viva e animada pela Palavra que é Cristo, que ressoa por meio do Espírito Santo que naqueloutra habita.

“Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo - por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo - introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza” (DV 8).

O anúncio da Palavra é uma realidade viva que brota da escuta e do encontro pessoal com Cristo, que acontece no seio da Igreja. Considerando esta como “Casa da Palavra”, como explana o n^o 52 desta Exortação, depreendemos concomitantemente a relevação que se confere à Palavra de Deus no contexto litúrgico. De facto, como apresentámos anteriormente, a acção litúrgica está impregnada da Sagrada Escritura e dela haure muitas das suas riquezas, que a constituem intrinsecamente. Este movimento é, porém, biunívoco, pois que também a proclamação da Palavra encontra na liturgia as condições ideais para a fecundidade da sua acção.

“De facto, na relação entre Palavra e gesto sacramental, mostra-se de forma litúrgica o agir de Deus na história, por meio do carácter performativo da Palavra. Com efeito, na história da salvação, não há separação entre o que Deus diz e faz” (VD 53).

Descobrir esta dimensão performativa da Palavra é perceber que a acção de Deus na história acontece no hoje da acção litúrgica, que a actualiza e permite a sua efectivação. Também a relação entre a Palavra e os Sacramentos é fundamental, e acontece de forma mais profunda na Eucaristia, de tal forma que esta não é compreensível sem a primeira. A Palavra de Deus, escutada, torna-se carne, pela acção sacramental, e as Sagradas Escrituras explanam o Mistério eucarístico celebrado, permitindo a plenitude da sua compreensão (VD 55). Necessariamente, um dos temas apresentados pelos padres conciliares foi o da

sacramentalidade da Palavra⁴⁵. Falar deste horizonte é ter em conta a contextualização histórica do acontecimento salvífico de Deus, que se manifesta no espaço e no tempo, interpelando a vida de cada homem e mulher nos seus contextos específicos. Há ainda uma analogia com a presença real de Cristo nas espécies consagradas, de tal forma que Cristo se encontra também presente aquando da proclamação da Palavra na Liturgia⁴⁶. O nº 68 desta Exortação, na senda do que vem sendo explanado, apresenta ainda algumas considerações concretas, muito pertinentes para o nosso trabalho, acerca da importância do espaço para o favorecimento da escuta da Palavra de Deus.

“Na construção das igrejas, os Bispos, valendo-se da devida ajuda, procurem que sejam locais adequados à proclamação da Palavra, à meditação e à celebração eucarística. Os espaços sagrados, mesmo fora da acção litúrgica, revistam-se de eloquência, apresentando o mistério cristão relacionado com a Palavra de Deus” (VD 68).

Ao ambão deve então ser dada a atenção devida, enquanto lugar litúrgico a partir do qual é proclamada a Palavra de Deus. Deve ser visível e deve fazer convergir, espontaneamente, a atenção dos fiéis que se reúnem no edifício eclesial. Deve estar plenamente harmonizado com o altar, por forma a tornar evidente a relação entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística, manifestando o sentido teológico da dupla mesa da Palavra e da Eucaristia⁴⁷ (cf. VD 68).

O último capítulo detém-se sobre o tema da missão eclesial que brota da escuta e vivência da Palavra no seio da Igreja: o seu anúncio à totalidade dos povos. É da Palavra que brota toda a missão eclesial, e é o seu anúncio que se apresenta como principal tarefa, a qual compete a todos os baptizados. Há, assim, um importante esforço de adaptabilidade também expresso no documento, pois que a Palavra de Deus se deve expressar tendo em conta a diversidade de culturas, e fazendo uso das manifestações artísticas próprias de cada lugar, como a arquitectura ou as artes figurativas. São também elas que permitem que o dinamismo “incarnacional” aconteça, aduzindo todos, em todos os lugares, a um contacto com esta Palavra que vivifica e que deseja encontrar-se com cada um.

O esquema que subjaz a todo o documento é extremamente claro e manifesta a compreensão do dinamismo próprio da Revelação de Deus mediante a sua Palavra. Só a partir

⁴⁵ “Aprofundar o sentido da sacramentalidade da Palavra de Deus pode favorecer uma maior compreensão unitária do mistério da revelação em ‘acções e palavras intimamente relacionadas’, sendo de proveito à vida espiritual dos fiéis e à acção pastoral da Igreja” (VD 56).

⁴⁶ Atentemos a relação desta afirmação com o nº 7 da constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*.

⁴⁷ Esta questão será aprofundada no segundo capítulo do presente trabalho, aquando da exploração da relação do lugar próprio da Palavra, em sentido estrito, com os restantes dispositivos presentes no espaço litúrgico.

do desejo de Deus de se comunicar aos homens, que acontece de forma plena no seu Filho, Jesus Cristo, se compreende a Igreja, como comunidade por Deus reunida, que escuta a sua Palavra, predispondo-se para o encontro com ele para, a partir daí, depois de verdadeiramente transformada por esse encontro, difundir essa mesma Palavra recebida pelo mundo.

3. Algumas considerações teológicas em torno da Palavra

Sabendo que a transformação das concepções teológicas não acontece de forma sistemática, ou seja, como resultado exclusivo dos pronunciamentos feitos pelos documentos magisterais, é manifesta a importância que estes têm no desenvolvimento teológico eclesial. Atentamos, porém, que a reflexão teológica é muitas vezes anterior aos pronunciamentos considerados definitivos, explorando tantas vezes o caminho que permite os avanços ulteriormente denotados nos documentos oficiais. Assim, se alguns dos aprofundamentos teológicos acerca da Palavra de Deus, da sua relação com a experiência litúrgica das comunidades cristãs e da sua pertinência na espiritualidade cristã, quer pessoal, de cada cristão, quer eclesial, entendida na sua dimensão comunitária, resultam das linhas orientadoras provindas da reflexão eclesial “oficial”, há um percurso simultâneo (e, muitas vezes, anterior) que, pressupondo a autonomia do pensamento teológico, procura aprofundar a fé eclesial, tornando-se pioneiro em determinadas propostas teológicas que depois são, ou não, incluídas nos próprios documentos, quando se coadunam com a experiência de Fé, tal como experimentada pelo corpo eclesial.

Consagraremos este ponto à exploração de algumas questões teológicas que, apesar de procedentes deste percurso por nós explanado, e ao mesmo tempo presentes em alguns dos documentos analisados no ponto anterior, têm a sua história própria, como vimos explicitando, naquela que é a busca por um aprofundamento cada vez maior das realidades da fé. Dada a relevância de várias matérias para a compreensão do tema a que nos propusemos, indagaremos primeiramente acerca da relação existente entre a Palavra de Deus e a liturgia eclesial que, como demonstrado no ponto anterior, se encontra presente nos documentos magisteriais analisados. Escolhemos, para desenvolvimento posterior, dois temas que nos parecem relevantes, no quadro da teologia hodierna, para uma reflexão teológica que procura entrecruzar a Palavra de Deus e a celebração litúrgica eclesial – o âmbito sacramental da Palavra e a sua dimensão performativa - e que já se encontram, de forma latente, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* e, de forma patente, na Exortação Apostólica *Verbum Domini*.

3.1 – A fecundidade litúrgica da Sagrada Escritura

O Concílio Vaticano II e os movimentos precedentes (como vimos explanando), permitiram uma nova linha reflexiva que procura aprofundar uma teologia cabal acerca da Palavra, compreendendo-a no contexto da proclamação litúrgica e como proveniente dessa mesma experiência⁴⁸. Louis-Marie Chauvet utiliza uma expressão curiosa, mas pertinente, no que refere à ilustração da relação intrínseca que existe entre a Sagrada Escritura e a celebração litúrgica: “a Bíblia está, na assembleia litúrgica, como um peixe dentro de água”⁴⁹. De facto, é uma compreensão já presente na Igreja o facto de ser na liturgia que as Escrituras asseguram o seu estatuto de Palavra fundante de Salvação⁵⁰. O acto da proclamação, fundamental neste contexto, não pode ser desprezado aquando da procura de compreensão desta questão, pois que, mais do que uma reprodução mecânica de um texto asséptico, ela evoca a categoria de diálogo que lhe é inerente⁵¹. Assim, os dinamismos humanos não podem ser excluídos, o que denota o seu carácter ambivalente, talvez de aparência paradoxal: o texto deve ser compreendido não só como Palavra de Deus, mas também como palavra humana sobre Deus⁵².

François Cassingena-Trévedy, na continuidade da proclamação conciliar que salvaguarda a unidade entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística (cf. SC 56), vai ainda mais longe, afirmando que qualquer acção litúrgica deve ser compreendida como ‘liturgia da Palavra’, pois que a liturgia da Palavra não acontece fora da liturgia do Corpo, no sentido lato do termo⁵³. É aquando da celebração da liturgia que se torna patente a unidade entre Palavra e

⁴⁸ Nas palavras de Ângelo Cardita, “o desafio de uma teologia da palavra a partir do uso litúrgico-ritual das escrituras e da concomitância entre a participação ritual e a centralidade da mediação cristológica é um dos mais notáveis frutos da teologia litúrgica e do Movimento litúrgico”. Â. CARDITA, “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, 324.

⁴⁹ “La Bible est dans l’assemblée liturgique comme un poisson dans l’eau”. Esta expressão é o título de um ponto de reflexão da segunda parte do seu livro, intitulada: “quand la Parole devient sacrement”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 141.

⁵⁰ “L’Église l’a compris depuis fort longtemps: c’est finalement quand elles sont assumées en liturgie que les Écritures saintes assurent leur statut de Parole fondatrice du salut”. R. KUNTZMANN, L’Herméneutique Biblique”, *Revue des sciences religieuses* 80 (2006) 382.

⁵¹ “[...] entre a escritura e a Palavra não há uma identidade imediata e absoluta, mas abre-se aí espaço para o ‘diálogo’ entre Deus e os homens nas várias formas de apropriação das escrituras”. Â. CARDITA, “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, 336. “A liturgia configura-se como espaço de verificabilidade da palavra bíblica de Deus, a celebração é palavra que objectiva a fé contra a tirania da leitura subjectivista ou nominalista”. J. CARVALHO, “A dupla mesa e suas consequências”, *Hvmanistica e teologia* 26 (2005) 275.

⁵² Cf. R. KUNTZMANN, L’Herméneutique Biblique”, 377.

⁵³ “Toute la liturgie est, *in radice, in solidum*, liturgie de la Parole. Il n’y a pas une liturgie de la Parole et une liturgie du Corps (ce ne sont là, en un sens, que repères pédagogiques ou architecturaux pour une première ‘visite’ de la liturgie chrétienne), mais il y a une unique liturgie de la Parole et du Corps, de la Parole-Corps, puisque aussi bien, du point de vue christologique (comme du simple point de vue anthropologique), la Parole est intérieure au Corps qui la prononce et le Corps intérieur à la Parole qu’il profère, le même Sujet étant Corps et Parole”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 73.

Corpo, na medida em que estas realidades assumem aquilo que as une quer em sentido cristológico, quer no sentido antropológico. Do ponto de vista sacramental, a Palavra não é então um elemento extrínseco, que prepara a presença de algo exterior a si, mas é elemento intrínseco e requerido para a eficácia da própria acção sacramental. Do ponto de vista celebrativo, também o Corpo não é dispensável, pois que é elemento necessário para a proclamação da própria Palavra, que se torna presente no seu meio, numa relação biunívoca e requerendo, para a sua proclamação, o corpo eclesial que ela própria reúne e congrega.

Numa exposição acerca da relação entre a Palavra proclamada e o próprio Cristo, evidenciando a profunda relação entre ambos, Patrick Prétot utiliza a passagem dos discípulos de Emaús para manifestar a unidade que existe entre a Palavra e a acção sacramental, como se depreende da celebração eucarística. É nela que é dado aos fiéis experimentar a relação que existe entre Palavra e sacramento. No relato dos discípulos de Emaús, a Palavra só é verdadeiramente compreendida aquando da fracção do pão. Cristo manifesta-lhes que é a sua vida que se entrega por intermédio da Sua Palavra a eles oferecida. “O acesso à Palavra está sob o signo da Eucaristia, porque se trata de uma Palavra viva, de uma Palavra que é comida, o ‘pão da vida’ [...]”⁵⁴. Esta Palavra viva, este verdadeiro pão da vida, não se reduz ao fisicismo dos textos bíblicos, pois que a Igreja só se compreende enquanto povo reunido e congregado pela Palavra de Cristo que lhe fala em cada acção litúrgica, particularmente na celebração da Eucaristia⁵⁵.

A reflexão cristológica é fundamental para o aprofundamento destas questões⁵⁶. Num paralelismo entre o nº 7 da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*, já referido, e o número que lhe corresponde na Encíclica de Pio XII, *Mediator Dei*, depreendemos a continuidade existente entre ambos os documentos, que se traduz na quase plena identificação do seu conteúdo. Ambos indagam acerca da presença de Cristo nos vários momentos da celebração litúrgica, conservando praticamente a mesma sequência (Cf. MD 17). Acontece que a grande diferença é a presença de Cristo mediante a proclamação da Sagrada Escritura: “Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7). Esta presença viva de Cristo, tal como a depreendemos do segundo documento evocado, demarca a proclamação litúrgica da Palavra da sua leitura individual, fora do

⁵⁴ “L'accès à la Parole est donc sous le signe de l'Eucharistie parce qu'il s'agit d'une Parole vivante, une Parole qui est nourriture, le ‘pain de vie’ [...]”. P. PRÉTOT, “Prier la Parole: un discernement sur l'usage des revues liturgiques”, *Bulletin Information Biblique* 79 (2012) <http://tiny.cc/ywl4yy> [consultado em: 03 de Julho de 2017, 01:30h].

⁵⁵ “Le repas du Seigneur conjugue-t-il partage eucharistique et proclamation de la Parole, dans une même figure du mystère pascal de Jésus : ‘Chaque fois que vous mangez ce pain et buvez cette coupe, vous annoncez la mort du Seigneur, jusqu'à ce qu'il vienne’ (1 Co 11,26)”. Y. BLANCHARD, “L'oralité dans l'Écriture”, *La Maison-Dieu* 226 (2001) 72.

⁵⁶ A liturgia da Palavra na sua dimensão cristológica é explorada por François Cassingena-Trévedy na seguinte bibliografia: F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 79-92.

contexto celebrativo, beneficiando a primeira de um certo carácter sacramental, pois que permite que aqueles que se reúnem por seu intermédio beneficiem da força actualizadora que advém da presença do próprio Cristo aquando da proclamação da Palavra neste contexto⁵⁷. De facto, a Palavra proclamada na celebração litúrgica demarca-se da leitura de um qualquer outro texto, como seria a leitura de uma qualquer plêiade de documentos históricos. A Palavra, no contexto litúrgico, é transmitida no hoje da história, actualizando não apenas a sua mensagem, mas também o seu mensageiro⁵⁸. Atentemos à dimensão ministerial da própria proclamação, em articulação com a problemática da encarnação a que já aludimos. Em continuidade, a humanidade continua a ser requerida para que a comunicação de Deus aconteça e se faça presente no hoje da história.

A linguagem incarnacional é também utilizada por Ângelo Cardita na leitura que faz da relação entre Sagrada Escritura e Palavra. Este é o movimento próprio da Palavra eterna que entra no espaço e se faz Escritura. “A lógica da chegada de Deus à linguagem culmina assim naturalmente na encarnação, quando ‘o Verbo se fez carne’ (Jo 1, 14)”. A pertinência da oralidade no contexto litúrgico advém da necessidade de devolução dessa mesma Palavra de Deus na sua dimensão temporal (evocada pela acção ritual), devolvendo-lhe a sua condição originária intercomunicativa de evento revelador⁵⁹.

A proclamação, enquadrada no dinamismo humano que lhe subjaz, deve ser um dos principais pontos reflexivos na relação entre Palavra e liturgia, pois que é na entrega da Sagrada Escritura à voz humana, no contexto litúrgico, que a assembleia se torna apta para o seu reconhecimento e acolhimento na fé como Palavra de Deus⁶⁰.

⁵⁷ A. ROUGUET, “La présence active du Christ dans la Parole de Dieu”, 10. Esta compreensão está presente na própria estrutura transcendental do diálogo tal como o concebemos humanamente. Nas palavras de Philippe Béguerie, quando se refere à proclamação da Palavra na liturgia: “La liturgie chrétienne est un lieu où le livre devient Parole. Et la théologie chrétienne fait même de cette parole la manifestation d'une présence. Quand une parole frappe mon oreille je cherche instinctivement celui qui parle. S'il veut être entendu, celui-ci ne craint pas d'attirer l'attention sur sa présence. L'acte de parole comporte un ‘je’ qui s'adresse à un ‘tu’ ou à un ‘vous’; il est appel, convocation à l'écoute. Et le cadre de la liturgie chrétienne est tout entier fait pour donner vie à la ‘Parole’. Il rétablit le ‘je’ qui parle. Il crée le ‘nous’ qui écoute. Il se vit comme un dialogue car il y a parole de Dieu et réponse de l'assemblée”. P. BÉGUERIE, “La Bible née de la Liturgie”, 111.

⁵⁸ “La Parole de Dieu [...] est présentée par l'Église [...] comme une parole qui nous est transmise aujourd'hui par le messenger du Dieu vivant. Or c'est dans la proclamation liturgique de la Parole de Dieu que se réalise cette double actualisation du messenger et du message”. P. JOUNEL, “La Bible dans la liturgie” in *Parole de Dieu et Liturgie: le Congrès de Strasbourg*, Lex Orandi (col.) 25, les Éditions du Cerf, Paris, 1958, 41-42.

⁵⁹ Cf. Â. CARDITA, “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, 355.

⁶⁰ Cf. *Ibidem*. “Ces textes, respectés dans la positivité de leur lettre même, sont en quelque sorte relevés de leur état de mort par la voix vive du lecteur qui en exprime symboliquement (‘sacramentellement’) l'essence de parole vive de Dieu pour l'aujourd'hui de chaque génération”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 141. São relevantes, para compreender o dinamismo humano referido, o carácter discursivo e o carácter dialogal, que atestam a proclamação da Palavra como uma experiência verdadeiramente humana. Cf. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 59.

3.2 – A sacramentalidade da Palavra

A relação entre Palavra e sacramento sempre fez parte da compreensão cristã, como o denotam as palavras de Santo Agostinho: “*Accedit verbum ad elementum et fit sacramentum*”⁶¹. O étimo *verbum* deve ser entendido não somente em referência às palavras propriamente ditas, um dos elementos essenciais para a validade sacramental, mas principalmente como a presença de Cristo, Verbo de Deus que, por meio do Espírito Santo, torna eficazes os gestos sacramentais, que transformam a matéria na realidade sacramental, permitindo que os sinais realizem aquilo que significam⁶².

Depois da reforma protestante, ocorrida no século XVI, deu-se uma cisão entre a Palavra e o âmbito sacramental. Num desejo de libertar a Palavra de Deus do cativo da instituição sacramental, Martinho Lutero ignora a segunda para absolutizar a primeira, introduzindo assim uma dicotomia entre estes dois elementos⁶³.

Hoje, a compreensão teológica vem-se modificando neste âmbito, procurando novas formas de abordagem no que concerne ao mistério da Palavra e da sua relação com a teologia sacramental. Entre os vários benefícios desta reaproximação é incontornável o impacto positivo no que respeita ao diálogo ecumênico⁶⁴. É possível, então, pensar a capacidade de os sacramentos darem voz às realidades místicas por eles evocadas, tornando-se mediação entre estas e a vida humana ou, mais precisamente, entendê-los como uma modalidade particular da Palavra de Deus⁶⁵.

A questão da sacramentalidade, mencionada pela Exortação Apostólica *Verbum Domini*, que a assume sem complexos, prende-se justamente com a questão que vimos explanando desde o ponto anterior: a relação entre Cristo e a proclamação da Palavra no contexto celebrativo. Se a Sagrada Escritura se torna, na celebração litúrgica, Palavra de Deus, Palavra viva, presente e acolhida no seio da Igreja, então é possível estabelecer a analogia entre a presença real de Cristo nas espécies eucarísticas e a sua presença aquando da proclamação desta mesma Palavra (cf. VD 56)⁶⁶. Falar de sacramentalidade é, assim, tornar

⁶¹ L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 105.

⁶² “Le ‘Verbe’ est d’abord le Christ lui-même, qui, par l’Esprit, transforme l’élément. [...] Mais le même ‘Christ-Verbe’ n’advient pas sous le même aspect selon que l’on est temps de carême ou de Pâques [...]. Enfin, le Verbe est la parole sacramentelle, laquelle est comme le ‘précipité’, moyennant l’Esprit, des deux niveaux précédents”. *Ibidem*, 120.

⁶³ *Ibidem*, 105.

⁶⁴ *Ibidem*, 106.

⁶⁵ “Le sacrement peut être pensé comme ‘parole’, plus précisément comme modalité particulière de la ‘Parole de Dieu’”. *Ibidem*, 115.

⁶⁶ “La liturgie, et particulièrement la liturgie eucharistique, apparaît ainsi comme le ‘point de référence’ de la juste compréhension de la Parole de Dieu. Dans la liturgie, l’Écriture Sainte est manifestée comme Parole de Dieu, comme Parole vivante – Verbe de Dieu – accueillie par l’Église : ‘La sacramentalité de la Parole se

manifesta a presença da realidade que determinado sinal evoca. A Palavra de Deus, quando proclamada no seu lugar privilegiado, torna-se Palavra dirigida pelo próprio Deus ao seu povo, falando à vida actual de cada qual, chamado a escutá-la e a corresponder-lhe⁶⁷.

Esta leitura teológica exige a consideração da questão sacramental no seu âmbito alargado: Cristo é o sacramento por excelência, na medida em que exprime de forma perfeita a mediação entre Deus e a humanidade⁶⁸, mas é também a Palavra de Deus, que se faz carne, manifestando-se fisicamente como anúncio. É assim possível, num esforço de construção analógica, deprender a sacramentalidade da Sagrada Escritura proclamada na medida em que esta se entende como forma visível da Palavra eterna de Deus⁶⁹. Para Santo Agostinho, o *sacramentum* era um *quasi visibile verbum*, o que o fez considerar, na senda dos pensadores da antiguidade cristã, a Sagrada Escritura como o primeiro sacramento da Palavra de Deus,

comprend par analogie à la présence réelle du Christ sous les espèces du pain et du vin consacrés”. A. OLIVIER, “De quelques axes majeurs de ‘Verbum Domini’”.

⁶⁷ Cf. P. PRÉTOT, “Prier la Parole”. “Le fait, en effet, que tout geste sacramentel soit précédé d’une ou plusieurs lectures de l’Écriture constitue un lieu théologique de premier ordre : le sacrement n’est pas autre chose, nous est-il dit par là, que l’achèvement ou l’accomplissement de l’Écriture comme Parole de Dieu”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 119.

⁶⁸ André Birmelé recorre às categorias de Jüngel, o qual emprega o termo ‘sacramento’ como noção teológica que exprime a mediação entre Deus e os seres humanos. Mediação essa que se faz presente plenamente em Jesus Cristo. Cf. A. BIRMELÉ, “La sacramentalità delle scritture” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 34. Este autor, de origem protestante, evoca uma compreensão suportada pelas considerações de Lutero que se referia a Cristo como o único sacramento, demarcando-se da teologia católica que sempre havia consagrado sete sacramentos, tornando exclusiva a utilização do étimo aquando da referência àqueles. Karl Rahner apresenta uma teologia que demarca o lugar de Cristo – enquanto *Ur-sakrament* – daquele ocupado pela Igreja – *grund-sakrament*, entendida desde a Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* como Sacramento de Salvação (cf. LG 1 e 9, GS 42, SC 26). Esta compreensão coaduna-se com a própria eclesiologia conciliar que reflecte a Igreja na sua categoria de sinal no meio do mundo, fazendo chegar a todos as graças promanadas da Páscoa de Cristo, por intermédio da sua acção sacramental. Esta compreensão não desdiz em nada a importância da valorização do septenário sacramental: “la définition des sacrements au sens strict, telle qu’elle a été donnée au XII^e siècle, est intellectuellement précieuse, autant il importe, sur le plan existentiel ou spirituel, de l’oublier en quelque sorte”. L. CHAUVET, “Avancée (Ecuméniques possibles en matière de Sacrements: un point de vue catholique)”, *La Maison-Dieu* 261 (2010) 14. Referindo-se à experiência litúrgica, também François Cassingena-Trévedy utiliza o âmbito alargado da sacramentalidade: “La comprensione litúrgica è subordinata alla comprensione della sacramentalità. Quanto alla prassi ecclesiale della liturgia, essa si è sempre rivelata storicamente come la traduzione concreta e la realizzazione di una teologia sacramentale. Al di là della sacramentalità diversificata e plurale del settenario propriamente detto, cioè dell’esercizio della liturgia manifesta, visibilizza e sviluppa, ciò che realizza e rappresenta à la sacramentalità fondamentale e antecedente dal punto de vista logico della chiesa stessa, perché ‘la chiesa è in Cristo come un sacramento o segno e strumento dell’intima unione con Dio e dell’unità di tutto il genere umano (LG 1)”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Bellezza della Liturgia*, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2003, 15.

⁶⁹ “Le Scritture sono *sacramentum* della Parola di Dio, come l’eucaristia lo é del corpo e del sangue del Signore”. E. BIANCHI, “Discorso di apertura del Convegno” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 12. André Birmelé vai mais longe falando desta forma visível como “sacramento ‘audível’”. Cf. A. BIRMELÉ, “La sacramentalità delle scritture”, 39. Louis-Marie Chauvet evidencia as dimensões da Escritura proclamada que revelam a sua identidade sacramental. “L’Écriture est le premier tabernacle ou le premier ‘sacrement’ de la Parole de Dieu. Parce qu’elle est sacrement, le ministre qui vient de lire l’évangile du jour peut élever le livre en proclamant : ‘Acclamons la Parole de Dieu’ ; parce qu’elle n’est que sacrement, l’assemblée répond non pas par ‘louange à toi, ô magnifique livre’, mais par ‘louange à toi, Seigneur Jésus’. Cet écart dans la similitude est l’indice même de la sacramentalité”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 116.

com fortes repercussões na construção do próprio pensamento ocidental⁷⁰. Ao longo da história, com os desenvolvimentos teológicos e a fixação do septenário sacramental, o sentido do étimo foi sendo restringido a esse septenário, perdendo a riqueza semântica na qual estava imerso⁷¹.

Louis-Marie Chauvet, abordando a questão sacramental, evoca a seguinte analogia, que permite a exploração deste tema como enriquecimento da desconstrução que vimos explanando, num entendimento mais lato da dimensão sacramental:

“O que é um sacramento se não [...] o desdobramento eclesial da intencionalidade da Palavra de Deus como *dabar*? Mas isso convida-nos a revisitar a Bíblia quando ela é proclamada no 'espaço litúrgico': este constitui, de facto, um espaço que lhe não é estranho; pelo contrário, esse espaço de 'sacramentalidade' é-lhe homogêneo, o que não é indiferente no que refere ao modo de conceber a Palavra de Deus, bem como de compreender a sua relação com os sacramentos. É também necessário que a Escritura, 'morta', porque fixada na página do Livro, se torne Palavra viva: esta é a obra do Espírito Santo [...] que garante a passagem da Escritura para a Palavra e, pela epiclese, desta para o sacramento”⁷².

A sacramentalidade refere, então, a eficácia da Palavra no contexto celebrativo, eficácia esta que advém da força do Espírito Santo⁷³. É o mesmo dinamismo, pleno de unidade e acontecido no seio de Maria aquando da encarnação do Verbo, pois que na acção litúrgica a palavra se une ao sacramento, subjazendo a esta união o próprio mistério da encarnação (cf. VD 56).

“A realidade do mistério revelado é-nos oferecida na carne do Filho. A Palavra de Deus torna-se perceptível à fé pelo 'signo' das palavras e dos gestos humanos. Logo, a fé reconhece o Verbo de Deus no acolhimento dos gestos e palavras pelos quais ele mesmo se nos apresenta”⁷⁴.

⁷⁰ Cf. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 49.

⁷¹ Para uma sintética resenha acerca desta questão, na sua relação com a teologia litúrgica, recomendamos a leitura da 1ª parte do livro de Louis-Marie Chauvet, intitulada: “Sacramentaire Fondamentale”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 33-101.

⁷² “Qu'est-ce qu'un sacrement sinon, selon notamment la *lex orandi* de l'Église qui fait toujours du geste sacramentel l'achèvement de la bien nommée 'liturgie de la Parole', le déploiement ecclésial de l'intentionnalité de la Parole de Dieu comme *dabar*? Mais cela invite à revisiter la Bible lorsqu'elle est proclamée dans le 'site liturgique': celui-ci en effet constitue un espace qui ne lui est pas étranger; bien au contraire, cet espace de 'sacramentalité' lui est homogène, ce qui n'est pas sans conséquence sur la manière aussi bien de concevoir la Parole de Dieu que de comprendre son rapport aux sacraments. Encore faut-il que l'Écriture, 'morte' tant qu'elle est simplement figée sur la page du Livre, adienne comme Parole vivante: c'est là l'œuvre de l'Esprit saint. [...] ce même Esprit, qui assure le passage de l'Écriture à la Parole et, par l'épiclese, de celle-ci au sacrement”.

Ibidem, 9.

⁷³ “Un sacrement ne peut pas être plus compris en dehors de l'action de l'Esprit qu'il ne peut être compris en dehors du champ de la Parole”. *Ibidem*, 129.

⁷⁴ “La réalité du mystère révélé nous est offerte dans la 'chair' du Fils. La Parole de Dieu se rend perceptible à la foi par le “signe” des paroles et des gestes humains. La foi, donc, reconnaît le Verbe de Dieu, en accueillant les gestes et les paroles par lesquels il se présente lui-même à nous”. P. PRÉTOT, “Prier la Parole: un discernement sur l'usage des revues liturgiques”, *Bulletin Information Biblique* 79 (2012) <https://www.bible-service.net/extranet/pages/1572.html> [consultado em: 03 de Julho de 2017, 01:30h].

A relevância desta temática relaciona-se, sem dúvida, com dois pontos que devem ser tidos em conta na compreensão da Palavra de Deus e do seu lugar no contexto litúrgico. Primeiro, a compreensão de que Cristo se faz presente realmente no contexto celebrativo, sob diversas modalidades, ainda que estas se distingam entre si (cf. SC 7). É o próprio Cristo que aí se faz presente, de forma real e concreta, o que implica uma atenção maior de cada crente no concernente ao seu papel em cada um dos momentos celebrativos, que exigem diferentes disposições da sua parte por forma a acolher a presença de Deus que vem ao seu encontro aquando da comunidade reunida⁷⁵. Apesar destas diferentes modalidades, como referido, a questão da sacramentalidade permite compreender a celebração cristã na sua unidade, pois que ela está directamente ligada a Cristo e dele advém. É este que vem ao encontro da humanidade num intervalo temporal e num espaço físico concretos, fazendo-se presente por intermédio de diferentes sinais, alguns sacramentais em sentido estrito, outros partilhando deste carácter sacramental, num sentido mais amplo. Ainda que a sua presença, enquanto Verbo incarnado, se faça por intermédio de várias formas, elas constituem uma unidade própria em si. A sua valoração individual não está estritamente dependente desta unidade, porém encontra na plenitude da celebração sacramental o seu maior valor e compreensão.

3.3 - A dimensão performativa da Palavra

A questão da performatividade está profundamente relacionada com a questão anterior na medida em que procura exprimir a acção da Palavra, ou seja, do próprio Cristo que por meio dela se faz presente, por intermédio do seu Espírito, que habita a Igreja. Também André Birmelé evoca a “palavra performativa” como categoria teológica.

“O texto da Escritura torna-se, pela obra do Espírito Santo, o Evangelho, isto é, uma abertura dinâmica que opera o que afirma e promete, e que nos torna participantes de Cristo. [...] Não é apenas informação sobre Deus, mas uma palavra, um elemento natural e testemunho

⁷⁵ A dimensão comunitária é apontada como pertinente por François Cassingena-Trévedy, pois que o seu valor sacramental advém da condição ‘social’ e relacional, poderíamos dizer, comunitária, que lhe dá forma e corpo, evitando uma qualquer compreensão abstracta ou idealista. “Il serait illusoire, pour nous, de prétendre rencontrer la Parole comme une espèce d’abstraction, d’idée, d’en-soi, car la Parole est *avec nous* et ne se présente à nous que dans cette situation d’*avec-nous*. La liturgie de la Parole en soi, mais dans sa condition ‘sociale’ et relationnelle *avec nous*, ce qui est une autre manière de désigner et de définir sa condition sacramentelle”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 74. É a mediação eclesial que torna a Palavra visível e audível, de tal forma que esta não pode ser separada do seu Corpo, que é a Igreja. Cf. *Ibidem*, 95.

humano, que pelo próprio facto de ser proclamada, se torna, através do Espírito Santo, Palavra performativa, Evangelho, uma força que me coloca no vórtice da graça de Deus”⁷⁶.

Apesar da acentuação teológica protestante que caracteriza o pensamento deste autor, já referida anteriormente, encontramos nesta tematização uma valoração clara da Palavra de Deus no contexto celebrativo, o que se pode tornar deveras enriquecedor para uma melhor compreensão das riquezas já vividas pela comunidade eclesial, remetendo-nos para a relação desta questão com distintas áreas teológicas como a pneumatologia ou a caritologia. Esta questão teológica é integrada na própria Exortação Apostólica *Verbum Domini*, como já referido anteriormente. A performatividade é um dos grandes temas trabalhados por Ângelo Cardita, que releva a importância da inserção da Palavra no contexto da *performance* litúrgica para a sua exploração teológica. Numa das suas afirmações adverte para o défice manifesto de qualquer teologia hodierna acerca da Palavra que evite passar pela sua dimensão ritual⁷⁷.

A linguagem humana acontece por intermédio de sinais, que traduzem determinadas realidades que se pretendem expressar. Estes sinais acontecem mediante gestos ou palavras e concretizam uma acção. Ora, o mistério celebrado na acção, que é a liturgia cristã, exprime-se, necessariamente, mediante a utilização das categorias acima referidas, em continuidade com o mistério da encarnação do Verbo de Deus, como explicitado pelo padre José Ferreira no seu artigo: “a Palavra e o Rito”⁷⁸. “A palavra é elemento fundamental de toda a liturgia, como o foi de toda a história da salvação [...]. Mas também na liturgia a palavra tende a encontrar continuidade e como que complementaridade nos sinais”⁷⁹. Estes sinais podem ser os ritos que explicitam os significantes evocados por essas mesmas palavras. Mediante os gestos e as palavras, a liturgia torna-se lugar de construção temporal e espacial, pois que tal como a Palavra sendo dita, perfaz um tempo determinado para que tal aconteça, assim a acção gestual

⁷⁶ “Il testo della scrittura diventa, per opera dello spirito santo, evangelo, cioè una parola dinamica che opera ciò che afferma e promette, e che ci rende partecipi di cristo. non è semplice informazione a proposito di Dio ma una parola, elemento naturale e testimonianza umana, che per il fatto stesso di essere proclamata diventa, mediante lo Spirito Santo, Parola performativa, Evangelo, una forza che mi pone nel vortice della grazia di Dio”. A. BIRMELÉ, “La sacramentalità delle scritture”, 39.

⁷⁷ “Uma teologia da Palavra de Deus que não passe hoje pela teologia litúrgica – e, portanto, pela valorização da passagem ritual da escritura à palavra (através da proclamação e da recriação litúrgica da escritura assim como da sua audição e interpretação comunitárias) enquanto modalidade religiosa de reconhecimento e acolhimento da Palavra de Deus – perde parte essencial do seu tema”. Â. CARDITA, “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, 334. Este foi também um dos frutos dos esforços conciliares, que permitiu uma profícua aproximação entre a teologia litúrgica e a teologia sacramental, conhecida nos estudos teológicos contemporâneos como *Ritual Studies*, valorizada aprofundada pela área de estudo da teologia prática.

⁷⁸ J. FERREIRA, “A Palavra e o Rito”, 153-154.

⁷⁹ *Ibidem*, 154. Esta relação, à qual fazemos alusão de forma breve, é a base antropológica e teológica de toda a teologia sacramental, manifesta no pensamento de São Tomás e consagrada pela Tradição eclesial. Hoje, a celebração de todos os sacramentos pressupõe a relação entre palavra e rito. “A palavra diz, revela, anuncia, o mistério celebrado; e logo o rito, o sinal, [...] faz, realiza o que a palavra acabou de proclamar”. *Ibidem*, 155.

determina e circunscreve uma porção espacial, concretizando a acção salvífica de Deus e da sua Palavra no hoje da história⁸⁰.

Na abordagem da relação entre uma teologia em torno da Palavra de Deus e a celebração litúrgica, um dos pontos fundamentais, necessariamente presentes, há-de ser a reflexão acerca da unidade que devem manifestar dois elementos: a palavra e o rito; são estes, dois elementos fundamentais nos quais assenta a celebração litúrgica, sintetizando o ‘dizer’ e o ‘fazer’ que nela acontecem⁸¹. Há uma unidade implícita nesta relação que não pode ser cindida, correndo o risco de desvalorização de uma destas partes e, conseqüentemente, da perda da riqueza de uma mesma acção celebrativa que se enseja unitária⁸².

“Como a liturgia do corpo [eucarística] acontece mediante a frase: 'Fazei isto em memória de mim' (Lc 22,9), a liturgia da Palavra acontece mediante a frase: 'Dizei isto em memória de mim'. [...] O amigo oferece as suas palavras, tal como oferece o seu corpo-vida”⁸³.

A Palavra de Deus, que é Jesus Cristo, deve ser entendida nesta dupla modalidade: como Palavra propriamente dita e como Eucaristia, ofertada nos dons consagrados⁸⁴. De facto, a promessa que saciaria a fome do povo de Israel deve ser lida mediante outra passagem escriturística, que evoca a unidade destas duas modalidades: “nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus (Mt 4, 4 – citando Dt 8, 3). Fazendo-se pão, a Palavra, porque assume a metonímia representativa da cultura mediterrânea, expressa, de facto, a totalidade da alimentação. Porém, a insuperabilidade da Palavra acontece porque ela é una com Cristo, a Palavra de Deus em plenitude. Esta dádiva, actualizada na celebração eucarística para alimento do povo de Deus, há-de evocar, ao mesmo tempo, a sua valência de Palavra dita, também ela oferecida como dom de amor e de salvação, que nutre o coração e a vida dos crentes, dimensão esta que não pode, de forma alguma, ser ignorada ou esquecida⁸⁵.

⁸⁰ “[La liturgia] sposa indissolubilmente il gesto alla parola, e così come la parola ha bisogno di tempo per essere detta, il gesto ha bisogno di spazio per essere compiuto. Mediante la parola e il gesto la liturgia costruisce il tempo e lo spazio”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Bellezza della Liturgia*, 52.

⁸¹ J. FERREIRA, “A Palavra e o Rito”, 153.

⁸² “La *lex orandi* de l’Église nous requiert d’ailleurs de comprendre ainsi les choses, puisque tout geste sacramentel est précédé d’une ou plusieurs lectures de l’Écriture”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 51.

⁸³ “Comme la liturgie du corps passe par l’expression ‘Faites ceci en mémoire de moi’ (Lc 22,9), la liturgie de la Parole se déroule à travers la phrase ‘Dis ceci en mémoire de moi’. [...] L’ami donne ses mots, comme il donne la vie de son corps”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 58.

⁸⁴ “Encore faut-il, pour cela, faire jouer l’analogie qui permet de considérer cette ‘parole’ dans sa double modalité sacramentelle: celle de l’Écriture, et celle de l’eau ou du pain et du vin sanctifiés par l’Esprit”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 54. “L’Église réalise pleinement ce qui est son essence et trouve son épiphany dans la liturgie où l’Écriture et le Pain révèlent son mystère, et, à travers le métabolisme, deviennent Parole et Corps du Christ ressuscité”. E. BIANCHI, “Le caractère central de la Parole de Dieu”, 166.

⁸⁵ “Qui n’a pas ‘mangé la Parole’, qui n’a pas ruminé le mystère du Christ dans l’Esprit ne peut recevoir un sacrement de manière féconde”. L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 124.

II

Os “lugares da Palavra” e a sua concretização no contexto espaço-litúrgico

O Concílio Vaticano II deixou um legado fundamental para a compreensão do espaço celebrativo e, conseqüentemente, dos diferentes lugares que o compõem. Assim, surge a pertinência da revalorização do lugar da Palavra, sendo que esta novidade corresponde a uma redescoberta da sua importância na vida eclesial cristã, evidenciada no primeiro capítulo do nosso estudo. A centralidade outorgada à Palavra de Deus tem também influenciado na reflexão arquitectónica contemporânea, procurando a actualização e a tradução das linhas reflexivas conciliares em propostas arquitectónicas coerentes e, acima de tudo, adequadas à Igreja de hoje que, na sua universalidade, é sempre histórica, cultural e geograficamente localizada. Na reflexão que se segue acerca do espaço litúrgico, nomeadamente daqueles lugares que têm uma relação mais directa com a Palavra, torna-se assaz pertinente ter em conta as principais linhas eclesiológicas e litúrgicas conciliares, pois que são elas que suportam qualquer reflexão acerca dos lugares próprios da celebração litúrgica, assim como da peculiaridade dos seus *genii*⁸⁶.

Neste capítulo abordaremos primeiramente a relação existente entre a Palavra e o lugar, procurando uma abordagem bíblica que contextualize a problemática desta dissertação, assim como a compreensão do espaço litúrgico como um lugar habitado pela própria Palavra. Seguidamente, procuraremos indagar sobre o lugar da Palavra por excelência – o ambão -, explorando as suas vertentes histórica, simbólica e figurativa. Concluiremos indagando acerca

⁸⁶ Pretendemos fazer referência a um conceito romano, habitualmente utilizado na reflexão teológica acerca do espaço: *genius loci*. Segundo Christian Norberg-Schulz, na sua obra *Genius loci*, este conceito pretende exprimir o ‘espírito do lugar’, ou seja, a realidade concreta que o homem tem de enfrentar e aceitar na sua vida quotidiana. É tarefa da arquitectura visualizar este *genius loci* e criar lugares significativos, facilitando a sua habitação por parte do homem. Cf. C. NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*, Edições Rizzoli, Nova York, 1984, 5. A tese de doutoramento de José Manuel Ribeiro Gomes procura uma síntese dos principais autores que referem esta questão, conhecida no universo francês como “*génie chrétien du lieu*”, apresentando o lugar como um espaço com uma pluralidade de significações que lhe conferem a sua especificidade. Cf. J. GOMES, *Liturgie et Architecture: l'aménagement de l'espace liturgique*, Paris, Institut Catholique, I.S.L., Mémoire de Maitrise, 1992. Apenas se tornou possível, para a realização desta dissertação, o acesso ao resumo da tese supramencionada: J. GOMES, “Liturgia e arquitectura: uma nova arquitectura para um novo projecto litúrgico”, *Didaskalia* XXXVI/1 (2006) 215-225.

da relação entre o lugar próprio da Palavra e os restantes lugares presentes no espaço celebrativo, identificando os pontos de contacto entre eles e evidenciando a unidade que são chamados a manifestar apesar da particularidade das suas valências específicas.

1 – Teologia cristã do lugar

O lugar, à semelhança do tempo, é uma categoria fundamental para a reflexão em torno da experiência litúrgica da fé cristã. Esta categoria traduz uma das condições necessárias a partir da qual se torna possível o encontro do homem com Deus. Apenas o mistério da encarnação nos oferece a gramática correcta para uma leitura cristã do lugar, na medida em que valoriza o ser-aí do homem, e a sua condição de possibilidade de encontro. Esta condição é partilhada por Cristo, que se fez homem, assumindo um corpo, e com ele todas as suas inerências, como lemos na interpretação escriturística do salmo 40, presente na *Carta aos Hebreus*: “Por isso, ao entrar no mundo, Cristo diz: Tu não quiseste sacrifícios nem oblações, mas preparaste-me um corpo” (Heb 10,5).

Mais do que uma reflexão acerca do lugar do ponto de vista filosófico ou teológico, o que nos desviaria do essencial da nossa problemática, pretendemos, como introdução a este capítulo, uma breve reflexão acerca do lugar da Palavra, do ponto de vista bíblico e teológico, a fim de nos debruçarmos ulteriormente sobre os lugares específicos da Palavra no contexto do espaço litúrgico⁸⁷. A partir de algumas considerações bíblicas que abordam a problemática desta relação, procuraremos ler o lugar na sua relação com Deus e, por isso, entendê-lo como dom outorgado ao seu povo. É esta linha de leitura que nos permitirá, num último momento, reflectir a arquitectura como concretização e materialização da possibilidade do encontro entre Deus e a humanidade.

1.1 – A relação entre lugar e Palavra: considerações bíblicas

Na história do povo de Israel, a relação entre palavra e lugar não é imediata. Porém, a compreensão da realidade, enquanto criada por Deus, pode oferecer-nos algumas pistas acerca da subtil relação que existe entre ambos.

A Palavra, entendida como Palavra de YHWH é, para o povo de Israel, o sustento da realidade: a Palavra de YHWH que criou os céus e a terra e por meio da qual tudo foi feito.

⁸⁷ Algumas reflexões acerca do lugar e do espaço, entrecruzando compreensões de âmbito filosófico e teológico, podem ser encontradas nesta obra, numa visão muito marcada pela fenomenologia: M. D’ORFEUIL, *Lieu, présence, résurrection: Relectures de phénoménologie eucharistique*, Les Édition du Cerf, Paris, 2016, 53-80.

De acordo com a tradição bíblica, a compreensão do dizer de Deus tem uma peculiaridade pois que faz coincidir o dizer e o fazer de Deus, na medida em que a sua Palavra é sempre eficaz e executa sempre aquilo que anuncia, distinguindo-a, assim, das palavras humanas.

“Assim como a chuva e a neve descem do céu, e não voltam mais para lá, senão depois de empapar a terra, de a fecundar e fazer germinar, para que dê semente ao semeador e pão para comer, o mesmo sucede à palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão” (Is 55, 10-11).

A compreensão do universo está então mergulhada nesta cosmovisão. Assim sendo, este não resulta apenas de um simples acaso, mas é querido e ensejado por Deus. Toda a criação provém da sua Palavra, que tudo regula e cria. O Salmo 33 canta esta certeza de uma forma ímpar: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, pelo sopro da sua boca todos os seus exércitos. Ele falou e as coisas existiram. Ele mandou e as coisas subsistiram (Sl 33,6)” (Cf. VD 8).

A questão do lugar enfrenta problemas de ordem diversa. Desde o princípio que o povo de Israel desejou construir um lugar para que Deus habitasse no meio do seu povo, o que se apresenta como paradoxal, pois que o Deus, para o qual havia de ser construído esse lugar onde habitar, é o mesmo que havia criado os céus e a terra (cf. Jr 23, 24), ou seja, todos os lugares e toda a espacialidade. Esta paradoxalidade é expressa no *Primeiro Livro das Crónicas*, no qual nos deparamos com o desejo de David de construir uma casa para o Senhor e com a resposta de Deus a esta inquietação:

“Quando David se instalou no seu palácio disse ao profeta Natan: ‘Eis que habito num palácio de cedro, e a Arca da aliança do Senhor está debaixo de uma tenda’. Natan respondeu: ‘Faz o que o teu coração te inspirar, porque Deus está contigo’. Mas na noite seguinte a palavra de Deus foi dirigida a Natan nestes termos: Vai e diz a David, meu servo: Isto diz o Senhor: ‘Não és tu que me construirás a casa em que habitarei. Nunca habitei em casa fixa, desde o dia em que tirei Israel do Egito até hoje, mas tenho andado de tenda em tenda, de morada em morada [...]. Dei um lugar de habitação ao meu povo de Israel; fixei-o. [...] e anuncio-te que o Senhor edificará para ti uma casa” (1 Cr 7, 1-5.9.10).

Perante a inquietação de David, Deus apresenta-se ele mesmo como um dispensador de um lugar para o povo, e não o contrário. De facto, não é o povo que erige um lugar para que a Palavra habite no meio dele, mas é a própria Palavra que oferece um lugar para habitar no meio do povo. Assim, cada espaço sagrado há-de ser entendido, como o explana a passagem

do *Primeiro Livro das Crónicas* supracitada, como criação e concessão do próprio Deus, por amor do seu povo⁸⁸.

François Cassingena-Trévedy apresenta três lugares oferecidos por Deus ao seu povo: o Mundo, a Tenda e o Corpo. A primeira categoria remete-nos para o livro do *Génese*, lugar privilegiado da performatividade da Palavra, assim como do estabelecimento do espaço criado enquanto tal. É à Palavra que cabe o protagonismo de organizar o espaço criado, tornando-o habitável. Noutra linguagem, é a Palavra que concede ao aparente $\chi\acute{\alpha}\omicron\varsigma$ primordial um $\Lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$ próprio – que é imputado a toda a criação por ela ordenada. Vemos, assim, como nestas páginas da Escritura se articula de imediato Palavra e lugar, assinalando-o como o primeiro acto da história, integrado num tempo, também ele criado. É neste lugar criado que o homem é colocado, lugar oferecido como dom (cf. Gn 1, 26), tornando-se assim condição primordial para a possibilidade do encontro com Deus. A segunda categoria aponta para os lugares edificadas para a habitação de Deus no meio do povo; falamos da Tenda (cf. Ex 25-31.35-40) e do Templo (1 Re 5-9). Mais do que lugares edificadas, eles expressam o desejo do encontro do homem com Deus. São lugares únicos, pessoalmente escolhidos por YHWH, habitados pela sua presença, que traduzem a Aliança firmada entre Deus e o seu povo⁸⁹. A terceira categoria é o Corpo, que se articula imperiosamente com a temática da encarnação já explicitada. Atenemos ainda que os dois primeiros lugares enunciados apresentam um carácter efémero inegável, coadunando-se pouco com a identidade de Deus, eterno e imutável:

“É por isso que um momento definitivo intervém na história, onde a Palavra se entrega a si mesma como Lugar, para nos dar um Lugar dando-se a nós: é o momento da Encarnação, onde a Palavra toma finalmente um Corpo, um corpo físico, e então, por meio da Páscoa, um corpo sacramental-elesial, que é absolutamente próprio dela, ao mesmo tempo em que se torna nosso também”⁹⁰.

Deus faz-se, ele próprio, um lugar, definitivo e perene, estabelecendo-o como lugar consagrado perpetuamente para o encontro da humanidade consigo. A compreensão neotestamentária evidencia então que Deus já não cinge a sua presença a um lugar específico, pois que a sua redenção alcançou a totalidade do *cosmos*, fazendo-se presente em qualquer lugar em que a comunidade se reúna em seu nome. Deus não habita em lugares feitos pelas

⁸⁸ Cf. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, “Quand la Parole donne Lieu ou de l’espace liturgique”, *La Maison-Dieu*, 239 (2004) 122.

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 125-126.

⁹⁰ “C’est pourquoi intervient dans l’histoire un moment définitive où la Parole se donne Lieu à elle-même, pour nous donner Lieu en se donnant à nous: c’est le moment de l’Incarnation où la Parole prend Corps enfin, un corps physique, puis, moyennant la Pâque, un corps sacramental-eclésial qui lui est absolument propre en même temps qu’il devient le nôtre”. *Ibidem*, 126.

mãos dos homens, como explica São Paulo aos atenienses (cf. Act 17, 24), mas “na sua comunidade, edificada como construção viva por Cristo, ‘pedra angular’, no Espírito Santo”, tornando-se a comunidade cristã o verdadeiro templo⁹¹.

É incontornável, na abordagem a esta temática, o diálogo entre Jesus e a samaritana. A questão da verdade da adoração e do lugar requerido para a sua validade é rapidamente desconstruída por Jesus, que não restringe a adoração “em espírito e verdade” a um espaço físico concreto (cf. Jo 4, 23). Nas palavras de João Damasceno, quem seriam estes verdadeiros adoradores? “São os que não encerram o culto num lugar”⁹². A interpretação de Rudolf Schnackenburg para a passagem da samaritana acima referida remete as palavras ditas por Jesus à samaritana para um horizonte escatológico, que só encontrará plena concretização no fim dos tempos⁹³. Relegando a questão para o plano da escatologia, talvez assim possamos compreender cada lugar celebrativo nesta tensão própria que lhes é inerente: lugares concretos, geograficamente localizados, nos quais se manifesta a presença de Deus sem que esta fique por eles restringida⁹⁴.

O edifício eclesial, ainda que fundamental, como o consagra toda a história do cristianismo, deve acautelar-se sempre em relação aos perigos da fixação a um lugar, pois que facilmente surge a ideia de que Deus está à disposição do homem num qualquer lugar de culto, passível de ser dominado por quaisquer práticas rituais.

“Onde um edifício religioso sustente tal ideia, surgirá certamente uma concepção de fé diferente daquela onde este espaço é entendido em primeiro lugar como casa da comunidade, onde Deus esteja presente não através do espaço, mas através da acção crente desta comunidade, através do seu agir na liturgia e na diaconia”⁹⁵.

Esta compreensão não pretende uma desvalorização do lugar físico, por si só, o que seria simplesmente a negação de toda a realidade da encarnação, já que a nossa humanidade requer a existência de lugares concretos, mas antes uma inversão da compreensão do espaço

⁹¹ K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja: o significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, [s.d.], 42 [tradução elaborada por Vítor Coutinho].

⁹² JOÃO DAMASCENO, Homilia XXXIII, 2 sobre Jo 4, 21-27 cit. apud A. BAUGÄRTNER, *Jesus e a Samaritana (João 4, 1-41)*, Col. Cadernos Bíblicos 100, Difusora Bíblica, Fátima, 2008, 49.

⁹³ “Jesús responde a la samaritana con unas palabras de revelación que remiten al futuro: ‘se acerca la hora’ en que ambos santuarios perderán su significado”. A palavra ‘hora’ tem, no Evangelho segundo São João, um sentido religioso escatológico e aponta para a figura de Jesus: “en él se anuncia la nueva forma de la adoración de Dios, para la cual es irrelevante el lugar del culto”. Naquele, os antigos lugares de oração e de sacrifício perdem o seu significado, pois que será erigido, nele, um novo templo. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan: Versión y comentario*, I, Editorial Herder, Barcelona, 1980, 505.

⁹⁴ “A igreja-edifício, visto que evoca esta comunhão [entre Deus e a humanidade], já de algum modo antecipada e vivida, pode ser considerada um lugar escatológico, ‘sinal e símbolo das realidades celestes’”. COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DA ITÁLIA, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, 2ª ed., 22 [tradução proposta pela Comissão Episcopal de Liturgia de Portugal].

⁹⁵ K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 42.

sagrado, colocando relevo na questão do encontro de Deus com o homem que, na nossa realidade histórica, é, por necessidade, geograficamente localizada. Como edifício, a igreja oferece-se, antes de mais nada, como um sinal da presença de Deus no mundo e do seu desejo de encontro com a humanidade. Construindo-a, o homem recorda-se de Deus e recorda Deus aos outros homens. O edifício torna-se, assim, mais do que a sua materialização, memória e sinal⁹⁶.

1.2 – O espaço litúrgico: lugar da Palavra como dom de Deus ao seu povo

Todo o espaço litúrgico evoca, por intermédio da memória que o constitui como tal, os três lugares oferecidos por Deus ao seu povo, ao longo da História da Salvação.

“Todo o espaço litúrgico é um lugar de história que fala da Criação, da Tenda e do Corpo; os três constituem-se como três vias de acesso tanto para a sua interpretação como para a sua inteligibilidade⁹⁷”.

É em virtude da Aliança estabelecida entre Deus e os homens que os lugares celebrativos de hoje permanecem ligados àqueles que outrora o Senhor escolheu para se encontrar com o seu povo. A dimensão do dom não pode nunca ser olvidada, com o grave risco de se confundir a santidade de Deus com a sacralidade do lugar⁹⁸. O lugar não é Deus, não se confunde com ele, nem é preexistente a ele. O Deus libérrimo da Criação e da Aliança não está obrigado a um lugar, ainda que o possa requerer. Podemos afirmar que a presença de Deus num lugar acontece por causa do povo e da Aliança com ele estabelecida. Assim, não é em virtude do lugar que Deus se faz presente no meio dos homens, mas em virtude daqueles que desejam o encontro com ele. É daí que advém a sacralidade do espaço litúrgico e o seu verdadeiro *genius*⁹⁹.

⁹⁶ Cf. A. ROUET, “Lo spazio ecclesiale tra materiale e spirituale” in N. BENAZZI, *Arte e Teologia: dire e fare la bellezza nella Chiesa. Un'antologia su estetica, architettura, arti figurative, musica e arredo sacro*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 2003, 327.

⁹⁷ “Tout espace liturgique est un lieu d’histoire qui parle du Cosmos, du Temple et du Corps, les trois constituant autant de voies d’accès à son interprétation comme à son intelligibilité”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, “Quand la Parole donne Lieu ou de l’espace liturgique”, 128.

⁹⁸ “Santidade, ou sacralidade, consiste na orientação para Deus e na relação com Deus; deve, portanto, ser descrita antes de mais de forma personalista. Só em derivação disto é que as coisas também podem ser consideradas sagradas. Um lugar ou um espaço podem ser considerados sagrados apenas na medida em que proporcionam o encontro com o Deus santo”. K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 45.

⁹⁹ “Pour bien qualifier le génie chrétien du lieu, il faut en effet accentuer cette étonnante convergence de proximité et de distance, de noblesse et de simplicité – le fait que le sacré chrétien est toujours intimement lié au mystère de la Personne et des personnes”. F. DEBUYST, *Le génie chrétien du lieu*, les Éditions du Cerf, Paris, 1997, 49-50.

O espaço eclesial encontra-se plenamente ao serviço do acontecimento maior que é o encontro do homem com Deus¹⁰⁰. Estes lugares afiguram-se assim como interrupções entre os lugares comuns, criando o espaço necessário, não só físico, mas também interior, para que a Palavra possa ecoar em cada homem por entre as demais palavras quotidianas. Este lugar de encontro de Deus com o homem é um lugar de Palavra em três valências: primeiro, porque é por intermédio da Palavra que cada homem é convidado à intimidade com Deus nesse lugar; segundo, porque é nele que a Palavra é escutada e proferida por intermédio daqueles que o habitam; terceiro, porque o próprio lugar acaba por exprimir materialmente essa mesma Palavra. “Em todo o lugar eclesial, o espaço toma a Palavra assim como a Palavra toma o espaço”¹⁰¹. Pressupondo a lógica do dom evocada anteriormente e o lugar enquanto criação do próprio Deus, podemos afirmar também que “assim com a Palavra oferece [aos homens] o lugar, assim o lugar, por sua vez, [também lhes] oferece a Palavra”¹⁰², numa continuidade recíproca e fecunda, que confere ao lugar a sua identidade própria.

“O espaço eclesial evidencia a Palavra: é essa que convoca os fiéis e instaura entre eles uma nova ligação. O lugar no qual se manifesta a presença de Deus é um lugar de diálogo. O cimentar da comunidade deve muito à Palavra. É ela que une os cristãos, e não o lugar onde eles se encontram, pois que a Palavra habita a Igreja”¹⁰³.

Não tendo o espaço litúrgico, em si mesmo, um significado sacral, este “advém da iniciativa do Cristo-connosco, desde o momento em que concordamos ser Igreja”¹⁰⁴. A ambivalência do étimo ‘igreja’ sublinha a dupla dimensão que lhe subjaz, significando quer o lugar edificado, quer a assembleia que nele se reúne.

“A igreja é a comunidade daqueles que acreditam em Cristo e nela celebram o mistério. Se o lugar de reunião da comunidade se chama ‘igreja’, é, acima de tudo, pela relação de

¹⁰⁰ “As igrejas são realidades históricas; foram construídas não tanto como monumento a Deus ou ao homem, mas como lugar do encontro sacramental, sinal da relação de Deus com uma comunidade, dentro de uma determinada cultura e momento histórico bem preciso. Elas são, portanto, a seu modo, instrumentos particulares de tradição e de comunhão eclesial”. COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DA ITÁLIA, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 21.

¹⁰¹ “En tout lieu d'église, l'espace prend la Parole autant que la Parole prend l'espace”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, “Quand la Parole donne Lieu ou de l'espace liturgique”, 133-134.

¹⁰² “Comme la Parole ‘donne lieu’, le lieu, à son tour, ‘donne’ la Parole”. *Ibidem*, 140.

¹⁰³ “Lo spazio ecclesiale evidenzia la Parola: è essa che convoca i fedeli e instaura fra loro un nuovo legame. Il luogo in cui si manifesta la presenza di Dio è un luogo di dialogo. Il cementarsi della comunità deve più alla Parola che unisce i cristiani, che non al luogo dove si riuniscono. La Parola abita la Chiesa”. A. ROUET, “Lo spazio ecclesiale tra materiale e spirituale”, 327.

¹⁰⁴ “La sacralité vient ici de l'initiative du Christ-avec-nous, dès l'instant que nous nous sommes mis d'accord pour faire Église”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, “Quand la Parole donne Lieu ou de l'espace liturgique”, 130. É a presença de Deus no espaço litúrgico que o santifica. Assim se pronuncia Klemens Richter: “não é a construção, o espaço, as imagens, ou os utensílios que originam santidade, mas apenas Cristo vivo no seu agir pessoal [...]. O espaço litúrgico não tem, portanto, de si mesmo um significado sacral, mas tem a tarefa de proporcionar um espaço para a acção sagrada”. K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 46-47.

contiguidade que existe entre eles: diz-se o conteúdo (a assembleia celebrante), mas refere-se àquilo que o contém (o lugar da celebração)”¹⁰⁵.

Há uma estreita relação entre a assembleia reunida e o lugar celebrativo, que é também concebido segundo a forma como a comunidade crê e celebra. Esta compreensão sublinha a dupla valência do espaço litúrgico: a reunião dos homens em comunidade, que se juntam mediante uma mesma orientação: o louvor a Deus¹⁰⁶.

1.3 – A arquitectura: materialização do lugar do encontro do homem com Deus

De alguma forma, a materialização arquitectónica do lugar de culto cristão é a experiência de concretização da possibilidade deste encontro que vimos explanando. Se o espaço, tal como o tempo, não apresenta limites de qualquer género, o mesmo não se pode dizer do lugar¹⁰⁷. “O lugar dum pessoa ou de uma ‘obra de arte’ não é de imediato a sua posição no espaço, mas o que lhe permite ‘ter’ lugar”¹⁰⁸. A criação arquitectónica permite ao homem penetrar na imensidão do espaço, criando nele uma dimensão habitável, um lugar. Mais uma vez, o paralelismo com o mistério da encarnação é por demais evidente. É a partir da compreensão joanina, da relação entre o *Logos* e o Verbo incarnado, que a arquitectura passa a ser capaz de se elevar a alturas consideráveis, ante a eternidade. “A arquitectura é [...] a arte mais próxima da ‘Palavra’, pois que constrói linguagem ‘no espaço’ permitindo que este ‘fale’”¹⁰⁹.

O lugar é também caracterizável pelo conjunto de dispositivos que o compõem e que influem para que aquele seja lugar de recolhimento e de encontro¹¹⁰. Estas são as valências que devem presidir à projecção do espaço litúrgico, a fim de que todos os seus intervenientes e respectivos gestos estejam orientados para a questão essencial já evocada: o encontro de

¹⁰⁵ B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2017, 16.

¹⁰⁶ Cf. COMISSÃO DE LITURGIA DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ, *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, [s.d.], 9 [tradução elaborada por Vítor Coutinho].

¹⁰⁷ Também do ponto de vista arquitectónico é interessante indagar acerca da diferença inerente às categorias de espaço e de lugar. Frédéric Debuyst avança uma explanação contemporânea para esta distinção na sua obra: *Le génie chrétien du lieu*. Cf. F. DEBUYST, *Le génie chrétien du lieu*, 11-12.

¹⁰⁸ J. GOMES, “O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico”, in <http://tiny.cc/0nm4yy> [consultado em: 14 de Março de 2018, 10:00h].

¹⁰⁹ “L’architettura è [...] l’arte più vicina alla ‘Parola’, poiché costruisce il linguaggio ‘nello spazio’, fa ‘parlare’ lo spazio”. H. SCHNELL, “Dal ‘Logos’ alle ‘forme visive’: la costruzione di chiese come ‘case per il Logos’” in N. BENAZZI, *Arte e Teologia: dire e fare la bellezza nella Chiesa. Un’antologia su estetica, architettura, arti figurative, musica e arredo sacro*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 2003, 297.

¹¹⁰ “Qualquer edifício, enquanto obra humana, mesmo sem documentação escrita, continua a falar, permite a abertura do diálogo entre pessoas e entre as gerações. Analogamente, as igrejas, na medida em que estão ao serviço do culto, ‘comunicam’ e são estímulo e ajuda, para ‘fazer memória’, para reflectir e celebrar”. COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DA ITÁLIA, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 20-21.

Deus com os homens, que acontece de forma particular na acção litúrgica. Este lugar deve ser construído de acordo com o sentido eclesial, ordenando relações e distâncias, o que se repercute necessariamente na disposição dos diferentes elementos que compõem aqueloutro. É, desta forma, fundamental o equilíbrio entre as várias valências apresentadas, pois que elas inegavelmente influem na possibilidade de desenvolver uma melhor relação com Deus e com os restantes irmãos reunidos¹¹¹.

2 – O lugar próprio da Palavra de Deus: o ambão

No tratamento dos lugares celebrativos que se relacionam directamente com a Palavra e com a centralidade por ela requerida, devido às exigências da sua proclamação e escuta no contexto da celebração litúrgica cristã, é fundamental determo-nos principalmente no dispositivo do ambão, enquanto lugar proeminente da proclamação dessa mesma Palavra anteriormente anunciada. Como expressado pela Conferência Episcopal Italiana no seu documento pós-conciliar para a projecção das novas igrejas, *La progettazione di nuove chiese*, o ambão é o lugar próprio da Palavra de Deus¹¹².

Do ponto de vista etimológico, a sua designação é plural quanto à sua origem, sendo que a definição mais consensual é a sua proveniência partir do verbo grego ἀναβαίνω (que significa subir), sublinhando o ambão como um lugar elevado para o qual se sobe para a proclamação da Palavra¹¹³. Outras possíveis origens remetem-nos para os étimos latinos *ambio* ou *ambiendo*, que exprimem a noção de quem é envolvido pela estrutura do ambão, quando a ele sobe, ou como proveniente do étimo grego ἄμβρον (com a significação de um aro ou de uma aresta levantada, por exemplo de um copo ou de um recipiente, especificamente curvo¹¹⁴) remetendo para a imagem de um escudo, referência passível de ser lida à luz do versículo 5 do Salmo 90 na tradução latina da Vulgata: “*Scuto circumdavit te Veritas eius*” (Sl 90, 5)¹¹⁵; ou ainda para o étimo *ambo*, que refere quer a ambivalência das duas escadas que caracterizavam este dispositivo em alguns espaços celebrativos¹¹⁶, quer a presença, não tão

¹¹¹ J. GOMES, “O Concílio Vaticano II e a arte”.

¹¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, “La progettazione di nuove chiese: nota pastorale della commissione episcopale per la liturgia”, 9, in *Notiziario della Conferenza Episcopale Italiana a cura della Segreteria Generale*, 3 (1993), 56.

¹¹³ Cf. B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 38.

¹¹⁴ H. LIDDELL – R. SCOTT, *Greek-English Lexicon*, Harper & Brothers, New York, 1883, 74.

¹¹⁵ Cf. B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 38. A tradução que hoje utilizamos pode ser lida no versículo 4 do salmo 91: “A sua fidelidade é escudo e couraça” (Sl 91, 4). A não coincidência da numeração advém das divisões efectuadas ulteriormente no livro dos *Salmos*, que distinguem a numeração litúrgica da numeração bíblica.

¹¹⁶ Cf. C. VALENZIANO, “L’ambone: aspetti storici” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 91.

incomum em alguns espaços celebrativos, de dois lugares de proclamação¹¹⁷. O ambão, enquanto lugar da proclamação, recebeu ainda outras designações ao longo da história da Igreja, tais como *analogium* (étimo latino adveniente da palavra grega λόγος – palavra - e do prefixo ανα- - que exprime um movimento para cima -) ou πύργος (étimo grego que significa “torre”), sublinhando o carácter elevado do ambão, que se constituía muitas vezes com uma estrutura alta, erigida num lugar de destaque no interior do espaço celebrativo¹¹⁸.

Conscientes da pertinência da história do desenvolvimento do ambão enquanto dispositivo privilegiado para a proclamação da Palavra no espaço litúrgico e no contexto eclesial cristão, o nosso trabalho não nos permite um aprofundamento extenuante do seu lugar e significado ao longo do tempo, assim como da sua evolução, de tal forma que apenas nos deteremos na reflexão acerca do lugar a ele consagrado na contemporaneidade, de acordo com a reforma litúrgica e as propostas do Concílio Vaticano II. As referências necessárias para a compreensão destas mesmas propostas serão enunciadas, quando consideradas pertinentes, em cada parte do trabalho que assim o exija¹¹⁹.

2.1 – A relevância histórica do ambão

O cuidado com o lugar do ambão, enquanto dispositivo central no que concerne à proclamação da Palavra, traduz aquela que tem sido uma importante descoberta para a vida eclesial que, apesar de remontar aos tempos anteriores ao Concílio Vaticano II, encontra nele a sua máxima expressão. De facto, a proclamação da Palavra adquire, com o Concílio, um novo significado. Mais do que uma novidade, ela traduz a redescoberta de uma antiga práxis eclesial, como relembram os textos do referido Concílio¹²⁰. Nas palavras de Goffredo Boselli, “o regresso do ambão ao interior do espaço litúrgico corresponde à descoberta que ocorreu graças ao Concílio Vaticano II do lugar ocupado pela Palavra de Deus na vida da Igreja”¹²¹.

Do ponto de vista espacial, esta centralidade realça apenas a continuidade na descoberta do lugar consagrado à Palavra no contexto celebrativo. A sua importância foi de tal modo

¹¹⁷ Cf. B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 39.

¹¹⁸ Cf. C. VALENZIANO, “L’ambone: aspetti storici”, 91.

¹¹⁹ Uma cabal resenha histórica do lugar da proclamação da Palavra e respectivas transformações ao longo da história da Igreja pode ser encontrada aqui: I. RENAUD-CHAMSKA, “Petite histoire de l’ambon”, *Chroniques d’Art Sacré* 67 (2001) 8-11. Ou ainda aqui: K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 101-106.

¹²⁰ “Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais” (SC 24).

¹²¹ “Il ritorno dell’ambone all’interno dello spazio liturgico corrisponde alla riscoperta avvenuta grazie al Concilio Vaticano II del posto occupato dalla parola di Dio nella vita della chiesa”. G. BOSELLI, “Prefazione”, AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 5.

relevante ao longo da história da Igreja que este é um dos itens fundamentais para compreender a evolução do espaço eclesial celebrativo ao longo do tempo, sendo um factor importante na reflexão dos espaços próprios da celebração dos mistérios cristãos, assim como das suas características fundamentais que os caracterizam em particular.

A história revela-nos os principais lugares de proclamação da Palavra, a sua proeminência e o seu desenvolvimento próprio. Tal como aponta Benedikt Kranemann, o lugar da proclamação da Palavra começou por ser a partir do seio da assembleia, donde era lida livremente a leitura respectiva, assistindo-se posteriormente à introdução de um pequeno estrado, demarcador do lugar do leitor, já referenciado nas *Constituições dos Apóstolos* que descrevem a proclamação da Palavra, de pé, sobre um lugar elevado¹²². A existência de um lugar elevado para a proclamação da Palavra nas igrejas cristãs encontra referência desde o final do século IV, como enuncia Vincenzo Gatti na sua breve resenha histórica acerca do lugar da Palavra¹²³. Por influência hebraica, foi introduzida em algumas igrejas da Síria norte-ocidental e da mesopotâmia uma nova estrutura, a *bemá*: um estrado elevado no qual eram proclamadas as leituras e onde se sentavam os clérigos. No século XII assistimos a uma outra solução para o lugar da proclamação da Palavra: o *lectorium* ou *jubé*; que assume inúmeras funções na própria liturgia. Contribuíram para a sua extinção as invasões bárbaras e a islamização. O final do primeiro milénio é ainda marcado pelo início da proclamação das leituras a partir do altar¹²⁴. Com a mudança da celebração litúrgica, o ambão deixa de ter relevância e função. Em Itália, a tradição do ambão ainda se conserva até ao início do século XVI. O púlpito, surgente com a proliferação das ordens dedicadas à arte da pregação por volta do século XIII, vem substituir a estrutura do ambão, estando a sua localização, normalmente, no centro da nave principal¹²⁵. Teve sempre na sua compreensão uma dimensão catequética, de pregação, mais do que de proclamação da Palavra. Algumas igrejas, principalmente as conventuais e paroquiais, organizaram o seu espaço interno em função da pregação e, por conseguinte, da escuta. Esta estrutura, porém, sempre pressupôs a pregação como programa funcional, mais do que uma relação com a acção litúrgica propriamente dita¹²⁶. A reforma litúrgica permite, como já observado, redescobrir a centralidade e respectiva pertinência que a

¹²² *Constitutiones Apostolorum*, I, in F. FUNK (ed.), *Didaskalia et Constitutiones Apostolorum*, Bottega d'Erasmio, Itália, 1970, 167.

¹²³ V. GATTI, *Liturgia e Arte*, 100-101.

¹²⁴ Procuraremos aprofundar este último aspecto aquando do estudo da relação entre o ambão e os restantes dispositivos presentes no espaço litúrgico. Benedikt Kranemann adianta, no seu artigo, a problemática da relação entre Palavra de Deus e Eucaristia. Cf. B. KRANEMANN, "Parola, libro e luogo della proclamazione: estetica della proclamazione della Parola" in AA. VV., *L'Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 250-251.

¹²⁵ K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 102-106.

¹²⁶ Cf. V. GATTI, *Liturgia e arte*, 99.

Palavra de Deus tem enquanto presença fundamental no contexto litúrgico na vida de cada cristão e elemento fundante e fundamental para a construção do corpo eclesial¹²⁷. Tal obrigou a uma nova reorganização espacial e reflexão arquitectónica que traduzissem, de forma explícita, as novas acentuações provindas da reflexão eclesial e dos documentos conciliares. O desenvolvimento da estética litúrgica procurou concomitantemente, na esteira dos intentos conciliares, acentuar determinados gestos e formas, realçando, por meio do valor estético, o valor intrínseco da Palavra e do seu carácter performativo no contexto celebrativo. Basta recordarmos a procissão com o Evangeliário e a solenização própria, que realça o carácter ímpar do momento da proclamação do Evangelho no contexto celebrativo; assim como o cuidado e a beleza que devem caracterizar os livros utilizados para esta proclamação¹²⁸.

2.2 – O ambão enquanto sinal no seio do espaço celebrativo

A redescoberta do lugar da proclamação da Palavra, concretizada espacialmente no ambão, permitiu uma recuperação do seu sentido profundo, tal como entendido desde os primeiros séculos do cristianismo¹²⁹. Alguns condicionalismos históricos tiveram impacto no desenvolvimento do ambão e na sua erradicação do espaço litúrgico em detrimento do púlpito (consignado não à proclamação da Palavra, mas à exortação e a admoestação dos fiéis), o que fez com que as valências inerentes ao próprio ambão, enquanto sinal, se fossem também elas esbatendo¹³⁰.

A recuperação de uma nova compreensão da revelação divina, tal como expressa no nº 2 do documento conciliar *Dei Verbum*, exige uma transformação do entendimento da proclamação da Palavra de Deus e a recuperação das valências inerentes ao próprio ambão, tal como sempre havia sido entendido, principalmente, como lugar privilegiado do anúncio da boa-nova, sinal da presença de Deus, que continua a falar na história àqueles que se reúnem para celebrar a sua fé, numa perfeita articulação com a *historia salutis* e a revelação de Deus,

¹²⁷ Cf. G. BOSELLI, “Prefazione”, 5.

¹²⁸ Basta atentarmos no cuidado estético dedicado aos Evangeliários ao longo do tempo, onde o adorno e a sumptuosidade que lhe eram características serviam e servem como sinal da sua importância no contexto celebrativo. Benedikt Kranemann enuncia um paralelismo entre a custódia como lugar portador da presença real de Cristo e a capa do evangeliário, como lugar portador da Palavra de Deus escrita. Cf. B. KRANEMANN, “Parola, libro e luogo della proclamazione”, 249-250.

¹²⁹ B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 39. “La storia della liturgia può documentare lo stretto e ovvio rapporto che da sempre condiziona la forma dei luoghi della Parola alla drammatica rituale che ha saputo suscitargli”. G. ZANCHI, “L’ambone nella dramaturgia liturgica: elementi di teologia e criteri di estetica” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 203.

¹³⁰ “O púlpito não deve ser confundido com o ambão. O púlpito surgiu para a pregação e não para a proclamação da Palavra de Deus. De facto, não é por acaso que a sua difusão esteja ligada ao aparecimento das ordens dos frades pregadores [...]. Mais do que para a liturgia, o púlpito estava em função da catequese”. B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 39.

acontecida no mistério do Verbo incarnado e perpetuada na história do povo de Deus ao longo de todos os tempos. Há uma dimensão anamnética fundamental inerente à proclamação da Palavra, que evoca não apenas uma dimensão catequética ou didáctica, mas também atualizadora dos eventos proclamados¹³¹.

Esta actuação acontece de forma ímpar na celebração dos sacramentos, especialmente na celebração da Eucaristia. Assim, a presença do lugar do ambão não só tem inerente uma valoração própria, como sublinha algumas dimensões essenciais da própria celebração eucarística, assumindo-se como sinal privilegiado dessas. A Palavra apresenta-se como “sinal essencial”¹³², nas palavras de Giovanni Tangorra, na acção sacramental que é a celebração Eucarística, pois que “a Palavra se dá no sacramento e o sacramento na Palavra”¹³³. Esta expressão traduz a profunda relação que existe entre a palavra e o rito, ambos constituintes fundamentais de qualquer acção ritual e garantes da sua eficácia. Tal relação é explicitada por Enzo Bianchi a partir da imagem pericorética, mencionada por Giovanni Tangorra¹³⁴.

O lugar da proclamação da Palavra adquire deste modo a valência de sinal, em três vertentes: sinal da assembleia convocada pela Palavra de Deus, reunida primeiramente por Sua vontade; sinal explícito do anúncio da ressurreição, tal como interpretado por alguns autores patrísticos; sinal da assembleia enviada por Deus, designada para perpetuar no mundo, mediante o anúncio do Evangelho, as realidades vividas e acolhidas na celebração litúrgica.

2.2.1 - O ambão como sinal da assembleia convocada por Deus

Conceber a Igreja como povo de Deus, imagem preferida pelo Concílio Vaticano II para caracterizar a Igreja, articula-se necessariamente com uma compreensão eclesial de

¹³¹ A dimensão anamnética inerente à proclamação da Palavra é explorada neste breve artigo de Reihnard Messner: R. MESSNER, “La Liturgie de la Parole pendant la messe: l’anamnèse du Christ mise en scène”, *La Maison-Dieu* 243 (2005) 43-60.

¹³² G. TANGORRA, “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 60.

¹³³ *Ibidem*, 61. “La Palabra suscita la Fe y ésta lleva al Sacramento; y el Sacramento, como realidad de Fe, se apoya en la Palabra”. J. IBÁÑEZ – M. BONAÑO, *Iniciación a la liturgia de la Iglesia*, Ediciones Palabra, Madrid, 1997, 2ª ed., 298.

¹³⁴ G. TANGORRA, “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio”, 61. Segundo Enzo Bianchi, há uma profunda relação entre Palavra e Eucaristia, tal como o atestam inúmeros padres da Igreja, e toda a tradição católica até ao Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum*. A *pericorese* designaria a relação recíproca que existe entre as duas instâncias, ainda que o próprio autor afirme que haja uma certa timidez em afirmá-la pois que a compreensão da Palavra proclamada é muitas vezes entendida como uma simples introdução à celebração do sacramento. O autor procura também explorar a sacramentalidade própria da Palavra, entendendo-a como conferidora de graça e sentido por si só, e não apenas como um meio de comunicação de determinadas verdades ou preceitos morais. Cf. E. BIANCHI, “Les enjeux de la lectio divina aujourd’hui”, <http://tiny.cc/k5m4yy> [consultado em: 05 de Maio de 2018, 01:39h].

movimento, onde a peregrinação, tida como ser e estar próprios do corpo eclesial, se opõe a qualquer tipo de estagnação. Este povo, a caminho, é permanentemente convocado por Deus, que chama e conduz, por intermédio da sua Palavra, plenamente revelada na Pessoa do seu Filho incarnado. Esta dimensão de comunicação, enraizada na tradição do lugar da proclamação da Palavra no contexto do Povo de Israel, é sempre um anúncio explícito que há-de conduzir à acção. “Aquele que escuta a palavra proclamada deve reconhecer a mensagem salvífica, mostrando-se disponível para executar a vontade de Deus”¹³⁵. A experiência essencial do Povo de Israel é a mesma que a Igreja hoje experimenta na medida em que Deus falou e continua a falar à humanidade, quando esta se dispõe a escutá-lo. Atentemos que a compreensão da Palavra de Deus nunca foi concebida como a simples comunicação de um conhecimento específico, mas sim como *actio Dei*, como actualização da sua vontade, que não retorna a si sem ter cumprido a missão por causa da qual havia sido pronunciada (cf. Is 55, 10-11)¹³⁶.

Na liturgia, a Palavra de Deus adquire ainda uma maior valorização pois que se encontra imersa na convocação feita por Deus para a celebração do mistério eucarístico. Nas palavras de Giovanni Tangorra:

“Não se pode limitar o conceito de convocação a esta dimensão ritual, mas ao mesmo tempo deve reconhecer-se que é a celebração sacramental que realiza o encontro mais fecundo e específico com a Palavra”¹³⁷.

A dimensão máxima de fecundidade na própria celebração, que vimos explicitando, advém do facto de que qualquer palavra adquire mais eficácia e credibilidade na medida em que se encontra presente aquele que a profere. Assim, a eficácia da Palavra proclamada adquire a sua máxima eficácia e dignidade na presença daquele que vive para sempre e que se faz realmente presente em cada celebração eucarística, vivificando a assembleia reunida com a sua Palavra que é Espírito e Vida (cf. Jo 6, 63). Há uma relação implícita entre Cristo e o seu Espírito numa compreensão de que é esta mesma relação entre Cristo e o Espírito Santo que constrói o Corpo eclesial. É sempre a força deste Espírito que imbui a Palavra da Sua força actuante, tornando palavra e acto, em Deus, num só acontecimento plenamente eficaz. Segundo o mesmo autor:

¹³⁵ B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 36.

¹³⁶ Cf. G. TANGORRA, “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio”, 52.

¹³⁷ “Non si può esaurire il concetto di convocazione alla qualità rituale ma al tempo stesso si deve riconoscere che è la celebrazione sacramentale a realizzare l’incontro più fecondo e specifico con la Parola”. *Ibidem*, 51.

“Palavra e Espírito têm como objectivo, numa íntima comunhão, essa acção conjunta. Quer se trate de exprimir o dinamismo, a proclamação, ou a resposta comunitária que o homem dá a esta, a força divina que os acompanha é sempre a do Espírito Santo”¹³⁸.

O próprio Concílio exprime esta mesma relação vivificante que acontece no seio do povo de Deus. Este é reunido pela Palavra do Deus vivo (cf. PO 4), que chama e convoca. Na Nova Aliança, por Cristo instituída, tanto judeus como gentios são chamados a constituir o seu povo, formando uma unidade segundo o Espírito: povo de Deus. A regeneração deste acontece não por um qualquer germe corruptível, mas pela incorruptibilidade do germe da Palavra do Deus vivo (cf. LG 9). Se considerarmos a raiz hebraica que subjaz à assembleia convocada por Jesus Cristo (do grego ἐκκλησία¹³⁹) deparar-nos-emos com o verbo hebraico qāhāl, que exprime um passivo teológico, salvaguardando a iniciativa divina na convocação daqueles que constituem a assembleia do povo de Deus. É a iniciativa de Deus, por intermédio da Sua Palavra, que subjaz à constituição do povo celebrante, e nunca qualquer outra compreensão¹⁴⁰.

O ambão, enquanto lugar celebrativo, há-de evocar permanentemente esta dimensão de convocação, símbolo de como a assembleia litúrgica, “num duplo movimento de reunião e de saída, se deve continuamente deixar edificar pela Palavra, compreendendo-se como povo de Deus peregrinante sobre a terra”¹⁴¹. Se ela evoca uma dimensão passiva, há ulteriormente uma dimensão activa que dela irrompe enquanto resposta. Também ao Povo de Israel, à proclamação da Palavra, aquando da reunião regular da assembleia, era pedida uma resposta oficial e definitiva, a qual pressupõe uma concretização real dos impulsos provindos da escuta da Palavra de Deus. O chamamento de Deus torna-se assim um acontecimento biunívoco, que pressupõe a Palavra proferida por Deus à qual cada homem é chamado a responder livremente.

¹³⁸ “Parola e Spirito sono intesi in intimo collegamento, essi agioscono insieme. Sia che si tratti di esprimerne il dinamismo, la proclamazione, o la risposta comunitaria che l’uomo deve a essa, la forza divina che accompagna è sempre quella dello Spirito santo”. G. TANGORRA, “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio”, 52.

¹³⁹ Uma explanação do étimo quanto à sua proveniência bíblica, quer no que refere ao Antigo Testamento, quer à sua utilização no Novo Testamento pode ser encontrada aqui: K. SCHMIDT, “Ἐκκλησία”, in G. FRIEDRICH (dir.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IV: Η-Καλ, Paideia, Brescia, 1984, 1490-1580.

¹⁴⁰ K. SCHMIDT, “Ἐκκλησία”, 1563-1570.

¹⁴¹ “[...] l’ambone è il simbolo di come l’assemblea, nel duplice movimento del radunarsi e del ripartire, debba continuamente lasciarsi edificare dalla Parola, comprendendosi come popolo di Dio peregrinante sulla terra”. G. BOSELLI, “Prefazione”, 6.

2.2.2. O ambão como sinal do anúncio da boa nova da Ressurreição

Retomando a tradição patrística, mais concretamente a interpretação proposta por São Germano, patriarca de Constantinopla, o lugar da Palavra era considerado um símbolo do Santo Sepulcro enquanto lugar primaz do anúncio da ressurreição, auge da boa notícia anunciada por Deus aos homens¹⁴². De tal forma que a sua morfologia se assemelha, em alguns espaços litúrgicos, a um túmulo vazio, enquanto ícone e símbolo do expoente máximo do κήρυγμα cristão. A simbologia do túmulo vazio remete-nos para as passagens evangélicas que a ele fazem referência. Assim, a figura do anjo, enquanto mensageiro da Palavra de Deus, é fundamental para a compreensão do ambão enquanto sinal. Cada ministro, no lugar que evoca o sepulcro aberto, é também mensageiro do mesmo anúncio, que se torna presente aquando da proclamação da Palavra¹⁴³. Depreendemos, em simultâneo, um rol de testemunhas, centrais do ponto de vista do testemunho bíblico, que se tornam fundamentais na proclamação da feliz notícia da ressurreição de Jesus. Lembramos assim o testemunho de Pedro, de Maria Madalena ou de João, figura e memória daqueles que continuam o mesmo anúncio, perpetuado e acreditado ao longo do tempo. Nas palavras de Crispino Valenciano, o ambão é presença vicária do túmulo vazio e presença eficaz do anúncio pascal a todo o universo¹⁴⁴. Curiosamente, o étimo grego utilizado nos diversos relatos evangélicos – μνημειῶν – assinala o carácter contínuo do acontecimento da ressurreição, que não é um acto simplesmente acontecido, mas que se perpetua no tempo enquanto *monumentum*, ou seja, como sinal de memória. Assim, o ambão é também o lugar concreto que evoca a memória do acontecimento da ressurreição, assumindo-se como ícone espacial e físico deste mesmo acontecimento¹⁴⁵.

“O ambão acaba por aparecer e por ser o monumento por excelência, que testemunha, de modo eficaz, a memória da ressurreição de Cristo, constituindo assim um sinal duradouro e válido no tempo. Não se reduz a uma recordação *monumentum mortis*, mas *monumentum resurrectionis*, *monumentum vitæ*, como dissera o anjo: ‘Porque buscais entre os mortos aquele que vive?’ (Lc 24, 5)”¹⁴⁶.

¹⁴² Cf. GERMANO DE CONSTANTINOPLA, “Historia ecclesiastica et mistica contemplatio”, in J. MIGNE (ed.), *Patrologiæ: cursus completus. Patrologiæ Græcæ*, 98, Typography Brepols, Belgium, 392.

¹⁴³ A. MALACARNE, *I ‘luoghi’ della Parola*, Vita Trentina: Editrice Scarl, Trento, 2005, 13.

¹⁴⁴ Cf. C. VALENCIANO, “Ambone e candelabro: iconografia e iconologia”, in S. MAGGIANI (org.), *Gli spazi della celebrazione rituale*, O.R., Milão, 1984, 164-165.

¹⁴⁵ A. MALACARNE, *I ‘luoghi’ della Parola*, 14.

¹⁴⁶ “L’ambone finisce con l’apparire ed essere il monumento per eccellenza, che testimonia in modo efficace, la memoria della risurrezione di Cristo, e ne costituisce il segno durevole e valido nel tempo. Non si riduce ad un ricordo *monumentum mortis*, ma *monumentum resurrectionis*, *monumentum vitæ*, como ha detto l’angelo: ‘Perché cercate tra i morti colui che è vivo?’ (Lc 24, 5)”. *Ibidem*, 34-35.

Alguns elementos espaciais apontam para esta simbologia fundamental, como é o caso da presença do círio pascal. Este evoca a presença de Cristo, luz do mundo, como proclamado no Evangelho de São João (cf. Jo 8, 12), numa perfeita síntese com toda a *historia salutis*, pois que evoca também a coluna de fogo que avança adiante do povo hebreu libertado das cadeias do Egipto, a fim de iluminar a sua peregrinação até à terra prometida por Deus¹⁴⁷, assim como o carácter iluminador da Palavra, na linha de toda a tradição bíblica¹⁴⁸. Também com remissão para a celebração dos mistérios da Páscoa, é a partir do ambão que é cantado o *Exultet*, o grande hino pascal que narra as maravilhas de Deus em favor do seu Povo, das quais é expoente máximo o mistério pascal de Cristo. Aqueles que, em cada igreja, proclamam este hino, associam-se às vozes dos mensageiros da ressurreição, testemunhando a continuidade do testemunho evangélico desde a manhã de Páscoa. O ambão, enquanto lugar da Palavra, torna-se ícone do anúncio profético e apostólico pascal, “presença vicária do túmulo vazio e presença eficaz do anúncio pascal ao mundo”¹⁴⁹.

Esta centralidade pascal, também outorgada ao lugar do ambão, está em perfeita consonância com o espírito conciliar e com a experiência celebrativa da Igreja ao longo de todos os tempos, já que acentua a centralidade do mistério de Cristo enquanto fonte e centro de toda a acção sacramental (cf. SC 6). Nas palavras de São Tomás de Aquino, os sacramentos adquirem a sua eficácia do Verbo Incarnado e da celebração dos seus mistérios, principalmente dos mistérios da sua paixão, morte e ressurreição¹⁵⁰. O entendimento do ambão enquanto *monumentum resurrectionis* articula-o de forma irrevogável com o sentido profundo de toda a liturgia e, particularmente, da celebração sacramental da Eucaristia.

2.2.3 – O ambão como sinal do envio comunitário

Depois de explanado o ambão enquanto sinal da convocação de Deus e do anúncio da ressurreição, centro da mensagem evangélica, deter-nos-emos agora no seu valor enquanto sinal da assembleia enviada.

Esta dimensão estava já implícita no dinamismo próprio da Palavra, que convoca não somente para a reunião, mas sempre para o envio, tornando-se eficaz, numa alusão já feita à

¹⁴⁷ Cf. A. MALACARNE, *I 'luoghi' della Parola*, 31-33.

¹⁴⁸ “Ainsi est-il essentiel à l’ambon d’être éclairé, d’être éclairant, de quelque manière que ce soit, autrement dit d’intégrer la lumière, comme donnée, à sa conception, à sa confection, à son éloquence propre : le lieu du lire, le lieu du dire est toujours un lieu de lumière”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 41.

¹⁴⁹ “Perciò, in quanto simbolo, l’ambone è presenza vicaria della tomba vuota e presenza efficace dell’anuncio pasquale al mondo”. C. VALENZIANO, “L’ambone: aspetti storici”, 97-98.

¹⁵⁰ “Post considerationem eorum quæ pertinente ad mysteria Verbi incarnate, considerandum est de Ecclesiæ sacramentis, quæ ab ipso Verbo incarnato efficaciam habent”. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologicæ* III, q. 60, intr., BAC, Madrid, 1952.

sua dimensão biunívoca de interpelação por parte de Deus e de resposta por parte do homem que escuta. A proclamação não deve ser entendida como um momento preparatório, mas acontecimento que perpassa toda a acção sacramental, pois que ela não é só “aquilo que ‘introduz’ ou ‘prepara’ o sacramento, mas sim o seu factor constitutivo, que o atravessa do princípio ao fim”¹⁵¹. Assim, também o ambão se torna sinal do envio mandatado aquando do acontecimento da ressurreição do qual é feita memória; que principia no sepulcro vazio para ser continuado no mandato evangélico do anúncio da salvação a todos os povos. O Evangelho de São Mateus coloca esta directiva na boca do anjo que guardava o sepulcro vazio:

“Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou como havia dito. Vinde ver o lugar onde jazia e ide depressa dizer aos seus discípulos: ‘Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente à Galileia. Lá o vereis’ (Mt 28, 5-7).

Na continuidade, o Evangelho de São Marcos coloca na boca de Jesus as palavras do anúncio e da exigência do testemunho aos seus discípulos, aquando da sua ascensão aos céus:

“Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura [...]. Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam” (Mc 16, 15.20).

A Palavra escutada, celebrada, comungada, torna-se também ela Palavra interpeladora de envio. A celebração do mistério da Eucaristia, enquanto lugar privilegiado da construção do corpo eclesial, acontece não somente pela acção da graça, aliás indispensável, mas também pelo concurso de cada homem na obra da salvação na qual é chamado a tomar parte. Esta correspondência da vontade humana permite uma plena colaboração com a acção da graça adveniente do sacramento, que se expressa na plena docilidade da vontade à continuação da vontade de Deus provinda da sua Palavra escutada, obedecida e anunciada.

2.3 – O ambão com o valor de presença no espaço litúrgico

Depois de explanada a irrevogabilidade do ambão enquanto sinal, sublinhamos a importância de o apresentar também como símbolo, passível de ser reflectido não somente a partir das realidades que evoca, mas também a partir da materialidade que o constitui, sendo esta essencial para a manifestação mais evidente destas realidades, assim como para a

¹⁵¹ “Quello di ‘introdurre’ o ‘preparare’ il sacramento ma ne è il fattore costitutivo che lo attraversa dall’inizio alla fine”. G. TANGORRA, “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio”, 52.

compreensão da sua importância e apreensão do seu significado no contexto do espaço celebrativo cristão e para a assembleia que nele se reúne.

A iconografia que acompanhou o envolvimento estético do lugar da proclamação da Palavra coloca-nos na senda correcta quanto ao seu enquadramento teológico e celebrativo. Este sempre foi compreendido como lugar privilegiado do anúncio da ressurreição, mistério central do κήρυγμα cristão, como explanávamos anteriormente.

A sua materialização requer uma estrutura estável, pois que só assim se torna condizente com a dignidade própria da Palavra a partir dela proclamada¹⁵². A estante nunca será uma solução conseguida, nem do ponto de vista teológico nem arquitectónico, para um lugar que se requer identitário e espacialmente definido. A *Instrução Geral do Missal Romano* permite-nos compreender a importância da dignidade deste lugar, principalmente aquando da sua concepção:

“A dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis. Em princípio, este lugar deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel. Tanto quanto a arquitectura da igreja o permita, o ambão dispõe-se de modo que os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis (IGMR 309)”.

É a dignidade da Palavra que exige um lugar com ela consentâneo, que não se cinge simplesmente à funcionalidade por ele requerida¹⁵³. Deste ponto retiramos duas dimensões importantes para a caracterização do lugar da Palavra: a sua estabilidade e a sua monumentalidade. Com estabilidade, pretendemos significar a importância do lugar permanente, o qual sirva de sinal sempre presente para aqueles que entram em qualquer espaço litúrgico, tornando tangível aquele sinal, outrora referido, da presença de Deus que continua a falar à humanidade e que se torna audível por intermédio da sua Igreja, Corpo Místico da única e absoluta Palavra, feita carne¹⁵⁴. Com monumentalidade, não pretendemos evocar uma certa presença desmesurada que a estrutura do ambão já assumiu no espaço litúrgico, mas sim a importância da sua visibilidade e a pertinência desta dimensão para uma escuta mais frutífera da Palavra proclamada. Parece-nos relevante evidenciar, então, duas formas de presença evocadas pela estrutura do ambão: a presença oferecida pela iconografia que o envolve, tal como atestada pela tradição cristã, e a presença manifestada pelo ministro a

¹⁵² “Dès lors il est normal que l’on attribue une place spéciale au lecteur chargé de manifester l’importance de la parole de Dieu dans nos célébrations”. P. BÉGUERIE, “La place de la Parole”, *Chroniques d’Art Sacré*, 67 (2001) 7.

¹⁵³ B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 40.

¹⁵⁴ Esta categoria teológica, presente na teologia paulina, é fortemente tematizada na Carta Encíclica de Pio XII, *Mystici Corporis Christi* e utilizada pelo Concílio Vaticano II na reflexão acerca da Igreja, sendo uma das imagens eleitas para a descrição da sua realidade (cf. LG 7-8).

quem é confiada a proclamação da Palavra, atestando a dimensão antropológica que lhe é inerente e própria.

2.3.1 – Presença iconográfica

A iconografia em torno do lugar da proclamação é extremamente rica e teve desenvolvimentos deveras interessantes do ponto de vista estético e simbólico, nos primeiros séculos do cristianismo. Vários são os exemplos da decoração iconográfica dos antigos ambões-monumento, onde o seu projecto iconográfico era portador de inúmeras figuras e símbolos que explanavam aos crentes o valor da Palavra, aprofundando-o. Recorrentemente encontramos a alusão aos quatro evangelistas, representados, figurativa ou simbolicamente, nas quatro colunas que, por vezes, suportavam a estrutura elevada do ambão, aludindo, concomitantemente, ao tetramorfo, tal como descrito na visão de Ezequiel (cf. Ez 1, 10). Encontramos também a alusão à figura da sabedoria, numa leitura cristológica da mesma, tal como enunciada na *1ª Carta de São Paulo aos Coríntios* (cf. 1 Cor 1, 24), quando o ambão era suportado por sete colunas, numa leitura literal do *Livro dos Provérbios* (cf. Pv 1, 9).

A compreensão do ambão como sinal da ressurreição é também ela fundamental para compreender a sua iconografia. O tema do jardim, muitas vezes associado à decoração do ambão, pode ser referido a dois momentos bíblicos fundamentais para a história da redenção do homem: o jardim do Éden, tal como relatado no livro do *Génesis*, e o horto do sepulcro. Assim descreve Ambrogio Malaparte:

“No jardim do Éden, a experiência amarga do pecado, por causa da qual os progenitores são excluídos daquele estado de perfeição ao qual tinham sido chamados, e são expulsos do jardim, ao qual são enviados dois anjos para o proteger (Gn 3); e o jardim do sepulcro novo, no qual ainda ninguém havia sido deposto (Jo 19, 41). Aqui está o anjo a dirigir-se ao homem”¹⁵⁵.

É evidente a dicotomia entre ambos os lugares que partilham uma mesma temática. O primeiro, lugar de condenação; o segundo, lugar de vida eterna. Este processo de relação acontece por acumulação significativa, partindo do anúncio da ressurreição e do seu ambiente e construindo a sua significação a partir desse momento fundante. Ambos os momentos são

¹⁵⁵ “Nel giardino dell’eden è l’esperienza amara del peccato, a causa del quale i progenitori vengono esclusi dallo stato di perfezione al quale erano stati chiamati, e sono scacciati dal giardino, alla protezione del quale vengono messi due angeli (Gen 3); e il giardino del sepolcro nuovo, nel quale nessuno era stato ancora deposto (Gv 19, 41). Qui è l’angelo a ricolgersi all’uomo”. A. MALACARNE, *I ‘luoghi’ della Parola*, 12.

também passíveis de ser lidos segundo a polarização feminina que neles é feita: de facto, é à mulher que é anunciada a primeira morte, assim como é anunciada a vida definitiva¹⁵⁶.

Giulano Zanchi, quanto a esta questão, sublinha uma dimensão que nos parece deveras pertinente para uma reflexão acerca do excesso iconográfico que, por vezes, inunda os dispositivos litúrgicos. De facto, muitas vezes deparamo-nos com um desejo de decalque imediato da funcionalidade inerente ao lugar da Palavra e da sua tradução em representações simbólicas, mais ou menos explícitas, mais ou menos imediatas. A forma do ambão deve primar por uma certa simplicidade, e deve brotar da sua própria estrutura. Qualquer figuração deve ater-se a esta base fundamental, a fim de que o ambão manifeste a sua força e significado por si só. “Para que a função possa ser transcendida ela deve permanecer manifesta, e não oculta dentro de uma parafernália de significados”¹⁵⁷.

Esta advertência articula-se perfeitamente com uma das linhas eclesiológicas relevadas pelo Concílio Vaticano II, que acentua a dimensão serviçal da Igreja enquanto modo de ser e estar no mundo. Também esta presença de serviço se deve traduzir na materialização dos seus lugares, devendo esta dimensão sobrepor-se a qualquer invectiva excessivamente monumental ou escultórica. “Parece mais apropriado enfatizar não a monumentalidade ou a dimensão escultórica, mas a ‘presença de serviço’ do ambão, compreendendo esta questão na sua acepção evangélica”¹⁵⁸. Esta nobre simplicidade é extremamente valorizada nos parágrafos dedicados pelo Concílio Vaticano II à arte consagrada à liturgia¹⁵⁹.

2.3.2 – Presença ministerial

A abordagem no que concerne à presença do ambão no espaço celebrativo leva a que reflectamos também acerca da sua dimensão antropológica¹⁶⁰. Nas palavras de Patrick Prétot, a reflexão acerca do lugar da Palavra não pode partir senão do próprio leitor, enquanto ministro qualificado para a proclamação da mesma, assumindo na liturgia uma função

¹⁵⁶ Cf. B. COSTA, *Espaço Celebrativo*, 37. A mesma referência a esta polarização feminina pode ser encontrada aqui: C. VALENZIANO, “L’ambone: aspetti storici”, 98.

¹⁵⁷ “Perché la funzione possa essere trascesa essa deve rimanere attestata, non occultata dietro un paravento di significati”. G. ZANCHI, “L’ambone nella drammaturgia liturgica”, 214.

¹⁵⁸ F. DEBUYST, “L’ambone: un luogo vivo per l’assemblea” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 25.

¹⁵⁹ “Ao promoverem uma autêntica arte sacra, prefiram os Ordinários, à mera sumptuosidade, uma beleza que seja nobre” (SC 124).

¹⁶⁰ Se a proclamação da Palavra é comunicação, ela tem por base a estrutura própria da comunicação humana como atesta Bernard Guillard. B. GUILLARD, “Les signes liturgiques et l’écriture au catéchuménat”, *La Maison-Dieu*, 82 (1965) 83-84.

ministerial de pleno direito¹⁶¹. Giuliano Zanchi afirma ainda que o ambão mais nobre é o homem com um livro na mão, sinal que só por si atestaria a transcendência da própria Palavra¹⁶². De facto, para além do livro e do próprio lugar da proclamação, subjaz a toda a teologia da Palavra uma importante dimensão antropológica, fundada na encarnação do Verbo, na qual ancora a nova e plena humanidade. “Em Cristo, a Palavra de Deus está presente como Pessoa” (VD 11). A questão da encarnação vem trazer uma dignificação ainda maior à dimensão corporal, acentuando a manifestação de Deus que acontece por intermédio da sensibilidade e da materialidade, ou seja, como que requerendo a dimensão corporal própria da condição humana. Ao considerar as palavras do Evangelho segundo São João - “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós (Jo 1, 14a) - o Papa Bento XVI, mediante a sua Exortação Apostólica Pós-sinodal, pronuncia-se da seguinte forma: “A fé apostólica testemunha que a Palavra eterna Se fez Um de nós. A Palavra divina exprime-se verdadeiramente em palavras humanas” (VD 11).

Não só fala Cristo, de forma particular, na proclamação da Palavra que acontece na liturgia, como expresso no nº 7 da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*: “Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas acções litúrgicas. [...] Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7), como também a gramática da encarnação nos permite depreender o correcto entendimento desta mesma proclamação, que nos alcança sempre de forma mediada, tal como o Verbo é a única e plena mediação da Revelação de Deus aos homens (cf. DV 2). “É, portanto, a voz dos leitores que melhor expressa o facto de que Deus, através das leituras, dirige a Palavra ao seu povo”¹⁶³. Nas palavras de Claude Duchesneau, “a palavra sai do corpo. Só existe por ele”¹⁶⁴. A qualidade da presença corporal é, assim, fundamental, pois que sem ela não existiria Palavra proclamada¹⁶⁵.

Como considera Giuliano Zanchi, muitos são os elementos que atestam a transcendência da Palavra proclamada, remetendo repetidamente para aqueles que a proclamam, sublinhando a importância do seu testemunho, da sua presença, do tom da sua

¹⁶¹ “Il est essentiel de rappeler que le lieu de la parole est en quelque sorte porté par le lecteur lui-même”. P. PRÉTOT, “Quand le corps se fait ambon”, *Chroniques d’Art Sacré* 45 (1996) 14.

¹⁶² “Si può dire che l’ambone più nobile è un uomo che tiene in mano un libro. Esso per sé solo attesta la trascendenza, l’origine alta della Parola”. G. ZANCHI, “L’ambone nella dramaturgia liturgica”, 206.

¹⁶³ “c’est donc la voix du lecteur qui manifeste au mieux le fait que ‘dans les lectures’, ‘Dieu adresse la parole à son peuple’”. P. PRÉTOT, “Quand la corps se fait ambon”, 14.

¹⁶⁴ “La parole sort du corps; elle n'existe que par lui”. C. DUCHESNEAU, “Parler pour dire”, *Chroniques d’Art Sacré* 67 (2001) 13.

¹⁶⁵ “Pour permettre à l’assemblée de se sentir concernée par la Parole, une parole vivant pour aujourd’hui, il est intéressant de créer un ambon qui laisse parler le corps humain. En d’autres termes, s’il est trop imposant, trop massif, trop large, trop haut aussi, le socle de l’ambon ne laissera que peu apparaître la stature du lecteur”. C. PRUVOT, “Créer un ambon fonctionnel”, *Chroniques d’Art Sacré* 85 (2006) 23.

voz: dimensões físicas fundamentais que permitem a caracterização do próprio “lugar” da proclamação, na consideração antropológica do mesmo. Aqueles que proclamam a Palavra tornam-se, apenas pela presença, sinal transcendental da própria Palavra proclamada, que apela à escuta e impele à comunhão. Nas palavras do autor, aquele que recebe a missão de proclamar torna-se “texto”, uma vez que testemunha um “acto de Palavra” que acontece por seu intermédio¹⁶⁶. Indaga o mesmo autor se, em alguns espaços, não seria simplesmente a presença física daquele que proclama sinal nobre e eloquentemente suficiente, configurador até do lugar consagrado a essa mesma proclamação¹⁶⁷. Aceitando a possibilidade da indagação, e até a sua pertinência do ponto de vista da teologia da encarnação e da valorização da dimensão corpórea, sublinhamos que o ambão se há-de estabelecer como forma de amplificar a força inerente à presença física do leitor, prolongando-a temporalmente no próprio espaço eclesial, para além da acção litúrgica¹⁶⁸, e perpetuando a sua função de “tornar visíveis os fundamentos essenciais da comunidade que se reúne naquele lugar”¹⁶⁹. Este lugar tornar-se-á, portanto, perfeitamente consentâneo com a sua dimensão memorial enquanto *monumentum resurrectionis*, não cessando de anunciar a Palavra, que lhe confere sentido e lugar, àqueles que habitarem o espaço eclesial¹⁷⁰.

¹⁶⁶ “Possiamo aggiungere che già solo un uomo che tiene in mano un libro mentre attesta così l'iniziativa trascendente dell'atto di parola istituisce l'ascolto e ordina la comunione. Egli è già testo poiché nella sua sola presenza è già teste di un atto di parola che si dà attraverso di lui”. G. ZANCHI, “L’ambone nella drammaturgia liturgica”, 206. O acto da leitura torna-se verdadeiramente um acto de eleição, mediante o qual o leitor proclama a Palavra que é sempre de um outro, e em última análise de Cristo, o outro por excelência. “La lecture liturgique [...] est, à tous égards, parmi tous les actes de parole, l’entracte de l’autre, la clairière de l’autre: parce que j’écoute un autre qui lit, parce que celui qui lit assume les paroles d’un autre, et parce que les paroles de cet autre sont censées être de surcroît celles de l’Autre par excellence”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 21.

¹⁶⁷ Na mesma linha de leitura: “Le ‘lieu de la parole’ est donc d’abord matérialisé par le corps et la voix du lecteur. Dans ce sens, le plus ambon n’est-il pas d’abord le corps de l’homme? Il y a une façon de prendre le Livre de la parole, pour lui donner corps, qui peut traduire plus de respect et de justesse que l’usage de certains ambons monumentaux, dont la rigide noblesse risque de faire ressortir, par contraste, l’insuffisance du lecteur (peut-on vraiment demander à des lecteurs en tenue débraillée de monter à l’ambon pour proclamer la parole de Dieu?)”. P. MARKIEWICZ – F. FERRANTI, *Les Pierres vivantes: l’église revisitée*, Éditions Philippe Rey, Paris, 2005, 185.

¹⁶⁸ “Si potrebbe dire che l’architettura come tale è sempre l’arte di prolungare nello spazio la dimora corporea dell’uomo, il suo essere presso di sé nella carne”. G. ZANCHI, “L’ambone nella drammaturgia liturgica”, 206.

¹⁶⁹ “La necessità di uno spazio permanente per la Parola, spazio che ha la funzione di rendere visibili i fondamenti essenziali della comunità che si raduna in quel luogo. È un problema di teologia dello spazio liturgico”. P. DE CLERCK, “L’ambone oggi: le principali acquisizioni del convegno” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 264.

¹⁷⁰ “l’ambon lorsque, mis en place, il crée le désir de l’écoute de la Parole et qu’il est en même temps ‘mémoire’ de cette Parole”. L. BERNOT, “Point de vue d’une artiste”, *Chroniques d’Art Sacré* 85 (2006) 19.

3 – A relação entre o ambão e os restantes lugares da Palavra no espaço celebrativo

O ambão assume o lugar específico da Palavra enquanto *topos* litúrgico, que evoca não somente a funcionalidade exigida, mas principalmente o seu valor simbólico e arquitectónico no contexto do espaço celebrativo. No entanto, a reflexão contemporânea acerca do espaço litúrgico sempre manifestou o ensejo de uma compreensão unitária deste mesmo espaço. Tanto é que, comumente, se utilizam expressões trinómicas como altar-ambão-sede ou baptistério-ambão-altar, com o objectivo de salientar as relações inerentes aos diferentes dispositivos que integram o espaço celebrativo, pretendendo cada um dos agrupamentos sublinhar uma acentuação diferente: o trinómio baptistério-ambão-altar acentuando uma dimensão mais catecumenal e o trinómio altar-ambão-sede uma dimensão mais litúrgico-celebrativa. Contudo, há necessariamente uma relação profunda entre a Palavra, o dispositivo que a evoca por excelência e os restantes lugares celebrativos, que por ela são perpassados, não somente pela relação com o dispositivo do ambão, mas porque também eles são por ela impregnados.

“Os textos do Concílio Vaticano II baseiam-se na força das Escrituras e insistem na necessidade de lhes dar um lugar específico, numa relação correta com o altar, centro para o qual toda a liturgia converge, o ministro ordenado, garante e testemunha do que é lido e celebrado, e a assembleia, que é constituída como corpo eclesial mediante a escuta daquela Palavra”¹⁷¹.

A relação entre os dispositivos torna-se também evidente pois que a demarcação das suas funções específicas não é estrita. Se o lugar da Palavra é o ambão por excelência, podemos identificar ainda outros lugares no espaço celebrativo como espaços de proclamação: atentemos a relevância desta consideração na análise da assembleia, da sede da presidência e do altar, também eles como lugares de Palavra, e a forma como são chamados a articular-se com o dispositivo do ambão. Do ponto de vista celebrativo, “nem toda a liturgia da Palavra acontece no ambão, nem toda a Palavra se limita ao momento litúrgico com o mesmo nome”¹⁷².

¹⁷¹ “Les textes du Concile Vatican II prennent appui sur la force des Ecritures et insistent sur la nécessité de leur donner un lieu spécifique, dans une relation juste avec l'autel, centre vers lequel toute la liturgie converge, le ministre ordonné, garant et témoin de ce qui est lu et célébré, et l'assemblée qui se constitue comme Eglise dans l'écoute de cette Parole”. C. MOULY, “Éditorial”, *Chroniques d'Art Sacré* 85 (2006) 1.

¹⁷² “Toute la liturgie de la Parole ne se fait pas à l'ambon et toute la parole n'est pas cantonnée dans la liturgie du même nom”. J. GELINEAU, “L'ambon: présupposés cérémoniales”, *Chroniques d'Art Sacré* 45 (1996) 12.

3.1 – A assembleia: lugar da Palavra escutada e respondida

Qualquer proclamação pressupõe sempre a existência da assembleia que se reúne para a escutar. “A assembleia dos crentes existe por causa da convocação por parte da Palavra de Deus”¹⁷³. A funcionalidade do ambão, tal como exigida pela instrução *Inter Œcumenici*, advém das exigências próprias desta mesma assembleia que se reúne para a escuta da Palavra: “Convém que haja um ambão, ou ambões, para a proclamação das leituras sagradas, dispostos de forma que os fiéis possam ver e ouvir bem os ministros” (ICE 96). Nesta continuidade, também a *Instrução Geral do Missal Romano* assim se pronuncia:

“A dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis. [...] Tanto quanto a arquitectura da igreja o permita, o ambão dispõe-se de modo que os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis” (IGMR 309).

A nova relevância dada ao corpo eclesial, enquanto assembleia celebrante, advinda da acentuação eclesiológica querida pelo Concílio Vaticano II, está presente nas ulteriores normas para a reflexão do espaço litúrgico. De tal forma que a disposição da assembleia deve privilegiar sempre a dimensão comunitária que acentua o seu entendimento como corpo reunido por Deus para celebrar os mistérios da Fé¹⁷⁴. Tal como afirmado por alguns autores, o lugar da Palavra é a comunidade pois aquela e a assembleia estão ligadas pelo mesmo fundamento¹⁷⁵. Esta relação inerente entre a Palavra e a assembleia é também evidente nas configurações mais recentes por ela assumidas, onde a disposição se coaduna com a importância da escuta da Palavra proclamada, na certeza de que a eficácia acústica não é indiferente. Assim, nas propostas arquitectónicas mais recentes, mais do que uma assembleia disposta em fila, é comum depararmo-nos com propostas de disposição da assembleia que circundam o ambão, facilitando a escuta e o acolhimento da Palavra proclamada, em fidelidade às intuições conciliares e à primazia do critério comunitário¹⁷⁶.

¹⁷³ “L’assemblée des croyants existe en raison de sa convocation par la Parole de Dieu”. COMITÉ NATIONAL D’ART SACRÉ, *L’Église: maison du peuple de Dieu*, les Éditions du Cerf, Paris, 1971, 34.

¹⁷⁴ “La disposizione generale di una chiesa deve rendere l’immagine di un’assemblea riunita per la celebrazione dei santi misteri [...]. Per natura e tradizione lo spazio interno della chiesa è dunque studiato per esprimere e favorire in tutto la comunione dell’assemblea, che è il soggetto celebrante”. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, “La progettazione di nuove chiese”, 55.

¹⁷⁵ “Certes le lieu de la Parole, c’est la communauté. [...] la parole et l’assemblée sont liées dans leur fondement”. C. MUESS, “Un lieu pour la Parole de Dieu”, *Chroniques d’Art Sacré* 30 (1992) 9.

¹⁷⁶ “La cohérence et la richesse intrinsèque du lieu de la Parole dépendent ainsi du thème décisif de l’assemblée. Avec le nouvel accent donné par le Concile, il n’est d’ailleurs plus guère défendable de vouloir encore situer les fidèles en situation purement passive et frontale et de les disposer en profondeur, face su

Depreendemos também uma importante relação entre a Palavra e a construção do próprio corpo eclesial, reunido e congregado. Nas palavras de Stefano Russo, na saudação de abertura ao Convénio acerca da assembleia litúrgica, em Bose, é desta compreensão da comunidade reunida enquanto corpo que depreendemos a sua profunda relação com a Palavra celebrada na Eucaristia.

“A assembleia, na medida em que se constitui como sujeito celebrante, santificada pelo Santo, é chamada a formar o único corpo que é Cristo. Isto torna possível a realização efectiva de um projecto de Igreja-comunhão onde muitos e diferentes constituem uma única realidade. É aqui que a liturgia se torna o coração da Igreja amada por Deus e chamada a responder a esse amor: a experiência tangível da transformação no Homem Novo, convidado a renovar o mundo com o seu próprio testemunho”¹⁷⁷.

A assembleia dos cristãos toma a sua razão de ser deste movimento: a Palavra de Deus convoca-a, congrega-a e envia-a¹⁷⁸. A sua edificação enquanto corpo acontece mediante a escuta dessa mesma Palavra proclamada: ela torna-se fatora da interacção entre os corpos vários que se tornam, na celebração litúrgica, um só Corpo¹⁷⁹. Giuseppe Busani, na sua intervenção no Convénio supra-mencionado, apresenta uma bela explanação dizendo que a Palavra não serve, neste contexto, para expor algo, mas para se expor a si própria, para se tornar manifesta naquele Corpo por ela congregado. A escuta acontece não somente por intermédio dos ouvidos, mas de todo o corpo, deixando aquela Palavra de ser apenas uma realidade em si para se fazer carne, temática já anteriormente explorada e que continuamente nos remete para a teologia da encarnação que lhe subjaz¹⁸⁰. Ela é também um lugar de

prédicateur, comme dans un grand lieu de catéchisme”. F. DEBUYST, “Le lieu de la Parole: une expérience exemplaire”, *Chroniques d’Art Sacré* 29 (1992) 7.

¹⁷⁷ “L’assemblea dunque è il soggetto celebrante, resa santa dal Santo, chiamata a formare l’unico corpo che è Cristo. Questo rende possibile la realizzazione effettiva di un disegno di chiesa-comunione dove molti e diversi costituiscono un’unica realtà. Ecco allora che la liturgia diventa il cuore di una chiesa amata da Dio e chiamata a rispondere all’amore: l’esperienza tangibile della trasformazione in uomini nuovi, inviati a rinnovare il mondo con la propria testimonianza”. S. RUSSO, “Saluto di Apertura del Convegno” in AA. VV., *Assemblea Santa: forme, presenze, presidenza*, Atti del VI Convegno liturgico internazionale, Bose, 5-7 giugno 2008, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 13.

¹⁷⁸ “L’assemblée des chrétiens trouve sa raison d’être dans cette Parole qui la convoque, la rassemble et l’envoie”. C. MUESS, “Un lieu pour la Parole de Dieu”, 9.

¹⁷⁹ “Il luogo della Parola è per sé luogo di raccoglimento, che compie la prima trasformazione di un numero di individui in un corpo comunitario, che la forza di coagulare attorno a sé le individualità unificandole nell’atto di una stessa Parola in corpo di popolo”. G. ZANCHI, “L’ambone nella dramaturgia liturgica”, 208.

¹⁸⁰ “Dove la ‘parola’ non è esporre ma esporsi, i corpo sono ‘chiamati’ a formare un corpo. Non si ascolta con gli orecchi ma con tutto il corpo, in modo che la Parola non sia data solo in parole ma come ci insegna Giovanni, nella carne”. G. BUSANI, “Corpi chiamati a formare un corpo” in AA. VV., *Assemblea Santa: forme, presenze, presidenza*, Atti del VI Convegno liturgico internazionale, Bose, 5-7 giugno 2008, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 49.

presença, como o declara a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, já que também aí Cristo se faz presente quando a Igreja reza e canta¹⁸¹.

Neste sentido, há que considerar ainda uma importante dimensão de resposta à Palavra escutada por parte da assembleia, como o manifestam vários momentos da celebração¹⁸². “Depois de cada leitura, aquele que a lê profere a aclamação; ao responder-lhe, o povo reunido presta homenagem à palavra de Deus, recebida com fé e espírito agradecido” (IGMR 59). A resposta à Palavra, por parte da assembleia, concretiza-se também no envio final (como recorda a oração de bênção final do ritual de bênção de um novo ambão), pois cada um daqueles que se dispuseram a escutar, são posteriormente enviados a anunciar essa mesma Palavra com a vida. O lugar da Palavra estende-se, assim, a partir da existência concreta daqueles, constituídos como verdadeiros anunciadores do Evangelho.

“Nós Vos damos graças porque nunca nos deixais sem o alimento saboroso da vossa palavra e sempre que nos reunimos nesta igreja nos recordais e ensinais as maravilhas da vossa revelação. Nós Vos pedimos, Senhor, que neste lugar ressoe sempre aos nossos ouvidos a voz do vosso Filho, de modo que, seguindo fielmente as inspirações do Espírito Santo, não sejamos apenas ouvintes da vossa palavra, mas a ponhamos em prática com diligência. Aqui os mensageiros da vossa palavra nos ensinem os caminhos da vida, pelos quais sigamos generosamente a Cristo Nosso Senhor e alcancemos a vida eterna” (CB 916).

É nesta medida que a existência cristã se torna resposta à Palavra anunciada. Assim, o lugar celebrativo deixa de permanecer encerrado em si próprio para se tornar um lugar pleno de significações, a partir do qual a Palavra se diz, se escuta e se perpetua no tempo e na vida, alastrando a sua acção pelo mundo, contra qualquer relegação a um espaço específico. O seu princípio exige um lugar específico, na medida em que a proclamação e a dimensão antropológica que lhe é inerente exigem um lugar geográfico, mas essa exigência não prediz nem condiciona o término da sua acção e eficácia.

3.2 – A sede da presidência: lugar da Palavra confirmada e atestada

A cátedra é o lugar litúrgico por excelência reservado ao bispo que preside à sua Igreja, e liturgicamente, a determinada assembleia. Quanto este não está presente, o presbítero assume uma função de representação, presidindo à assembleia litúrgica em seu lugar.

¹⁸¹ “Cristo está presente [...] quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles’ (Mt 18, 20)” (SC 7).

¹⁸² Lembramos, por exemplo, o momento da proclamação do salmo responsorial, quando a assembleia se une à voz do salmista, corporificando a resposta à Palavra escutada na leitura que o precede.

É a partir do ministério episcopal que podemos depreender a relação profunda entre o lugar da presidência e a Palavra, tornando-se também este um lugar de Palavra. Esta compreensão advém da configuração cristológica do próprio ministério. O Bispo é, de facto, como exprime a denominação medieval *vicarius Christi*, assumindo assim um importante serviço de presidência e de anúncio. Esta relação torna-se mais evidente nas celebrações pascais, onde o anúncio do Evangelho é de tal forma importante que o acto litúrgico da sua proclamação acontece na sede episcopal, congregando no lugar da cátedra episcopal as valências inerentes ao lugar da Palavra e ao lugar da presidência.

“O Bispo exerce seu ministério, incluindo o de proclamar o Evangelho pascal, da sua cátedra; se ele precisasse de proclamar o Evangelho, a cadeira episcopal seria para ele a extensão do ambão. Não vice-versa porque a proclamação pascal do bispo à sua Igreja é uma proclamação privilegiada”¹⁸³.

A função do presbítero, ainda que distinta da do bispo e dele procedente, adquire a sua relação com a Palavra desta mesma compreensão, sendo que permanece como cabeça da assembleia, à qual preside da sede própria, o lugar litúrgico consagrado para tal fim.

Há ainda um outro elemento que nos permite afirmar que a cátedra deve ser projectada quase como uma extensão do ambão: a homilia. Ela pode ser feita quer do ambão quer da sede da presidência, porém é momento fundamental, próprio do ministro sagrado, de explanação da Palavra proclamada. Também ao bispo compete o ensino da porção de povo de Deus a ele confiado pelo ministério da Palavra a ele outorgado, e que se estende aos seus presbíteros, enquanto participantes do seu *munus docendi*¹⁸⁴. A Palavra de Deus não se restringe então à proclamação das leituras e do Evangelho, mas diz também respeito ao momento de explanação da Palavra proclamada. “A homilia não é, pois, um discurso qualquer, mas se reveste de uma dignidade sacramental, ela é o momento em que o bispo, como Mestre, ajuda a todo o povo de Deus a compreender e acolher na fé a Palavra revelada na Escritura”¹⁸⁵, actualizando, assim, para a comunidade reunida, o sentido da Palavra proclamada¹⁸⁶.

¹⁸³ “Il vescovo esercita il suo ministero compreso quello di evangelizzare la Pasqua dalla cattedra; se gli occorresse di proclamare l'evangelo, la cattedra episcopale sarebbe per lui il prolungamento dell'ambone. Non viceversa perché na proclamazione pasquale del vescovo alla sua chiesa è proclamazione privilegiata”. C. VALENZIANO, “L’ambone: aspetti storici”, 95.

¹⁸⁴ O Concílio Vaticano II explana a importância do *munus docendi* próprio do ministério episcopal no nº 25 da Constituição Dogmática sobre a Igreja (cf. LG 25).

¹⁸⁵ M. LIMA, *Igreja, Ícone da Trindade: espaço litúrgico, Imago Ecclesiae*, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012, 192.

¹⁸⁶ Rémi Cheno, no nº 227 da revista *La Maison-Dieu*, consagrado ao tema da homilia, apresenta-a na sua profunda relação com toda a liturgia da Palavra. Cf. R. CHÉNO, “L’homélie, action liturgique de la communauté eucharistique”, *La Maison-Dieu* 227 (2001) 9-34.

3.3 – O altar: lugar da Palavra tornada carne e oferecida

A própria história do espaço celebrativo atesta a profunda relação existente entre o lugar do sacrifício e o lugar consagrado à proclamação da Palavra. Recordamos, do ponto de vista histórico, que durante séculos as leituras eram proclamadas a partir do altar, o que denota uma profunda unidade entre a Palavra proclamada e o sacramento da Palavra em sentido estrito, congregando espacialmente estes dois modos distintos de presença¹⁸⁷.

O Concílio Vaticano II, devido à desvalorização crescente da Palavra proclamada em detrimento da sua manifestação sacramental, sentiu a necessidade de relembrar a igual veneração que sempre foi dada quer à Sagrada Escritura quer ao próprio Corpo do Senhor, presente de forma sublime na hóstia consagrada¹⁸⁸.

“A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo” (DV 21).

Atentemos que os documentos conciliares exprimem uma unidade implícita entre estes dois elementos, relevando a igual veneração da qual sempre foram alvo ao longo da história da Igreja¹⁸⁹. Esta relação pode ler-se, ao mesmo tempo, na apresentação de ambos como dois pólos daquela mesa a partir da qual o Povo de Deus é alimentado: a mesa da Palavra e da Eucaristia¹⁹⁰.

¹⁸⁷ Referimos modos diferentes de presença evocando a linguagem conciliar, que distingue, de facto, as formas diferentes de manifestação da presença de Cristo no contexto da celebração litúrgica; linguagem também utilizada pelo Papa Paulo VI na sua Carta Encíclica acerca do culto eucarístico: *Mysterium Fidei* (cf. SC 7 e MF 40).

¹⁸⁸ “De outro modo, também verdadeiríssimo, Cristo está presente à sua Igreja enquanto ela prega, sendo o Evangelho, assim anunciado, Palavra de Deus; esta pregação só em nome de Cristo, Verbo de Deus Encarnado, se realiza, e com a sua autoridade e assistência: pretende levar a que haja ‘um só rebanho, cuja segurança virá de ser um só o pastor’. [...] Estas várias maneiras de presença enchem o espírito de assombro e levam-nos a contemplar o Mistério da Igreja. Outra é, contudo, e verdadeiramente sublime, a presença de Cristo na sua Igreja pelo Sacramento da Eucaristia” (MF 36 e 40).

¹⁸⁹ A igual veneração que o Concílio refere foi posteriormente explanada pela Pontifícia Comissão para a interpretação dos Decretos do Concílio Vaticano II, respondendo à pergunta acerca da igual veneração à Sagrada Escritura e ao Santíssimo Sacramento, induzida pelo advérbio *sicut*, traduzido no advérbio ‘como’: “Deve ser dada veneração, tanto à Sagrada Escritura como ao Corpo do Senhor, mas com modo e razão diversos, como se esclarece a partir da Constituição da Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* nº7, a Encíclica *Mysterium Fidei* e a Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos *Eucharisticum Mysterium* nº9”. PAULO VI, Audiência de 5 de Fevereiro de 1968 in AAS 60 (1968) 362. O tema foi explanado por inúmeros autores. Referimos, como aprofundamento desta temática, a obra conjunta ao cuidado de Salvatore Marsili: S. MARSILI, “La Liturgia: momento storico della salvezza” in S. MARSILI (ed.), *Anamnesis: I. La Liturgia: momento nella storia della salvezza*, Marietti Editori, Torino, 1974, 92-96.

¹⁹⁰ Esta imagem, proveniente dos escritos de Orígenes, foi retomada pelo Concílio donde se foi depreendendo a referência a duas mesas. Apesar de esta corrente se ter difundido na compreensão e tradição teológica de alguns países, parecem-nos mais coerentes as posições teológicas que lêem a afirmação conciliar como referindo uma mesma mesa, da qual se alimentam os fiéis da Palavra de Deus, verdadeiro pão da vida, escutado e acolhido na Palavra proclamada e recebido na comunhão sacramental. “On parle le plus souvent, en

Esta acentuação, que remonta à tradição cristã dos primeiros séculos, implicou necessariamente uma nova compreensão da própria celebração eucarística e dos momentos seus constituintes, assim como do espaço celebrativo que lhes subjaz. Do ponto de vista litúrgico, entendemos dois momentos fundamentais na unidade da celebração da Eucaristia: a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística¹⁹¹. Nas palavras de Geraldo Coelho Dias:

“[Estas] realizam a simbiose perfeita do *Verbum littera, caro et panis factum*. O Verbo pelo qual Deus criou o mundo e falou aos homens é o mesmo que se fez Homem e cujo Corpo e Sangue dá aos homens o alimento da vida eterna. A Eucaristia repete e actualiza a entrega de Cristo, mas dá também à Sua palavra uma nova força, de tal modo que o Corpo de Cristo e a Palavra de Deus chegam até nós dinamicamente unidos na Celebração da Eucaristia”¹⁹².

Esta unidade manifesta-se na própria estrutura sacramental, que exige sempre a concomitância da forma com a matéria, forma esta que pressupõe sempre o pronunciamento de palavras. Talvez possamos estabelecer uma analogia entre a própria estrutura sacramental e a estrutura da própria celebração eucarística¹⁹³.

français, des 'deux tables'. Mais le concile traite de la table de la Parole comme du pain eucharistique. Non pour dire que l'autel suffirait. Mais pour signifier que c'est le même mystère qui s'y réalise, car Dieu nourrit son Peuple de sa Parole comme du pain de vie”. P. DE CLERCK, “Un ambon: pourquoi?”, *Chroniques d'Art Sacré*, 85 (2006) 7-8. “I padri conciliari parlano di un'unica tavola, perché non c'è che un solo corpo di Cristo e un solo pane di vita, che lo si individui nell'alimento della sua Parola o in quelli del suo corpo e del suo sangue”. IDEM, “l'ambone oggi”, 263. Na mesma linha interpretativa: “Il faut souligner que le texte parle bien d'une seule table sous deux formes et non de 'deux tables' comme trop souvent on le dit. Comme le souligne encore le texte d'Emmaüs, c'est à la fraction du pain qu'ils 'reconnaissent' celui qui, pourtant sur la route, leur avait expliqué les Écritures qui le concernaient. Et la Constitution sur la liturgie insiste sur l'unique table de la Parole et de l'Eucharistie en affirmant au n. 56 : 'Les deux parties qui constituent en quelque sorte la messe, c'est-à-dire la liturgie de la parole et la liturgie eucharistique, sont si étroitement unies entre elles qu'elles constituent un seul acte de culte'” (Cf. SC 56). P. PRÉTOT, “Prier la Parole: un discernement sur l'usage des revues liturgiques”, *Bulletin Information Biblique* 79 (2012) <https://www.bible-service.net/extranet/pages/1572.html> [consultado em: 03 de Julho de 2017, 01:30h].

¹⁹¹ “La réforme liturgique a pu restituer l'unité des deux parties de la messe, qui avait été perdue, principalement à partir de l'image patristique des deux tables de la parole et de l'eucharistie [...]. Le texte principal du Concile Vatican II pour affirmer l'unité de la structure bipartite, c'est celui qui unit les deux tables de la parole et de l'eucharistie”. R. CHÉNO, “L'homélie, action liturgique de la communauté eucharistique”, 20-22. Consideramos que a exploração desta questão necessita ainda de um maior aprofundamento teológico, que apresente uma articulação cabal entre Palavra e a Eucaristia, sem as justapor, mas também sem as confundir, pois que são duas partes distintas, apesar de confluentes num único acto de culto (cf. SC 56). Um bom contributo teológico, no que refere a esta articulação, é feito por Yves Congar na seguinte bibliografia: Y. CONGAR, “Les deux formes du pain de vie dans l'Évangile et dans la Tradition”, M. FISHER – L. BOUYER (ed.), *Parole de Dieu et Sacerdoce*, Desclée & Co, Belgium, 1962, 21-58.

¹⁹² G. DIAS, “A celebração da Palavra e a sua pastoral na celebração da Eucaristia”, *Ora et Labora*, 17 (1971) 39.

¹⁹³ “Esta realidad tiene como apoyatura teológica la unión entre *Palabra-Fe-Sacramento*; la cual, de una parte, hace que la Palabra provoque la Fe y la Fe desemboque en el Sacramento, y, de otra, que el Sacramento, gracias a la Fe, encuentre su fundamento en la Palabra. Existe, pues, una ley que puede formularse así: por la Palabra a la Fe y por la Fe al Sacramento. A la Palabra proclamada sigue la Fe del que escucha, la cual se concreta en el ofrecimiento y recepción de la Eucaristía. [...] la Palabra anuncia (en cierto modo realiza) la salvación, y la Liturgia Eucarística realiza esa salvación de modo pleno e infaliblemente eficaz.” J. IBÁÑEZ – M. BONAÑO, *Iniciación a la liturgia de la Iglesia*, 298.

Esta concepção celebrativa influiu necessariamente nas propostas arquitectónicas contemporâneas. Sendo este um dado redescoberto e fundamental, ele haveria de ter uma tradução espacial e experiencial, capaz de contribuir para a explicitação dos mistérios celebrado e de introduzir o povo celebrante na compreensão dos mesmos¹⁹⁴.

As propostas de organização espacial têm sido extremamente variadas, procurando manifestar a peculiaridade própria de ambos os lugares celebrativos, a fim de que correspondam aos diferentes momentos da celebração. No entanto, é fundamental que a unidade entre eles não seja obliterada, nem a particularidade de cada qual esquecida ou mesmo sobreposta por pretensas absolutizações. Isto tem implicações do ponto de vista formal, contando que apesar de o ambão poder ser colocado mais perto da assembleia do que do altar, normalmente por motivos acústicos e visuais, ele não deve de forma nenhuma obstruir a linha de visão da assembleia para o altar, desejável durante a liturgia eucarística. Também a materialidade deve traduzir a unidade destes dois elementos, recordada aquando da referência ao mesmo pão da vida que a partir deles é distribuído¹⁹⁵.

Há, concomitantemente, elementos rituais e celebrativos que evocam esta mesma unidade, como é o caso da procissão do Evangelário, desde o altar até ao ambão, antes da proclamação do Evangelho. Este dinamismo, ímpar em toda a celebração, sublinha a importância da proclamação do Evangelho, assinalando de forma assaz pertinente a sua proveniência, pois que é o próprio Cristo quem fala ao seu povo¹⁹⁶. Podemos estabelecer, também, uma certa analogia entre o evangelário e os dons eucarísticos já que o primeiro provém do altar, o mesmo lugar no qual ocorre a transformação dos dons no pão e no vinho

¹⁹⁴ Podemos indicar algumas soluções pré-conciliares surgentes na Europa que pretenderam uma solução capaz de responder a estas intuições. Mencionamos, como exemplo, a paróquia católica de São Lourenço, em Gern, perto de Munique, cuja espacialidade procura já uma nova articulação entre os diversos dispositivos litúrgicos, surpreendentemente, dez anos antes do Concílio Vaticano II. Frédéric Debuyst utiliza este mesmo espaço arquitectónico como exemplo para falar dos lugares da Palavra e da sua importância. Cf. F. DEBUYST – S. de LAVERGNE, “l’esprit de célébration et le lieu de la Parole”, 7.

¹⁹⁵ “L’ambon a son propre espace. Il est en lien avec l’autel; la Parole mène à l’Eucharistie. C’est par le chemin parcouru entre l’ambon et l’autel et par le rappel formel, visible à travers un même matériau, une couleur ou un détail identique, que ce lien s’établit”. L. BERNOT, “Point de vue d’une artiste”, 19. Apesar da posição da autora, é importante deixar claro que a liturgia da Palavra não é simplesmente um pré-sacramento, meramente propedêutico ante a liturgia eucarística. O seu valor é mais abrangente e não se compadece de tais reduções. Como explica Giovanni Tangorra: “il ruolo della Parola non è solo quello di ‘introdurre’ o ‘preparare’ il sacramento ma ne è il fattore costitutivo che lo attraversa dall’inizio alla fine”. G. TANGORRA, “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio”, 61. Na mesma linha interpretativa, adverte Rémi Chéno: “On risque en effet de faire de la liturgie de la parole une action préliminaire et simplement préparatoire à l’administration du sacrement. L’enjeu de l’affirmation, c’est de soutenir que l’action est action sacramentelle dès le début, c’est-à-dire dès la liturgie de la parole. La liturgie de la parole ne permet pas seulement l’intelligence de ce qui se fait dans le sacrement, mais elle est une célébration de la foi elle-même: la parole appartient à l’économie du salut, l’œuvre des signes sacramentels”. R. CHÉNO, “L’homélie, action liturgique de la communauté eucharistique”, 22.

¹⁹⁶ “La procession d’Évangile est une mise en scène de l’*adventus Christi*, un symbole de représentation qui annonce sa venue ultime ‘dans la gloire’, et qui représente celle-ci rituellement dans la venue de sa Parole – l’Évangile”. R. MESSNER, “La Liturgie de la Parole pédant la messe”, 57. Consultar também: L. CHAUVET, *Le Corps, chemin de Dieu*, 116.

eucarísticos. É assim reafirmada a unidade entre estes dois elementos, pois que radicam e têm a sua origem na pessoa de Cristo que neles se faz presente, ainda que de maneira distinta.

“O evangeliário é o único objeto litúrgico que passa do altar para a ambão na ação celebrativa. De fato, assim como o pão e o vinho eucarísticos dados aos fiéis vêm do altar, isto é, de Cristo; da mesma maneira, a palavra de Jesus, que é anunciada aos fiéis a partir do evangeliário, no ambão, vem do altar, isto é, de Cristo”¹⁹⁷.

Parece-nos inegável a dupla polarização que existe entre estes dois elementos, mas também a relação que entre eles é exigida. A linguagem da prioridade não nos parece esclarecedora quanto a esta problemática, sendo a linguagem dialéctica e, ao mesmo tempo, unitária aquela que melhor ilustra esta questão. A unidade é, certamente, uma das exigências provenientes da própria reforma litúrgica conciliar e uma criteriologia clara para qualquer reflexão contemporânea acerca do espaço celebrativo, pois que o próprio espaço litúrgico precisa traduzir a unidade própria que deve imperar aquando da celebração da Eucaristia. O desafio que permanece é o de, salvaguardando esta mesma unidade que deve caracterizar o espaço celebrativo, evidenciar as propriedades inerentes e significantes de cada um dos dispositivos, sem os polarizar excessivamente.

¹⁹⁷ “L'évangélaire est le seul objet liturgique qui passe de l'autel à l'ambon dans l'action célébrant. En effet, de même que le pain et le vin eucharistiques donnés aux fidèles viennent de l'autel, c'est-à-dire du Christ; de même, la parole de Jésus, qui est annoncée aux fidèles dans l'évangélaire depuis l'ambon, vient de l'autel, c'est-à-dire du Christ”. P. FAURE, “De l'autel à l'ambon, le cérémonial de l'évangélaire”, *Chroniques d'Art Sacré* 85 (2006) 11.

III

O lugar da Palavra: critérios teológicos e modelos arquitectónicos

Depois das análises encetadas nos dois primeiros capítulos do presente trabalho, surge como pertinente a consideração de algumas propostas arquitectónicas pós-conciliares, por forma a procurar nelas a presença das directivas atrás reflectidas acerca da centralidade da Palavra e da sua importância na reconfiguração do espaço litúrgico-celebrativo depois do Concílio Vaticano II. Atentemos, porém, que a atenção ao lugar da Palavra, pelo menos do ponto de vista da sua concretização arquitectónica, não foi, nos primeiros anos sucedâneos ao Concílio, um tema abordado de forma isolada, como uma preocupação apartada; nem foi uma das principais questões pós-conciliares, pelo menos no que se refere à materialização desta centralidade no concernente ao espaço litúrgico (pois que muitos incrementos se verificaram em matéria de espiritualidade, catequização, renovação litúrgica ritual, etc). O seu tratamento foi acontecendo sempre na relação com os restantes dispositivos do espaço litúrgico, cuja preocupação, do ponto de vista arquitectónico, se afigura mais contemporânea daqueles incrementos aos quais fizemos menção¹⁹⁸.

Assim, é incontornável a importância da reflexão arquitectónica pós-conciliar na sua articulação com a redescoberta do lugar da Palavra de Deus e da sua centralidade em toda a vida eclesial, pois que aquela outra é um dos instrumentos ineludáveis no âmbito da concretização dos modelos teológicos, especialmente os eclesiológicos, e da sua aplicação na vida eclesial. Por outras palavras, é também na expressão arquitectónica que vemos a concretização das principais linhas conciliares, no que diz respeito ao âmbito eclesiológico, litúrgico, celebrativo, relacional. Assim, pensar o espaço litúrgico é procurar, e não apenas decalcar, as formas e relações que melhor traduzem o ser Igreja e o seu sentir próprio, concretizando especialmente a possibilidade de uma experiência consentânea com a reflexão

¹⁹⁸ Uma sintética resenha da transformação arquitectónica à qual o Concílio Vaticano II deu força e expressão é feita por Vincenzo Gatti na seguinte obra: V. GATTI, *Liturgia e Arte*, 87-90.

teológica e magisterial conciliar¹⁹⁹. Nesta matéria, são incontornáveis as palavras de Louis Bouyer: “A maneira como nós construiremos a nossa igreja constituirá a manifestação por excelência da qualidade da nossa vida eclesial, da nossa vida de comunhão no corpo de Cristo”²⁰⁰. Não se trata simplesmente de uma reflexão teórica coerente, mas de uma articulação cabal entre a reflexão teórica eclesial e a forma que a manifesta e dá a conhecer.

“À linguagem da liturgia [...] deve corresponder uma linguagem credível da arquitectura e da arte. Uma tal linguagem deve abster-se de arbitrariedades, deve ser de acordo com o significado, não no sentido de uma funcionalidade perfeccionista, mas no sentido de uma sintonia espiritual entre o espaço e acontecimento, entre disposição dos espaços e correspondentes realizações celebrativas”²⁰¹.

Esta ressalva feita pela Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã, vai ao encontro das problemáticas da nossa dissertação, particularmente aquelas presentes neste capítulo, pois que a capacidade de expressar unitariamente os conteúdos da fé é uma marca imprescindível que atesta a autenticidade do anúncio, numa cabal coerência entre discorrimento teórico-doutrinal e expressão cultural-formal.

Neste capítulo, pretendemos elencar algumas das concretizações arquitectónicas contemporâneas, fazendo ressaltar de que forma evidenciam a centralidade da Palavra no contexto celebrativo, enaltecendo-as como frutos do próprio Concílio Vaticano II. Esta análise expressar-se-á mediante três modelos tipológicos que nos parecem relevantes no tratamento das questões sobre as quais tem incidido a nossa reflexão. O primeiro modelo tipológico exprime uma disposição de carácter dialogal, de inspiração no modelo antifonal monástico. O segundo modelo, próprio de uma determinada expressão eclesial, mas à qual não se cinge estritamente, manifesta uma disposição orientada axialmente, congregando neste mesmo eixo central os diferentes dispositivos que compõem o espaço litúrgico. O terceiro e último modelo, com duas acentuações diferentes por nós identificadas, opta pela congregação dos dispositivos litúrgicos num mesmo centro celebrativo, traduzindo a unidade própria da

¹⁹⁹ Nas palavras do padre Carlos Cabecinhas: “do espaço litúrgico e da sua configuração emerge uma determinada concepção de Igreja. É que se o edifício sagrado reproduz, de algum modo, a imagem da assembleia congregada, nunca é uma realidade eclesiologicamente neutra. Não é, pois, desprovido de interesse notar que, com uma feliz ambiguidade, o mesmo termo é usado para designar quer a assembleia que se reúne, quer o lugar da reunião: igreja. / Eclesiologia e liturgia influenciam-se mutuamente: sendo a liturgia verdadeira epifania da Igreja (cf. LG 26), a concepção de liturgia tem sempre implícita uma determinada forma de conceber a Igreja. O Concílio Vaticano II intuiu esta reciprocidade e fez acompanhar a renovação eclesial pela correspondente reforma da liturgia. Renovação eclesial e litúrgica exigem-se mutuamente”. C. CABECINHAS, “Apresentação” in K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 7.

²⁰⁰ “La maniera in cui costruiremo le nostre chiese costituirà la manifestazione per eccellenza della qualità della nostra vita ecclesiale, della nostra vita di comunione nel corpo di Cristo”. L. BOUYER, *Architettura e Liturgia*, Edizioni Qiqajon, Magnano, 2007, 15.

²⁰¹ COMISSÃO DE LITURGIA DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ, *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*, 20-21.

celebração litúrgica na própria disposição arquitectónica, por intermédio da configuração dos elementos espaciais, da sua materialidade e da relação que estabelecem entre si.

Dado correremos o risco de esta ser uma tarefa demasiado dispersante, optámos por analisar diferentes tipologias arquitectónicas, escolhendo ulteriormente projectos que se enquadrassem em determinada tipologia. Devido à brevidade que caracteriza esta dissertação e, apesar dos desenvolvimentos presentes principalmente no segundo capítulo acerca das formas próprias do dispositivo do ambão e da simbologia a ele outorgada ao longo da história (que encontra também materialização em inúmeras concretizações contemporâneas, como se pode verificar na segunda parte da compilação *L'Ambone: tavola della parola di Dio*, provinda do III Convénio Litúrgico Internacional de Bose²⁰²), a nossa reflexão cingir-se-á a uma análise da disposição espacial, tendo em conta a sua configuração arquitectónica, dando ênfase ao posicionamento dos vários dispositivos e à sua relação entre eles, procurando intentar acerca da centralidade dada à Palavra nestas novas configurações arquitectónicas.

Após uma análise de tal ordem, indagaremos acerca da possibilidade de uma criteriologia que resulte não somente da reflexão teórica que já fomos expondo, contando que ela é também tradutora da reflexão teológica e magisterial no concernente a estes assuntos, mas também da actualização dessa mesma reflexão nas propostas arquitectónicas concretas. Por demais vezes, as concretizações arquitectónicas são pioneiras em relação à própria reflexão teológica, resultando das vivências das comunidades cristãs, e também esta dimensão deve ser considerada como fatora de teologia e orientadora do percurso eclesial nesta matéria.

Nas palavras de François Cassingena-Trévedy, a Palavra é definidora espaço-temporal, conferidora de sentido a determinado lugar e a determinado tempo. A própria “arquitectura, no seu sentido próprio, é inteligível sem a palavra, o lugar é ilegível sem a palavra que lhe dá lugar e forma de ser”²⁰³. A Palavra encerra em si um sentido ordenador que lhe advém do seu carácter de Λόγος, conferindo sentido ao espaço e ao tempo, delimitando-os e tornando-os passíveis de serem lidos pela experiência humana. Dá-se, assim, uma profunda relação entre aquela e a concretização espacial arquitectónica, na medida em que também esta última é organizadora de um espaço delimitado (compartilhando com a Palavra esta função), tendo a capacidade de o transformar num lugar específico. Cada lugar transformado pela arquitectura

²⁰² A parte mencionada conta com a colaboração de inúmeros autores, como Aurelio Marcias, Anne Carneiro, Walter Zahner, Antonio Marchesi, entre outros, e pretende elencar uma resenha dos principais dispositivos para a proclamação da Palavra contemporâneos, sitos em vários países europeus. Cf. AA. VV., *L'Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 133-197.

²⁰³ “L’architecture, au sens propre, est intelligible sans la parole, que le lieu est illisible sans la parole qui lui donne lieu et forme d’être”. F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *La Parole en son Royaume*, 30.

está em relação com aquela Palavra configuradora em dois sentidos: enquanto lugar arquitectónico, delimita e confere significado a uma determinada porção espacial, materializando cenários que possibilitam experiências concretas àqueles que neles se adentram; enquanto lugar habitado exige que a Palavra lhe outorgue um significado, a fim de também ele poder ser humanamente lido e interpretado.

1. Uma proposta dialogal: o binómio altar-ambão

As propostas arquitectónicas que determinam o espaço celebrativo segundo dois pólos opostos são uma novidade advinda do Concílio Vaticano II, cuja inspiração remonta às comunidades monásticas e ao seu esquema espaço-celebrativo de carácter antifonal. Esta modalidade arquitectónica não é hoje tão rara, encontrando muitas concretizações na Alemanha e em França. O padre Joaquim Félix de Carvalho, explanando esta nova síntese arquitectónica, elabora uma lista das principais capelas e oratórios onde esta disposição se pode observar²⁰⁴. Um dos exemplos elencados é o da capela dos bispos de França, sita na sede da Conferência Episcopal Francesa (cf. Figura 1). Esta disposição é fruto de uma intervenção recente uma vez que o espaço antigo estava orientado longitudinalmente.

Denotamos a evidência, nesta tipologia arquitectónica, do valor da axialidade; o eixo, enquanto orientador espacial, é um elemento fundamental, transversal a muitas das propostas arquitectónicas cristãs, que pretende sublinhar não só a necessidade de orientação do espaço celebrativo, como também tornar manifesto o sentido escatológico da acção litúrgica, que se torna patente através do sentido processional inerente à configuração do próprio espaço²⁰⁵. O eixo longitudinal,



Figura 1 - Chapelle de la Maison de la Conférence des évêques de France (Florence Cosse - 2007)

²⁰⁴ J. CARVALHO, *Capelas de Braga: novas poéticas da espacialidade ritual*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2018, 23-26.

²⁰⁵ Sobre a importância da orientação do espaço celebrativo, recomendamos a leitura de um dos capítulos da obra *Introdução ao Espírito da Liturgia*, de Joseph Ratzinger, intitulado: “O altar e a orientação da oração na Liturgia”. J. RATZINGER, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, Paulinas Editora, Lisboa, 2016, 55-62. Numa

presente em muitas das igrejas antigas, permitia que em vários momentos da celebração o espaço fosse percorrido pelos fiéis, quer através do olhar, quer fisicamente, como o denotam as várias procissões que integravam o rito eucarístico e que hoje se mantêm na celebração litúrgica hodierna. Esta proposta arquitectónica é precedida por algumas experiências encetadas, principalmente no contexto francês e alemão, em várias capelas universitárias. Ela advém da necessidade de concretização das exigências conciliares em espaços exíguos, pretendendo criar uma certa experiência de comunhão patente na forma como a assembleia é disposta: em duas alas e frente-a-frente, valorizando o contacto visual entre aqueles que participam de uma mesma acção celebrativa e enfatizando a relação que entre eles se

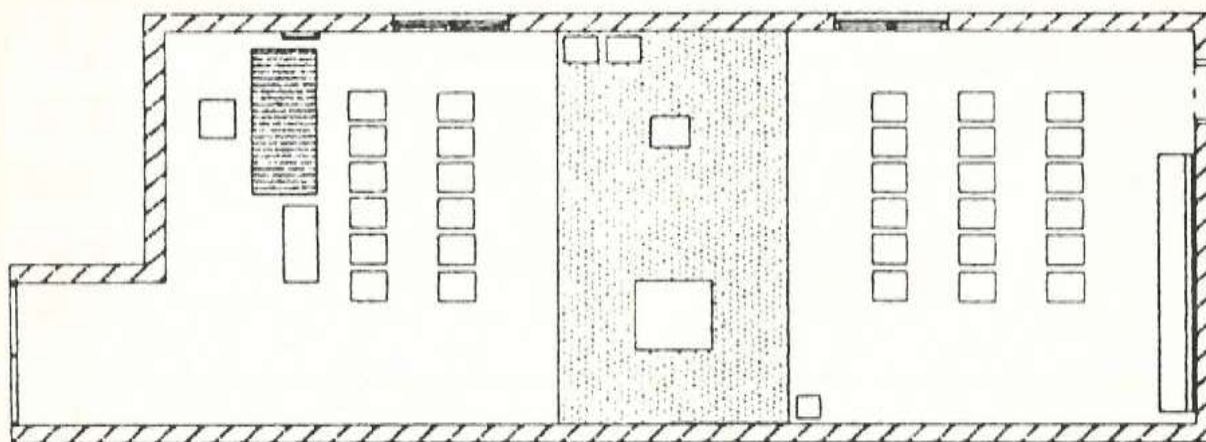


Figura 2 - Planta da Capela do Seminário Maior de Malines
(Florence Cosse – 1997)

estabelece, à semelhança das comunidades monásticas e da sua experiência orante, de carácter dialógico. Uma das capelas a que fazíamos alusão é a capela do Seminário Maior de Malines, arquitectada por Florence Cosse em 1997 (cf. Figura 2 e 3).

Comentada por Frédéric Debuyst numa das suas obras, pretende concretizar espacialmente a afirmação conciliar a que já fizemos referência acerca da relevância da liturgia da Palavra e da liturgia eucarística, como dois elementos de uma mesma acção que se compreende como unitária (cf, SC 56)²⁰⁶. Assim, a assembleia é disposta em duas alas, que ladeiam o centro do espaço celebrativo onde estão colocados o altar e o ambão (peças

diferente linha interpretiva quanto à relevância da orientação do espaço celebrativo na contemporaneidade: P. MARKIEWICZ – F. FERRANTI, *Les Pierres vivantes*, 166-171. Também Romano Guardini sublinha a necessidade da orientação espacial, fazendo um paralelismo com a orientação que pauta o espaço natural: “O espaço natural tem direcções: são as três que conhecemos. Significam que é espaço ordenado, não caos. Ordem de contiguidade, de sobreposição e de precedência. Faz com que a nossa vida se possa edificar e movimentar, plena de sentido. Faz com que possamos levantar edificios, dar-lhes corpo e habitá-los. Também o espaço sobrenatural, o espaço sagrado, tem uma ordem. Funda-se no mistério”. R. GUARDINI, *Sinais Sagrados*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2017, 2ª ed., 95.

²⁰⁶ F. DEBUYST, *Dix petites églises pour aujourd’hui suivi de philosophie de la promenade*, Publications de Saint-André, Belgique, 1999, 61-64.

desenhadas pelo próprio arquitecto) frente-a-frente. A axialidade é acentuada pela coloração do tapete sobre o pavimento e pelos elementos arquitectónicos que o enquadram²⁰⁷.



Figura 3 - Capela do Seminário Maior de Malines
(Florence Cosse – 1997)

Um outro exemplo, mais recente, é a igreja da Transfiguração, sita na diocese de Alba (cf. Figura 4). O plano arquitectónico que lhe subjaz, na continuidade dos exemplos que vimos apresentando, é também a dupla polarização do altar e do ambão, como se pode observar na planta do espaço celebrativo. Podemos ver a aplicação clara da orientação axial, demarcada pelo padrão dos ladrilhos que cobrem o pavimento e acentuada por um terceiro elemento, exterior a estes dois pólos – o baptistério -, colocado na entrada do espaço litúrgico. Como se pode ler na memória descritiva do projecto litúrgico para esta igreja, o modelo adoptado é assumidamente bipolar, sendo que a assembleia é disposta em duas semi-elipses que circundam o espaço central que permanece amplo e livre. Nas palavras de Ugo Dellapiana, um dos arquitectos que deu corpo ao projeto deste espaço celebrativo: “[este espaço central, amplo e livre, é] expressão da expectativa de um totalmente Outro que se dá e, ao mesmo tempo, expressão de um reenvio para Ele”²⁰⁸. O lugar da presidência marca o eixo menor do espaço eclesial, estando situado numa posição baricêntrica entre o altar e o ambão. A dimensão escatológica é também exaltada na memória descritiva do projecto, pois que a comunidade reunida em torno do espaço central, onde se desenrolam os vários momentos

²⁰⁷ “La présence des portes et des fenêtres suggérait d’accentuer l’axe central, l’architecte Florence Cosse a marqué cette zone d’un tapis choisi avec le plus grand soin”. F. DEBUYST, *Dix petites églises pour aujourd’hui*, 61.

²⁰⁸ “Espressione dell’aspettativa di un totalmente Altro che si dona, e nello stesso tempo espressione di un rinvio a Lui”. U. DELLAPIANA in “Chiesa della Transfigurazione”, <https://bit.ly/2PRUYE4> [consultado em: 25 de Julho de 2018, às 12:50h].

celebrativos, não é entendida como uma comunidade auto-referenciada, fechada sobre si própria, facto atestado pelos topos da elipse que permanecem “abertos”. A comunidade é, antes, convidada a permanecer constantemente ‘em saída’, incarnando o aspecto de peregrinação próprio do povo de Deus, tão sublinhado pela Constituição conciliar *Lumen Gentium*, ao qual já fizemos alusão.

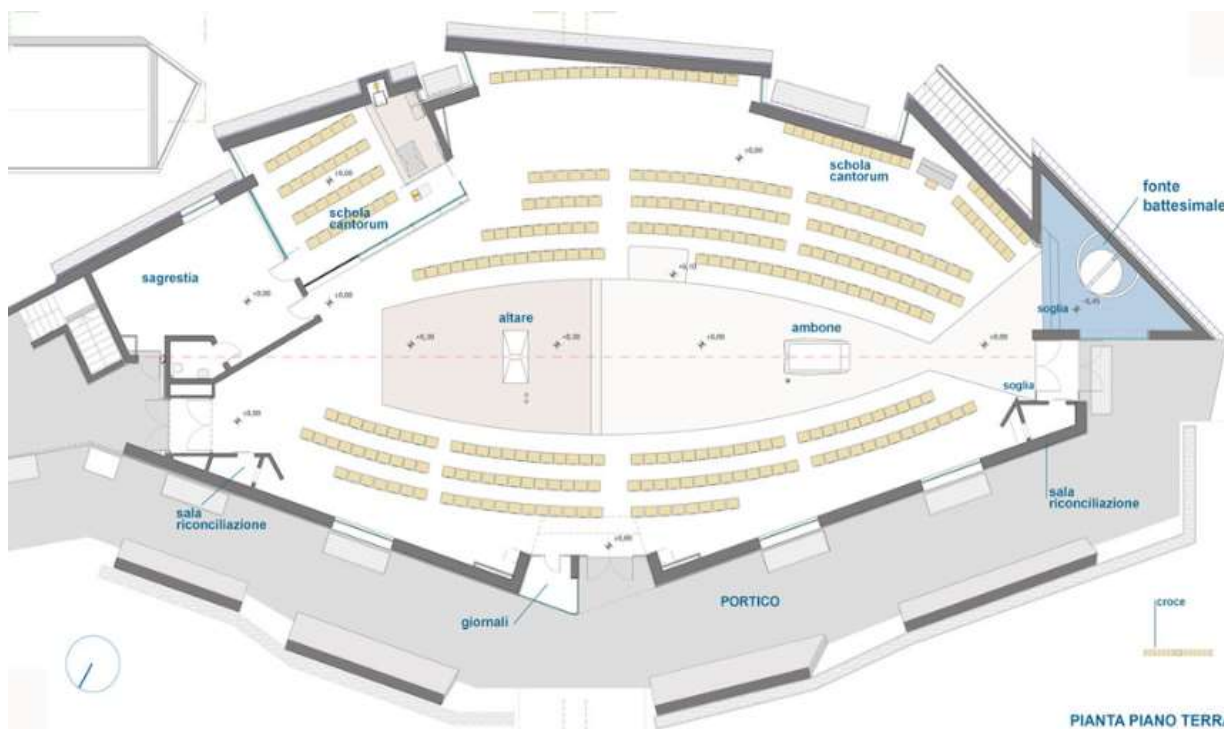


Figura 4 - Planta da igreja da Transfiguração – paróquia da Natividade de Maria Santíssima Diocese de Alba (Studio Archicura, Torino – 2005-2009)

Esta tipologia arquitectónica a dois pólos está também na base da planificação das três capelas intervencionadas recentemente na diocese de Braga – a capela *Árvore da Vida* (cf. Figura 5), a capela *Imaculada* e a capela *Cheia de Graça*. Todas elas traduzem um movimento concreto de renovação da arte litúrgica e da arquitectura nos Seminários da Arquidiocese de Braga, excedendo o simples processo de criar um novo património em linguagem hodierna, mas como concretização e inculturação do projecto evangelizador de Jesus Cristo²⁰⁹. Apesar de todas elas apresentarem “declinações do mesmo radical tipológico”²¹⁰, como afirma o padre Joaquim Félix de Carvalho no seu opúsculo acerca das mesmas, deter-nos-emos principalmente na análise da primeira por nós mencionada, sendo também a primeira em sentido cronológico, pois que parece servir melhor os intentos do nosso trabalho. A axialidade a que vimos fazendo referência está também presente neste espaço celebrativo, se bem que a ortogonalidade seja substituída pelo eixo oblíquo que une as duas aberturas – os únicos pontos

²⁰⁹ Cf. J. CARVALHO, *Capelas de Braga*, 71.

²¹⁰ *Ibidem*, 44.

de contacto com o espaço exterior que circunda esta capela – e que perpassa o espaço litúrgico. Apesar do altar e do ambão estarem face-a-face, também a sua posição acompanha a obliquidade da linha axial referida, como se depreende dos esquemas planimétricos (cf. Figura 6). A adequação do espaço litúrgico advém destes dois elementos, que contribuem para a concretização espacial dos intentos que presidem à edificação da capela, congregando duas importantes perspectivas tradicionais que trazem sentido às disposições escolhidas:



Figura 5 - Capela Árvore da Vida – Seminário Conciliar de Braga (2009-2011)

“A adequação litúrgica resulta, quer da fenomenologia icónica das portas, quer da valorização teológica das presenças simbólicas permanentes, ambão e altar, colocados face a face. Na sua colocação teve-se em conta o arco da luz cósmica, cujas linhas se cruzam no espaço litúrgico segundo as duas perspectivas tradicionais, referidas a Cristo e à sua Palavra: a cosmológica (do arco solar, de este para oeste) e a teológica (da implantação do ambão a sul; que, por outros motivos, reflecte uma antiquíssima tradição palestinese)”²¹¹.

Há uma clara valorização teológica do lugar da Palavra, que surge enquadrado quer em relação aos restantes dispositivos litúrgicos (neste caso, o altar), quer em relação à totalidade do espaço celebrativo e da sua significação. A própria obliquidade do eixo comporta uma valoração antropológica extremamente rica, principalmente na conjuntura antropológica contemporânea, explicitada pelo padre Joaquim Félix de Carvalho num artigo dedicado à descrição desta mesma capela²¹². Todo o percurso evocado pela disposição do espaço celebrativo, assim como os elementos que o compõem, salientam várias das tipologias que

²¹¹ J. CARVALHO, *Capelas de Braga*, 45-46.

²¹² IDEM, “A capela Árvore da Vida: arte e arquitectura”, *Communio* XXX (2013), 209-212.

fomos atribuindo à Palavra e à simbologia litúrgica a ela consagrada pela tradição cristã. O mote inicial do programa iconográfico é o momento da Criação, o que não é irrelevante para a nossa leitura, uma vez que este é um dos acontecimentos da Palavra por excelência – o Λόγος conformador que cria o espaço, conferindo ordem e significado, como aqui acontece. Na continuidade desta leitura genesíaca, a capela *Árvore da Vida* pretende materializar o “repouso doxológico”. É esta categoria teológica usada por Joaquim Félix de Carvalho para interpretar esta dimensão espacial: “É o espaço da liturgia, da bênção, do silêncio, do júbilo, da santificação dos homens e do culto público integral a Deus”²¹³. A colocação do próprio ambão orientado a Sul evoca também uma clara significação teológica provinda de uma leitura crística do cosmos. Nas palavras de Romano Guardini:

“Do Sul vem a palavra santa e encaminha-se para o Norte. Isto não significa apenas lembrança histórica de que ela veio um dia do mediterrâneo. O Sul é a plenitude da luz, símbolo da claridade sobrenatural, o Norte, imagem do frio e da escuridão. Da luz vem a palavra de Deus. Ele, que é luz do mundo, e brilha nas trevas, e penetra na escuridão, quando é bem recebido”²¹⁴.



Figura 6 – Esquema planimétrico
Capela *Árvore da Vida* – Seminário Conciliar de Braga
(2009-2011)

Se todo o espaço se torna assim conformado pela Palavra, exalando uma significação própria que exprime, de alguma forma, uma dimensão intrínseca à celebração eucarística, toda ela perpassada pela Palavra de Deus que nela se oferece, de forma particular e plena, em alimento, como vimos demonstrando ao longo desta dissertação, merece a nossa atenção o próprio dispositivo do ambão, pois que também ele se coaduna com a simbologia própria da tradição cristã. A simbólica escolhida é a do túmulo aberto, concretizando espacialmente, de forma fixa e permanente, o anúncio da manhã de Páscoa (cf. Figura 7). Sob o ambão,

²¹³ J. CARVALHO, “A capela *Árvore da Vida*”, 205.

²¹⁴ R. GUARDINI, *Sinais Sagrados*, 96.

aludindo como que ao seu sustento, foi colocada uma pedra que evoca a própria pedra tumular, com mais de trezentos quilos, tornando-se escabelo daquele que exerce o ministério da proclamação.



Figura 7 – Pormenor do ambão
Capela Árvore da Vida – Seminário Conciliar de Braga
(2009-2011)

A alusão ao jardim está plenamente enquadrada nas suas duas vertentes: quer pelo jardim paradisíaco, correspondente ao repouso da criação aquando do seu término, no sétimo dia, quer pelo jardim do anúncio, do qual brota a feliz notícia da Ressurreição²¹⁵. Numa clara alusão à luz própria provinda da Palavra, a luz que ilumina o ambão estende-se também pelo restante espaço, continuada pela luz cósmica que se espraia no espaço litúrgico através da abertura no topo da capela, iluminando o percurso até ao outro pólo a ele oposto: o altar. É materializada, assim, nas palavras do padre Joaquim Félix de Carvalho, “a direcção sacramental da luminosidade da Palavra”, que estreita a união destes dois elementos²¹⁶.

A dimensão peregrina do corpo eclesial está claramente presente neste espaço celebrativo. Nele somos conduzidos pela Palavra escutada até ao altar da Eucaristia, onde aquela se faz carne. Não somos, porém, convidados a permanecer aí, já que o eixo oblíquo também aí não se detém. Há uma dimensão escatológica inerente à concepção espacial que preside a este lugar e que nos remete para uma dimensão de esperança e de projecção para o exterior, evidenciando uma comunidade que não se encontra fechada em si mesma, mas aberta ao mundo e à imensidão de Deus que no meio dela se faz presente e que nela não se esgota:

²¹⁵ “Como o túmulo de Jesus foi colocado também num jardim, o espaço recebe um significado novo: faz com que o jardim pascal se sobreponha ao jardim terrestre. E, assim, melhor se compreende a ligação entre a antiga e a Nova Aliança. Hoje, como a Igreja que vive da escuta, sabemos que ‘quando é lida a divina Escritura, Deus torna a passear no jardim terrestre’ (S. Ambrósio). Acolhemo-Lo, agora, sem que o rumor dos seus passos desperte a nossa vergonha. Porque Ele nos anuncia que Cristo vive, nos pacifica e acompanha”. J. CARVALHO, “Árvore da Vida: Capela do Seminário Conciliar de Braga”, <https://bit.ly/2O08kAX> [consultado em: 25 de Julho de 2018, às 18h05].

²¹⁶ IDEM, “A capela Árvore da Vida”, 208.

“A peregrinação da caridade, no anúncio missionário do Evangelho. A experiência que fazemos no jardim da manhã de Páscoa (aula litúrgica), junto ao ambão-túmulo-aberto, na escuta da Palavra, impulsiona-nos a levar aos irmãos o kerigma de sempre, em estilos novos de comunicação e através do testemunho de vida. Na pressa e alegria das mirróforas matutinas, que, de manhã cedo, perplexas com as palavras dos anjos, correram a anunciar tudo aos Onze e a todos os outros [...]. Para que, à semelhança de Pedro e João, os nossos irmãos corram e metam a cabeça e os olhos nos sinais da ressurreição. O coração também²¹⁷”.

A Palavra congrega, conduz e envia, num movimento próprio que se encontra materializado no próprio *corpus* arquitectónico, tornando-se este eloquente por si mesmo. Este movimento, que configura a totalidade deste espaço, é também aquele que a humanidade é convidada a encetar constantemente para Deus. Tal há-de poder ser vivido, de forma particular, na celebração litúrgica, cujo fim é o encontro com Deus, devendo, por isso, ser esta sempre lida e entendida em chave escatológica.

Esta tipologia arquitectónica encontra o seu principal valor na tentativa de tradução de muitas das intuições conciliares, como fomos apontando, procurando, através da polarização, tornar manifesta a importância de cada uma das partes da celebração eucarística. O lugar da Palavra deixa de ser algo anexo ao próprio espaço para evidenciar o seu valor próprio, apresentando-se como um verdadeiro *monumentum* que suplanta a sua estrita funcionalidade litúrgica. A sua limitação advém da dificuldade de aplicação desta tipologia em espaços excessivamente grandes, o que pode levar a uma dispersão ou experiência de cisão por parte da comunidade reunida. As orientações dadas pela Arquidiocese de Chicago vão nesse sentido, apontando que esta mesma disposição espacial não deve ser aplicada em comunidades paroquiais²¹⁸. Na sua tese de doutoramento, Stephen Hackett levanta a mesma problemática, introduzindo a questão de um ordenamento espacial que pode levar a uma compreensão errónea da valoração simbólica do altar e do ambão, colocando ambos os dispositivos litúrgicos em igual circunstância e relevância, ao invés de sublinhar a sua complementaridade²¹⁹. O autor propõe uma solução simples para esta questão: a centralização do altar e a polarização da sede e do ambão, ou do ambão e da fonte baptismal, permitindo que o altar seja o centro ritual de todo o espaço. Esta resolução é proposta a par de dois factores que devem ser tidos em conta:

²¹⁷ J. CARVALHO, *Capelas de Braga*, 50-51.

²¹⁸ “An antiphonal seating arrangement, originally designed for monastic choirs, is not suitable for parish churches” (GBRC 2).

²¹⁹ “This arrangement might suggest a symbolic equivalence of altar and ambo that does not accord with Catholic liturgical tradition. Placing the ambo and altar in equivalent places towards the ends of the axial sanctuary could lead to an erroneous understanding of the liturgy by implying that the proclamation of the Word and the offering of the Eucharist are equal, rather than complementary”. S. HACKETT, *The Architecture of Liturgy: Liturgical ordering in church design; the Australian experience in perspective*, The University of New South Wales, Sydney, 2011, 253-254.

- a) o tamanho do espaço celebrativo, por nós já referido, tendo em atenção se a disposição da assembleia não é excessivamente longa, pois que levaria a correr o risco de que esta se experimentasse dispersa ou dividida, e não reunida. Cada fiel não deverá precisar de se virar excessivamente para o centro do espaço celebrativo, o que permitirá criar um centro de convergência;
- b) a potencialidade da acção litúrgica que, devido à distância entre os dispositivos, pode permitir vários movimentos processionais, que ajudarão à participação activa por parte dos fiéis, tal como requerida pelo documento conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC 26)²²⁰.

2. Uma proposta axial: um esquema teândrico de organização espacial

Esta tipologia arquitectónica explora a coincidência dos vários dispositivos litúrgicos num mesmo eixo, normalmente central, e advém também do desejo de exprimir arquitectonicamente as formas celebrativas advenientes do Concílio Vaticano II. Esta opção arquitectónica foi fortemente desenvolvida pelo Caminho Neocatecumenal, um importante itinerário de formação católica na contemporaneidade, surgente no século XX, que procurou, a par de outros intentos, uma aproximação artística capaz de adequar o espaço celebrativo às suas próprias necessidades, quer orantes, quer de estudo da Sagrada Escritura. É neste contexto que surgem os ditos “santuários da Palavra”²²¹:

²²⁰ “The success of the antiphonal ordering is tied to at least two factors additional to the suitable placement of the altar. The first of these factors is the length of the sanctuary in the principal axis and the ordering of the assembly along both of its sides. Where this principal axis is not too long, and especially if the seating is angled inwards at the ends of the space, a sense of the gathered assembly is evoked. This disposition of the assembly creates a centralizing flow. In contrast, the sanctuary can seem excessively long if members of the assembly need to turn significantly from end to end to remain engaged in the liturgy. This disposition of the assembly creates a linear flow and can detract from any sense of being gathered. It can also compromise the spatial unity of the sanctuary. The second factor is the use of the antiphonal arrangement to its full potential in liturgical celebration”. S. HACKETT, *The Architecture of Liturgy*, 254.

²²¹ Apesar de o nosso trabalho não se deter nesta tipologia arquitectónica, sublinhamos a pertinência do seu valor na medida em que traduz a articulação entre a experiência da Palavra no seio de uma comunidade cristã, em articulação com a presença de Cristo na reserva sacramental. Os santuários da Palavra, para além da disposição espacial que os caracteriza, enquanto lugares de escuta orante da Palavra de Deus, pressupõem sempre a presença de um sacrário onde é colocada a reserva eucarística. É “un espacio para escuchar la revelación divina contenida en la Escritura y una capilla de adoración ya que en el “Santuario de la Palabra” se conservan las especies consagradas dentro de un tabernáculo. Así, siguiendo las características que adquiere el santuario de la nueva alianza (cf. Hb 9, 1-28), este espacio presenta a Cristo como la encarnación del santuario celeste”. M. MELO, “El ‘Santuario de la Palabra’ en los seminarios Redemptoris Mater: Una nueva tipología arquitectónica”, *Actas del IV Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea*, 4 (2015) 217, <https://bit.ly/2MSSFip> [consultado em: 26 de Julho de 2018, às 16:35h].

“Espaços de inspiração hebraica relacionados com a oração comunitária e com a perscrutação da Palavra, que nos oferecem uma nova tipologia muito simples na sua estrutura arquitectónica, mas com uma grande carga simbólica”²²².

Ainda que não nos detenhamos sobre estes espaços específicos, eles são fundamentais para a compreensão de uma nova configuração litúrgico-espacial que se verifica neste contexto celebrativo particular: as comunidades do Caminho Neo-catecumenal. Francisco Argüello, um dos iniciadores deste percurso cristão, desenvolveu uma nova proposta artística, chamada *Nova Estética*, numa tentativa de aplicação das directivas providas do Concílio Vaticano II e da reforma litúrgica procedente. O projecto plástico que desenvolve estende-se à totalidade do espaço celebrativo e dos elementos que o compõem, procurando que da própria arquitectura emane o significado específico de cada um dos dispositivos presentes no espaço litúrgico, a fim de que todos se harmonizem numa linguagem unitária²²³. Esta proposta arquitectónica baseia-se nos princípios da centralidade do espaço celebrativo cristão, acentuada pela disposição da assembleia, disposta em torno de um centro, onde se situam os

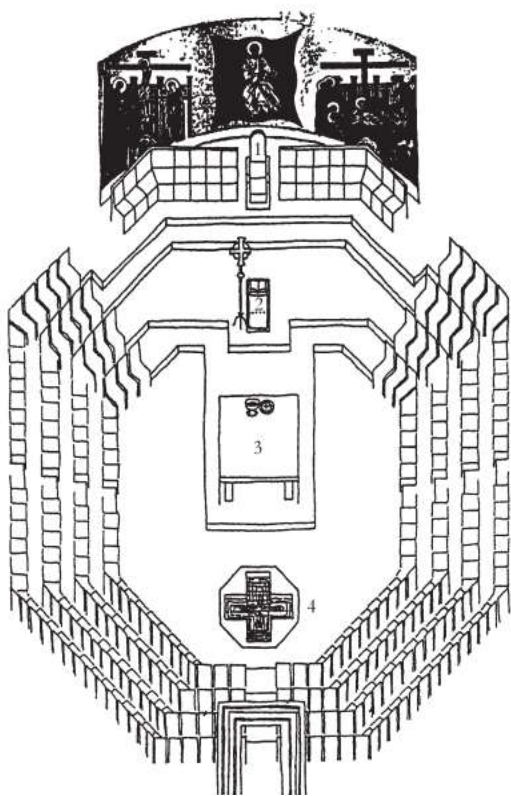


Figura 8 - Esboço da disposição litúrgica dos espaços celebrativos do Caminho Neocatecumenal

focos litúrgicos, normalmente orientados segundo um eixo axial ortonormado²²⁴. Os espaços celebrativos deste cariz apresentam uma disposição litúrgica transversal a todos os edifícios, apoiando-se numa planificação arquitectónica específica. No modelo original, a axialidade é ainda mais evidente pois que a piscina baptismal é também colocada sob o eixo central, ocupando também ela o centro do espaço celebrativo (cf. Figura 8). O modelo teórico é ulteriormente adaptado a cada realidade, o que explica a não colocação deste elemento, por exemplo, na capela do Seminário *Redemptoris Mater* sito em Roma (cf. Figura 9). As necessidades às quais pretende responder, enquanto espaço celebrativo, são

diferentes de um espaço celebrativo utilizado por uma comunidade paroquial tipo. O modelo

²²² M. MELO, “El ‘Santuario de la Palabra’ en los seminarios Redemptoris Mater, 212.

²²³ Cf. *Ibidem*, 213.

²²⁴ “Codifica un esquema de espacio celebrativo basado en los principios de centralidad de la asamblea y axialidad de los focos litúrgicos”. *Ibidem*.

arquitectónico base é pensado segundo um esquema teândrico, procurando uma tradução material para a compreensão teológica da Igreja como Corpo Místico de Cristo. O modelo subjacente permite atribuir a cada dispositivo litúrgico uma função específica, que se enquadra no corpo eclesial mediante a sua função litúrgica: ao altar e ao ambão são atribuídas as funções da cabeça da Igreja, nos quais se faz presente Cristo que fala e se oferece em alimento²²⁵; a fonte baptismal surge no lugar do ventre, do qual nascem os novos cristãos para a vida da Igreja; a assembleia, tida como os pés e as mãos, as extremidades do corpo, configura o meio por intermédio do qual a Igreja anuncia a Palavra de Cristo que, assim, se expande pelo mundo²²⁶.



Figura 9 - Capela do Seminário *Redemptoris Mater* de Roma (1988)

O lugar do ambão e a sua relevância advêm do desejo da concretização dos intentos conciliares, o que justifica a sua colocação no eixo principal do espaço celebrativo, entre o

²²⁵ “Así mismo otra peculiaridad es la distribución de la asamblea en la iglesia y la capilla, cuya distribución representa al cuerpo humano, donde la cabeza está conformada por el altar (es ahí donde se reproduce la palabra de Dios, el cuerpo se expresa y alimenta); el vientre, a través del cual nacen los nuevos cristianos, es la pila bautismal; y las extremidades son los fieles por los cuales la iglesia se mueve y desplaza”. N. HERNÁNDEZ, *Seminario Misionero Arquidiocesano “Redemptoris Mater” de la Ciudad de México*, 7. <http://132.248.9.195/pd2005/0601818/Index.html> [consultado em: 26 de Julho de 2018, às 13:10h].

²²⁶ “La distribución de la iglesia y la capilla tienen un concepto único, ya que representa al cuerpo humano por medio del cual se expresa, comunica y se mueve la iglesia de dios; y el edificio en conjunto, representa una matriz por la que nacen los nuevos fieles”. *Ibidem*, 32.

altar e a sede presidencial. O seu lugar é relevante porquanto permite uma leitura teológica do lugar da Palavra, elemento central para a vida dos fiéis que em torno dela se reúnem, recebendo-a como pão necessário para o seu sustento espiritual. É na Igreja que esta Palavra é recebida e é nela que se torna actual e actuante. O padre Jozef Kyselica sublinha a pertinência deste lugar litúrgico, não somente pela sua dimensão funcional, mas como elemento que enfatiza a importância e a nobreza da Palavra de Deus, enquadrando-a numa longa tradição que remonta à tradição litúrgica hebraica, a qual valoriza determinantemente a importância da escuta, como atestam as palavras hebraicas: *šh^ema' Yis^erā'ēl* (cf. Dt 6, 4). A sua localização permite ainda estabelecer uma ligação entre o lugar da presidência e o próprio altar, traduzindo este lugar específico da Palavra como elemento agregador destes dois pólos, enaltecendo concomitantemente a sua relação com os restantes sacramentos. O mesmo autor refere ainda que esta localização permite depreender o valor querigmático da Palavra, pois situa-se no centro da cruz desenhada na planta do espaço celebrativo, traduzindo a centralidade do κήρυγμα cristão: “Nós, porém, pregamos Cristo crucificado” (1 Cor 1, 23)²²⁷.

Neste tipo de configuração espacial, a centralidade outorgada à Palavra é inegável, assim como a valorização de todos os dispositivos litúrgicos, segundo a sua função e a sua significação ritual-litúrgica. A questão a equacionar seria quanto às altimetrias dos mesmos dispositivos: até que ponto é estabelecido o contacto visual dos fiéis com todos os dispositivos de igual forma ou, pelo menos, com o necessário em cada um dos momentos celebrativos, no concernente a cada um dos dispositivos, segundo a sua índole? Esta questão não se coloca em relação ao altar, certamente. Mas, e quanto ao ambão? Ou à sede da presidência aquando da proclamação das leituras? Talvez possa ser superada esta questão com uma correcta articulação de cotas, que não ponha em causa a estrutura unitária do espaço e a valoração de cada um dos dispositivos por si só, e que permita, em simultâneo, enaltecer a unidade e complementaridade existente entre cada um dos dispositivos litúrgicos.

²²⁷ J. KYSELICA, “The Liturgical and Pastoral Spaces of Parish Renewed through the Neocatechumenate Communities”, *Studia Theologica*, V (2003), 38-39 [o título original do artigo, que optámos por traduzir para o inglês, tal como aparece no *abstract*, é o seguinte: “Liturgické a pastoračné priestory farnosti obnovených spoločnosťami neokatechumenátnej cesty”].



Figura 10 - Paróquia de Cristo Redentor - Taguatinga (2011)

3. Uma proposta unitária: a centralidade dos principais dispositivos litúrgicos

No concernente ao lugar da Palavra, que vem sendo alvo da nossa reflexão, é necessário reafirmar que a exigência da sua existência surge na relação com a disposição da assembleia no espaço litúrgico. Com o desejo de uma participação mais frutuosa – *plena et actiosa participatio* (cf. SC 14), e a importância de uma escuta activa, os vários dispositivos do espaço celebrativo tiveram de ser transformados, por forma a potenciar estas dimensões. Assim, para uma experiência celebrativa mais comunitária, do ponto de vista formal, dá-se uma nova configuração da disposição da assembleia, que se torna mais próxima dos dispositivos da celebração, facilitando a participação dos fiéis na acção cultural. O ambão, também ele reabilitado, passa a procurar uma integração capaz neste novo espaço litúrgico, surgente da reforma litúrgica e do próprio Concílio que a consagra e impulsiona, procurando um desempenho profícuo da sua missão. A sua proximidade com a assembleia celebrante deve ser a ideal, por forma a que a Palavra proclamada seja facilmente acolhida por aqueles que, reunidos por ela, se predispõem a escutá-la²²⁸. A visão também deve ser tida em consideração, pois que a experiência visual deve acompanhar a experiência auditiva, complementando-a. É de relevar a importância de que a experiência litúrgica seja também ela uma experiência sensorial holística, própria de uma compreensão antropológica unitária.

²²⁸ Assim se pronunciam os principais documentos orientadores dos espaços litúrgicos, como a *Instrução Geral do Missal Romano*, à qual já fizemos alusão.

Esta nova compreensão da assembleia celebrante e a sua concretização na disposição arquitectónica, apesar de ser tida como um fruto do Concílio Vaticano II, encontra-se já presente em alguns espaços celebrativos que antecedem este Concílio e que procuram integrar os desenvolvimentos providos da reforma litúrgica, como a paróquia de São Lourenço em Munique, à qual já fizemos referência (cf. Figura 11). Edificada entre 1954 e 1955, teve como arquitecto Emil Steffann e é apontada como a “igreja *litúrgica-tipo*” por Frédéric Debuyst²²⁹. As principais diferenças em relação a edificações anteriores, que acabam por pautar a expressão arquitectónica pós-conciliar, é o avanço do altar para o centro do espaço celebrativo e a disposição da assembleia em ‘U’ em torno daquele. Ainda que o ambão não pertença ao projecto inicial desta igreja, pretendemos ressaltar a unificação dos principais dispositivos no centro do espaço celebrativo, que permitem uma experiência litúrgica unitária e acentuam a relação entre estes dispositivos, assim como permitem que a própria assembleia faça uma capaz apreensão dessa articulação. A sua configuração está, assim, ao serviço da assembleia celebrante e da possibilidade da intervenção que lhe é própria na acção litúrgica²³⁰.

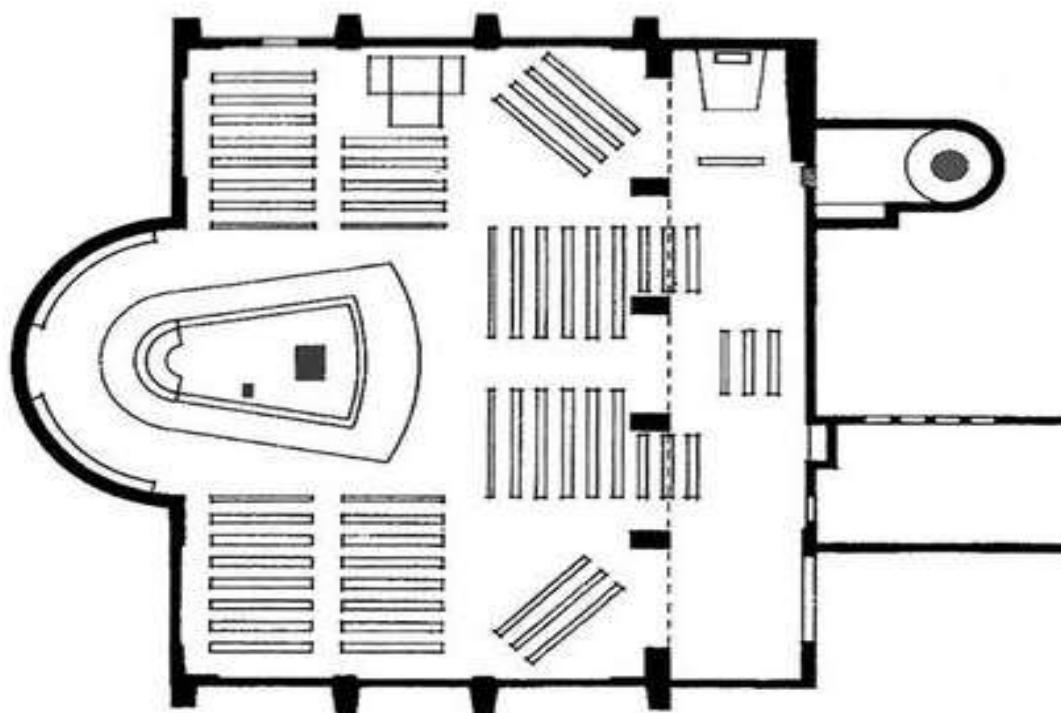


Figura 11 - Planta da igreja paroquial de São Lourenço – Munique
(Emil Steffann – 1954-1955)

²²⁹ Cf. F. DEBUYST, *Le génie chrétien du lieu*, 70.

²³⁰ “À Saint-Laurent, l’assemblée d’écoute et l’assemblée eucharistique sont donc structurées de la même manière, quoiqu’avec des intensités diverses. Pour la liturgie de la Parole, il n’est plus guère défendable aujourd’hui de placer les fidèles en situation purement frontale et passive en face du prêtre, comme dans une grande salle de catéchisme. [...] Cette forme d’assemblée – nettement plus participative – est aujourd’hui un signe lisible par tous, qui peut aider à la compréhension des autres signes liturgiques”. *Ibidem*, 74.

O lugar da Palavra, ainda que não materializado topologicamente (a colocação do ambão é posterior, uma vez que o lugar da Palavra coincide, nesta primeira disposição, com o lugar da presidência²³¹), deve ser lido nesta unidade própria que vimos relevando, numa coincidência entre presidência e Palavra, e numa relação evidente com o altar, quer pela axialidade espacial, quer pela concentração destes dispositivos no centro do espaço celebrativo. Podia esta disposição espacial contribuir para uma confusão entre os diversos momentos celebrativos, porém ela enaltece, afinal, a distinção própria de cada qual, como atesta Frédéric Debuyst, sem pôr em causa a unidade referida, antes, aprofundando o seu enriquecimento mútuo:

“A nova consistência dada à liturgia da Palavra, longe de prejudicar a liturgia eucarística, dá-lhe um novo sotaque, mais próximo da ‘assembleia eucarística’. Pois, uma vez terminadas as leituras e a homilia, todos sentem que outro tipo de realidade começou. O celebrante desce do pequeno pódio da presidência e avança para um altar claramente em relação com a assembleia”²³².

A unidade própria desta opção arquitectónica é manifesta em muitos outros exemplos pós-conciliares e é uma das marcas da arquitectura desenvolvida no patriarcado de Lisboa, no desejo de corresponder à necessidade de concretização da reforma litúrgica, também no concernente à projecção dos espaços litúrgicos. O tratamento dos lugares da Palavra, ainda que não reflectidos individualmente, acontecem neste dinamismo, numa reflexão espacial unitária, preocupada em ressaltar a participação da assembleia celebrante e a centralidade do Mistério pascal de Cristo, traduzido na proximidade entre o altar, enquanto principal centro celebrativo, e a comunidade reunida.

A questão da unidade é fundamental como valoração dos restantes elementos, como a sede da presidência e o próprio ambão, e tem-se manifestado de muitas formas. A primeira que gostaríamos de sublinhar é a unidade formal que favorece uma compreensão litúrgico-celebrativa do espaço litúrgico, acentuando a unidade própria do rito. As primeiras manifestações desta unidade (a par da centralidade) acontecem do ponto de vista topológico, com os vários dispositivos litúrgicos colocados num mesmo espaço, no qual é relevada a função de cada um. Assim acontece na igreja paroquial de Moscovide, do arquitecto João de

²³¹ “Cette forme générale de l’assemblée se termine à l’arrière du podium par la banquette des célébrants, qui est à la fois le lieu de la présidence et celui de la Parole”. F. DEBUYST, *Le génie chrétien du lieu*, 72.

²³² “La consistance nouvelle donnée à la liturgie de la Parole, loin de nuire à la liturgie eucharistique, confère à celle-ci un accent nouveau, plus proche de l’assemblée de banquet’. Car, une fois achevées les lectures et l’homélie, chacun sent qu’un autre type de réalité commence. Les célébrants descendent du petit podium de la présidence et s’avancent vers un autel nettement engagé parmi les assistants”. *Ibidem*, 74.

Almeida (cf. Figura 12)²³³. Fazendo referência a esta como a primeira igreja do patriarcado de Lisboa que procura uma concretização dos intentos conciliares, assim se expressa João Alves da Cunha:

“Liturgicamente, todo o interior foi orientado para uma valorização do altar, tendo sido o primeiro exemplar em Portugal a fazer uso de uma nova tipologia de espaço litúrgico antes ensaiada na Alemanha, que privilegiava a funcionalidade e a proximidade entre os fiéis e o altar”²³⁴.



Figura 12 - Igreja de Santo António de Moscavide (João de Almeida – 1956)

Interessa-nos, porém, a disposição litúrgica dos restantes elementos, concentrados neste espaço central que é circundado pela assembleia celebrante, à semelhança da proposta de disposição arquitectónica que identificámos na paróquia de São Lourenço de Munique. A particularidade desta proposta arquitectónica está também na relação que estabelece entre os vários sacramentos. A pia baptismal é colocada à entrada do edifício, em linha com o eixo central, sobre o qual se encontram o altar e a cadeira da presidência. Assim, a axialidade evidencia o percurso que cada cristão é chamado a fazer: nascido aquando da recepção do baptismo, é chamado a percorrer o eixo central até à mesa da eucaristia, da qual se pode

²³³ Vários exemplos podiam ser dados que espelham esta tipologia arquitectónica, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus ou a Igreja de Cristo-Rei da Portela, cujo espaço celebrativo é pautado pela unidade (não só espacial, mas também material) dos dispositivos litúrgicos e pela centralidade que estes ocupam.

²³⁴ J. CUNHA, *O MRAR e os anos de ouro da arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014, 115.

alimentar e na qual encontra a plenitude do seu caminho catecumenal: a união com Cristo no sacramento da Eucaristia.

Esta disposição encontra-se ainda em propostas arquitectónicas mais recentes, como acontece na igreja paroquial de Nossa Senhora dos Navegantes²³⁵ (cf. Figuras 13, 14 e 15). A opção arquitectónica, similar, apesar de a disposição da assembleia ser circular ao invés de ser em ‘U’, mantém a envolvência dos fiéis em torno do espaço central celebrativo, onde se reúnem o altar, o ambão e a sede da presidência. A axialidade é mantida e atravessa o espaço litúrgico, unindo o centro celebrativo à entrada do edifício, onde está situada a pia baptismal. A valoração do ambão está, mais uma vez, na sua relação com os restantes dispositivos, numa compreensão espacial unitária, que concretiza a Igreja como corpo de Cristo, à semelhança do modelo do Caminho Neocatecumenal, analisado no ponto antecedente. Em continuidade, pode ler-se no projecto iconográfico que o ambão é como que a boca de onde sai a Palavra; o espaço privilegiado para a proclamação da Palavra de Deus. Este articula-se, assim, com a sede da presidência, designada como o lugar da cabeça, da qual se preside à acção litúrgica, na medida em que Cristo se faz presente na pessoa do presidente, e com o baptistério, seio de onde nascem os novos cristãos e a partir do qual, pela água e pelo Espírito, são introduzidos na comunidade crente²³⁶. A unidade manifesta-se, neste exemplo, também a nível sacramental, apresentando uma disposição do espaço celebrativo que permite uma visão unitária do ponto de vista celebrativo, mas também do enlevo colocado na relação entre os diferentes sacramentos que se celebram neste espaço²³⁷.

²³⁵ “A arquitetura da igreja sublinha dois acontecimentos cruciais: o Batismo, pelo qual nascemos para a comunhão; a Eucaristia, que nos alimenta e ensina, realizando a verdadeira comunhão”. *Iconografia da Igreja*, <https://www.paroquia-navegantes.org/apresentacao-igreja/> [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 16:25h].

²³⁶ Cf. *Iconografia da Igreja*, <https://www.paroquia-navegantes.org/apresentacao-igreja/> [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 16:25h].

²³⁷ Esta unidade do espaço celebrativo, que por vezes é de carácter sacramental, pode ser vista, a título de exemplo, na igreja de Nossa Senhora da Boa Nova, no Estoril, onde o ambão, o altar e o baptistério se encontram num mesmo eixo transversal, que perpassa e trunca uma das pontas da circunferência que perfaz a forma da assembleia, disposta circularmente, ocupando a centralidade do espaço litúrgico e concretizando espacialmente a unidade celebrativa que vimos referindo. Em outras opções, talvez se torne possível uma articulação tal capaz de responder às diferentes funcionalidades de cada um destes dispositivos: “Cette disposition peut se coordonner avec une tendance a rapprocher le baptistère du sanctuaire en sorte que l’ambon puisse dans le rituel rénové du baptême, servir pour la liturgie de la Parole incluse en la célébration du baptême”. COMITÉ NATIONAL D’ART SACRÉ, *L’église. Maison du Peuple de Dieu*, 37.



Figura 13, 14 e 15 - Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes – Lisboa (José Mário Dias Coelho - 2012)

Este é também um bom exemplo para evidenciar a unidade que se manifesta segundo a materialidade escolhida. Atentemos que os dispositivos litúrgicos são talhados a partir de um mesmo material, opção esta repetida em muitas propostas contemporâneas. Esta unidade, expressa também pela escolha e concretização material, ajuda a acentuar aquilo que a linguagem espacial pretende oferecer, traduzindo a percepção unitária do espaço e da própria celebração. O III Convênio Litúrgico Internacional de Bose oferece um acervo fotográfico extremamente rico, ao qual já fizemos alusão, com inúmeras propostas contemporâneas que vão neste sentido. Procurando a particularidade de cada um dos dispositivos litúrgicos, não deixam de sublinhar a sua unidade implícita, que assim se traduz materialmente de forma coerente²³⁸.

Um exemplo contemporâneo evidente é a reestruturação da igreja do colégio de São João de Brito (cf. Figuras 16 e 17), onde a transformação e a adaptação do espaço às novas exigências litúrgicas conciliares se traduz não só na reorientação do espaço litúrgico, centralizado e envolvido pela assembleia, como numa mesma linguagem utilizada para os diferentes dispositivos litúrgicos: a sede presidencial, o altar e o ambão, perfeitamente

²³⁸ *II Sezione: Amboni Contemporanei*, in AA. VV., *L'Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006.

envolvidos pela assembleia celebrante que os circunda, favorecendo a sua participação na acção litúrgica que neles se desenrola.

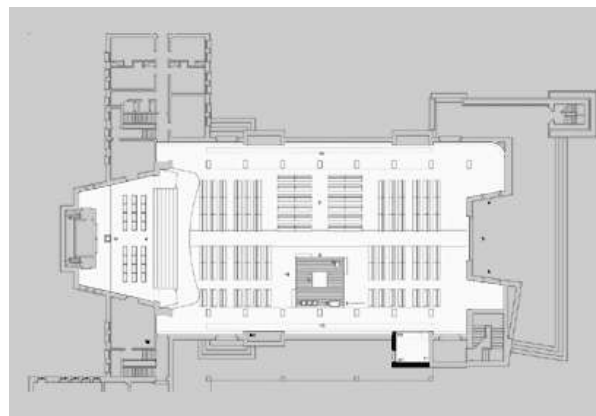


Figura 16 (à esquerda) – Igreja do Colégio de São João de Brito – Lisboa (2001-2002)

Figura 17 (em cima) – Planta da Igreja

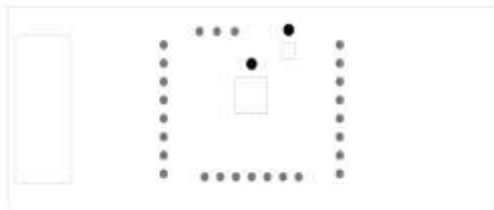
Esta adaptação espacial leva-nos a um último exemplo, que exprime a adaptabilidade a que os espaços celebrativos estão sujeitos, mediante inúmeros factores como o tamanho da assembleia ou a particularidade da acção litúrgica²³⁹. Assim, como último exemplo, evocamos a capela de Jesus Mestre, do Instituto Missionário Pio Sociedade de São Paulo (cf. Figuras 18 e 19). Não só a expressão e a materialidade dos diferentes dispositivos litúrgicos é coincidente, ressaltando a sua unidade, como o próprio espaço é pensado mediante a adaptabilidade destes mesmos dispositivos, garantindo que estes mantêm quer a sua funcionalidade, quer a sua presença simbólica e evocativa. O minimalismo é inegável, o que contribui certamente para o sucesso da adaptabilidade pretendida, mas talvez este exemplo contribua para uma melhor reflexão acerca da unidade espacial do espaço celebrativo, assim como da significação inerente a cada *topos* litúrgico, pois aquando da transformação espacial a sua significação deve permanecer intocável. Sendo o nosso tempo caracterizado por uma certa mudança e adaptabilidade, talvez também a materialização arquitectónica dos espaços celebrativos cristãos precise de as traduzir e integrar, conquanto não seja posta em causa a valoração inerente a cada um dos dispositivos litúrgicos, quer celebrativa, quer simbólica.

²³⁹ “In conjunction with the pulpit, this allows a wide range of layouts and different degrees of intimacy for liturgical celebrations: private celebrations with community brothers gathered around the altar with the garden behind (orientation north / south); regular celebrations with lay assembly (placed along the longitudinal axis with the celebrant facing west); and festive celebrations that fill the chapel (orientation north / south)”. “Site Specific Chapel Jesus Master”, <https://divisare.com/projects/304148-site-specific-do-mal-o-menos-chapel-jesus-mestre> [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 17:40h].

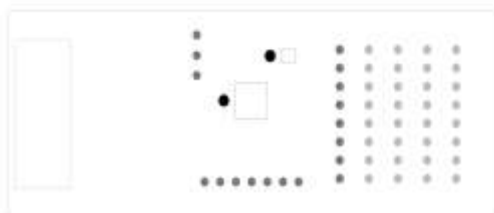


*Figura 18 (em cima) - Capela Divino Mestre
Instituto Missionário Pio Sociedade de São Paulo
Apelação (2014)*

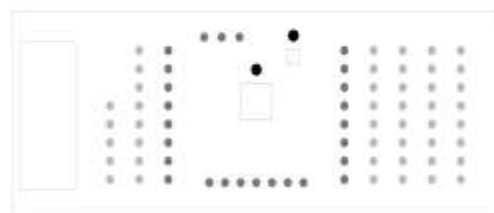
*Figura 19 (à direita) - Estudo das disposições
celebrativas*



private celebrations with community brothers gathered around the altar (orientation north / south)



regular celebrations with lay assembly (placed along the longitudinal axis with the celebrant facing west)



festive celebrations that fill the chapel (orientation north / south)

Conclusão

Procurámos, ao longo da presente dissertação, tornar manifesta a forma como a centralidade da Palavra, enquanto riqueza provinda do Concílio Vaticano II, se foi tornando elemento configurador no concernente à expressão eclesial, mormente quanto à sua manifestação no domínio da arquitectura e da configuração espaço-litúrgica.

O percurso encetado, esquiçado a partir dos documentos do próprio Concílio, mas também da sua ambiência peculiar (movimentos que o precederam e enformaram, documentos anteriores que lhe outorgaram o sustento, etc.) permitiu a sustentação de todo o desenvolvimento dele procedente e responde às inquirições que presidiram ao nosso estudo.

Deste modo, a reflexão em torno dos desenvolvimentos históricos e teológicos quanto à relevância da Palavra no contexto eclesial, acentuando o seu papel fundamental na experiência celebrativa e litúrgica, foi fundamental para um correcto enquadramento histórico e teológico da importância da Palavra na sua articulação com a expressão de fé comunitária: enquanto elemento configurador dessa mesma expressão, este não pode nunca ser olvidado. Também a procura dos fundamentos que presidem à compreensão do lugar, do ponto de vista teológico, se afiguraram como extremamente relevantes para o entendimento da liceidade da construção arquitectónica e o seu valor no que refere ao próprio culto cristão.

Foi mediante estes aprofundamentos, que devem ser entendidos mais como sínteses, que se tornou possível uma reflexão coerente acerca da pertinência do lugar da Palavra, com todos os seus matizes e valências. O tratamento desta mesma questão não pôde, de forma alguma, ser levado a cabo de forma isolada, pois a projecção do espaço celebrativo exige uma compreensão unitária do mesmo, o que nos conduziu a uma reflexão de cariz relacional, procurando depreender os vínculos que se estabelecem entre os diferentes dispositivos litúrgicos e a relevância destes vínculos para a própria experiência celebrativa, contando com a exigência de uma compreensão unitária da mesma.

Como se foi tornando evidente, o terceiro capítulo pretende responder a um dos principais intentos que presidiu à nossa dissertação. Mais do que uma síntese teórica dos documentos que versavam sobre as temáticas a abordar, considerámos fundamental a análise

de espaços celebrativos já erigidos, que materializam, na sua concepção, aquelas que foram sendo as linhas de fundo do próprio Concílio Vaticano II, não se limitando a uma estrita apropriação destes conteúdos, mas servindo à sua interpretação, num esforço inegável de expressar de forma coerente estes mesmos intentos conciliares a que vimos aludindo.

Apesar de havermos procurado algumas linhas interpretativas a partir dos próprios espaços por nós escolhidos, assim como a designação de alguns modelos tipológicos que ajudassem a uma análise mais profícua daqueles outros, tornou-se evidente para nós um dos principais traços da arquitectura pós-conciliar: a valoração da dimensão comunitária enquanto elemento fundamental da experiência de fé crente, nomeadamente cristã, e a necessidade da sua manifestação e concretização na projecção do espaço celebrativo.

Se as tipologias por nós referidas se apresentam como distintas, pautadas por diferentes opções de estilo e de forma, a dimensão comunitária e a necessidade da sua expressão do ponto de vista espacial é transversal a todas elas. Tal leva-nos a concluir que a reflexão em torno da Palavra e do seu papel enformador, no que concerne ao espaço litúrgico-celebrativo, nunca pode estar desligada desta dimensão fulcral. Ela é fruto de uma nova compreensão eclesial, tal como procurámos explanar ao longo da nossa dissertação, devendo ser tida como o critério fundante de toda a configuração espaço-litúrgica contemporânea.

Reflectir hoje acerca do lugar da Palavra, como fomos tentando ao longo destas páginas, deve ser um exercício nunca fechado em si mesmo, como se do tratamento de um dispositivo isolado se tratasse, mas em articulação do mesmo com todos os dispositivos que integram o próprio espaço celebrativo, procurando a linguagem unitária requerida e exigida pela próprio contexto celebrativo. A linguagem coincidente não há-de ser apenas aquela que promana do Corpo celebrante reunido, mas também aquela que exala das formas de enquadramento espacial e arquitectónico dos dispositivos que compõem o lugar da celebração. A experiência do Corpo eclesial, temática interpretada pelo *corpus* paulino em várias passagens, deve ser uma experiência também espacial, cuja unificação há-de provir da Palavra que tudo reúne e congrega.

Em relação ao lugar da Palavra em sentido estrito, sublinhamos ainda uma outra categoria que deve imperar aquando da sua reflexão. A dimensão pascal do anúncio deve ser intrínseca a este lugar e manifesta na sua forma e iconografia. Se o centro da vida litúrgica é o acontecimento pascal de Jesus Cristo, de forma primeiríssima o deve indicar o ambão – lugar do anúncio pascal por excelência. Ele há-de evocar, nas linguagens contemporâneas, a proclamação da boa nova que não cessa, mas que se perpetua, por meio da sua eloquência, enquanto lugar permanente e próprio, que prolonga no tempo e no espaço essa mesma valência que evoca e quer significar. O seu valor não está já adstrito à celebração litúrgica,

mas espraia-se para além desta, manifestando também ele o movimento próprio de cada fiel chamado pela Palavra que, depois da escuta da mesma, é levado a continuar, na sua existência, a missão confiada a partir daquilo que dela hauriu.

Resultado da brevidade da nossa dissertação, várias questões ficaram por explicar ou por responder. Ainda que não as ignoremos, eles servem de desafio para aqueles que queiram aprofundar esta temática, tão importante para a vida eclesial, principalmente pela urgência dos tempos nossos contemporâneos, a fim de que a forma se afirme sempre coerente e eloquente em relação ao conteúdo que professa e que lhe subjaz.

Bibliografia

I – Fontes e documentos

- ARCHIVI CONCILII OECUMENICI VATICANI II, *Acta synodalia sacrosancti concilii oecumenici Vaticani II*, vol. III, pars III, typis polyglottis vaticanis, 1974.
- Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2000, 2ª ed.
- COMISSÃO DE LITURGIA DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ, *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, [s.d.], [tradução elaborada por Vítor Coutinho].
- COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DA ITÁLIA, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, 2ª ed. [tradução proposta pela Comissão Episcopal de Liturgia de Portugal].
- COMITÉ NATIONAL D'ART SACRÉ, *L'Église: maison du peuple de Dieu*, les Éditions du Cerf, Paris, 1971.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, Editorial A. O., Braga, 1992.
- _____, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina (Dei Verbum)*, 2, Editorial A. O., Braga, 1992.
- _____, *Constituição Dogmática sobre a sagrada Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*, Editorial A. O., Braga, 1992.
- _____, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo actual (Gaudium et Spes)*, Editorial A. O., Braga, 1992.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, “La progettazione di nuove chiese: nota pastorale della commissione episcopale per la liturgia”, in *Notiziario della Conferenza Episcopale Italiana a cura della Segreteria Generale*, 3 (1993) 49-67.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Ritual das Bênçãos*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1991.

- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Instrução Geral do Missal Romano (Institutio Generalis Missale Romanum)*, 3ª edição típica, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Introdução Geral ao Missal Romano*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2009.
- Constitutiones Apostolorum*, I, in F. FUNK (ed.), *Didaskalia et Constitutiones Apostolorum*, Bottega d'Erasmus, Itália, 1970, 167.
- OFFICE FOR DIVINE WORSHIP - COMMISSION ON CHURCH ART AND ARCHITECTURE, *Guidelines for the Building and Renovation of Churches*, Liturgy Training Publications, Chicago, 2004.
- PAPA BENTO XVI, “Angelus”, 6 de Novembro de 2005, <http://tiny.cc/1ll4yy> [consultado em: 25 de Junho de 2018, às 12:45h].
- _____, *Exortação Apostólica Pós-sinodal: a Palavra do Senhor (Verbum Domini)*, Paulus Editora, Lisboa, 2011.
- PAPA PAULO VI, Audiência de 5 de Fevereiro de 1968 in AAS 60 (1968) 362.
- _____, *Carta Encíclica sobre o culto da Sagrada Eucaristia (Mysterium Fidei)*, União Gráfica, Lisboa, 1967.
- SÍNODO DOS BISPOS, “The Final Report of the 1985 Extraordinary Synod”, <https://www.ewtn.com/library/CURIA/SYNFINAL.HTM> [consultado em: 20 de Julho de 2018, 16:15h].

II – Estudos e ensaios

- AA. VV., *L'Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006.
- ANTUNES, V., “A Escritura na Igreja”, in D. ZANON (org.), *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 45-48.
- BAUGÄRTNER, A., *Jesus e a Samaritana (João 4, 1-41)*, Col. Cadernos Bíblicos 100, Difusora Bíblica, Fátima, 2008.
- BÉGUERIE, P., “La Bible née de la Liturgie”, *La Maison-Dieu* 126 (1976), 108-116.
- _____, “La place de la Parole”, *Chroniques d'Art Sacré* 67 (2001) 6-7.
- BERNOT, L., “Point de vue d'une artiste”, *Chroniques d'Art Sacré* 85 (2006) 19.
- BIANCHI, E., “Discurso di apertura del Convegno”, in AA. VV., *L'Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 9-14.

- _____, “Le caractère central de la Parole de Dieu”, in G. ALBERIGO – J. JOSSUA (ed.), *La Réception de Vatican II*, les Éditions du Cerf, Paris, 1985, 157-185.
- _____, “Les enjeux de la lectio divina aujourd’hui”, <http://tiny.cc/k5m4yy> [consultado em: 05 de Maio de 2018, 01:39h].
- BIRMELE, A., “La sacramentalità delle scritture”, in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 31-48.
- BLANCHARD, Y., “L’oralité dans l’Écriture”, *La Maison-Dieu* 226 (2001) 51-72.
- BOSELLI, G., “Prefazione”, AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 5-7.
- BOUYER, L., *Architettura e Liturgia*, Edizioni Qiqajon, Magnano, 2007.
- BRADSHAW, P., “Perspectives historiques sur l’utilisation de la Bible dans la Liturgie”, *La Maison-Dieu* 189 (1992) 79-104.
- BROVELLI, F., “Rassegna bibliográfica: spunti di método e di interpretazione”, in F. BROVELLI (ed.), *Ritorno alla Liturgia, saggi di studio sul movimento liturgico*, Centro Liturgico Vincenziano, Roma, 1989, 19-45.
- BUSANI, G., “Corpi chiamati a formare un corpo”, in AA. VV., *Assemblea Santa: forme, presenze, presidenza*, Atti del VI Convegno liturgico internazionale, Bose, 5-7 giugno 2008, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 37-53.
- CABECINHAS, C., “Apresentação”, in K. RICHTER, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja: o significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, [s.d.], 42 [tradução elaborada por Vítor Coutinho].
- CARDITA, Â., “‘Verbum Domini’: quando a Escritura devém palavra”, *Theologica* 44 (2009) 321-357.
- _____, “O Coração do Movimento Litúrgico: ‘Cinquenta anos antes’ de *Sacrosanctum Concilium*, ‘cinquenta anos depois’”, *Theologica* 48 (2013) 229-255.
- CARVALHO, J., “A capela Árvore da Vida: arte e arquitectura”, *Communio* XXX (2013) 201-214.
- _____, “Árvore da Vida: Capela do Seminário Conciliar de Braga”, <https://bit.ly/2O08kAX> [consultado em: 25 de Julho de 2018, às 18h05].
- _____, *Capelas de Braga: novas poéticas da espacialidade ritual*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2018.
- CARVALHO, J. C., “A dupla mesa e suas consequências”, *Hvmanistica e teologia* 26 (2005) 264-278.

- CASSINGENA-TRÉVEDY, F., “Quand la Parole donne Lieu ou De l’espace liturgique”, *La Maison-Dieu* 239 (2004) 121-143.
- _____, *La Belezza della Liturgia*, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2003.
- _____, *La Parole en son Royaume: une approche liturgique*, Ad Solem Éditions, Paris, 2013.
- CHAUVET, L., “Avancée Œcuméniques possibles en matière de Sacrements: un point de vue catholique”, *La Maison-Dieu* 261 (2010) 9-40.
- _____, “La dimension biblique des textes liturgiques”, *La Maison-Dieu* 189 (1992) 131-147.
- _____, *Le Corps, chemin de Dieu: les sacrements*, Bayard Éditions, France, 2010.
- CHÉNO, R., “L’homélie, action liturgique de la communauté eucharistique”, *La Maison-Dieu* 227 (2001) 9-34.
- CONGAR, Y., “Les deux formes du pain de vie dans l’Évangile et dans la Tradition”, M. FISHER – L. BOUYER (ed.), *Parole de Dieu et Sacerdoce*, Desclée & Co, Belgium, 1962, 21-58.
- CORDEIRO, J., “Apresentação” in B. COSTA, *Movimento Litúrgico em Portugal*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018.
- COSTA, B., “O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia. António Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado”, *Didaskalia* XL/2 (2010) 135-156.
- _____, *Espaço Celebrativo*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2017.
- _____, *Movimento Litúrgico em Portugal*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018.
- CUNHA, J., *O MRAR e os anos de ouro da arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.
- D’ORFEUIL, M., *Lieu, présence, résurrection: Relectures de phénoménologie eucharistique*, Les Édition du Cerf, Paris, 2016.
- DE CLERCK, P., “Au commencement était le Verbe”, *La Maison-Dieu*, 189 (1992), 19-40.
- _____, “L’ambone oggi : le principali acquisizioni del convegno”, in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 257-266.

- _____, “Un ambon: pourquoi?”, *Chroniques d’Art Sacré*, 85 (2006) 6-8.
- DEBUYST, F., “L’ambone: un luogo vivo per l’assemblea”, in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 17-27.
- _____, “Le lieu de la Parole: une expérience exemplaire”, *Chroniques d’Art Sacré*, 29 (1992) 5-9.
- _____, *Dix petites églises pour aujourd’hui suivi de philosophie de la promenade*, Publications de Saint-André, Belgique, 1999.
- _____, *Le génie chrétien du lieu*, les Éditions du Cerf, Paris, 1997.
- DELLAPIANA, U., in “Chiesa della Transfigurazione”, <https://bit.ly/2PRUYE4> [consultado em: 25 de Julho de 2018, às 12:50h].
- DIAS, G., “A celebração da Palavra e a sua pastoral na celebração da Eucaristia”, *Ora et Labora* 17 (1971) 33-44.
- DUCHESNEAU, C., “Parler pour dire”, *Chroniques d’Art Sacré* 67 (2001) 12-13.
- _____, “Une liturgie qui tire inspiration de la Sainte Écriture”, *La Maison-Dieu*, 166 (1986), 119-129.
- FAURE, P., “De l’autel à l’ambon, le cérémonial de l’évangéliste”, *Chroniques d’Art Sacré* 85 (2006) 11-12.
- FERREIRA, J., “A Palavra e o Rito” in J. FERREIRA, *Os Mistérios de Cristo na Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, [s.d.], 153-164.
- GATTI, V., *Liturgia e Arte: i luoghi della celebrazione*, Grafiche Dehoniane, Bologna, 2005.
- GELINEAU, J., “L’ambon: présupposés cérémoniales”, *Chroniques d’Art Sacré*, 45 (1996) 6-13.
- GERMANO DE CONSTANTINOPLA, “Historia ecclesiastica et mistica contemplatio” in J. MIGNE (ed.), *Patrologiæ: cursus completus. Patrologiæ Græcæ*, 98, Typography Brepols, Belgium, 383-454.
- GOMES, J., “Liturgia e arquitectura: uma nova arquitectura para um novo projecto litúrgico”, *Didaskalia XXXVI/1* (2006) 215-225.
- _____, “O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico”, <http://tiny.cc/0nm4yy> [consultado em: 14 de Março de 2018, 10:00h].
- GUARDINI, R., *Sinai Sagrados*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2017, 2ª ed.
- GUILLARD, B., “Les signes liturgiques et l’écriture au catéchuménat”, *La Maison-Dieu*, 82 (1965) 77-94.

- GY, P., “Situation Historique de la Constitution”, in J. JOSSUA – Y. CONGAR (dir.), *La Liturgie après Vatican II : bilans, études, prospective*, Unam Sanctam (col.) 66, les Éditions du Cerf, Paris, 1967, 111-126.
- HACKETT, S., *The Architecture of Liturgy: Liturgical ordering in church design; the Australian experience in perspective*, The University of New South Wales, Sydney, 2011.
- HERNÁNDEZ, N., *Seminario Misionero Arquidiocesano “Redemptoris Mater” de la Ciudad de México*, <http://132.248.9.195/pd2005/0601818/Index.html> [consultado em: 26 de Julho de 2018, às 13:10h].
- IBÁÑEZ, J. – BONAÑO, M., *Iniciación a la liturgia de la Iglesia*, Ediciones Palabra, Madrid, 1997, 2ª ed.
- JOÃO DAMASCENO, Homilia XXXIII, 2 sobre Jo 4, 21-27 cit. apud A. BAUGÄRTNER, *Jesus e a Samaritana (João 4, 1-41)*, Col. Cadernos Bíblicos 100, Difusora Bíblica, Fátima, 2008.
- JÖRNS, K., “Liturgie – Berceau de l’Écriture”, *La Maison-Dieu* 189 (1992), 55-78.
- JOSSUA, J., “La constitution ‘Sacrosanctum Concilium’ dans l’ensemble de l’œuvre conciliaire”, in J. JOSSUA – Y. CONGAR (dir.), *La Liturgie après Vatican II : bilans, études, prospective*, Unam Sanctam (col.) 66, les Éditions du Cerf, Paris, 1967, 127-156.
- JOUNEL, P., “La Bible dans la liturgie”, in *Parole de Dieu et Liturgie: le Congrès de Strasbourg*, Lex Orandi (col.) 25, les Éditions du Cerf, Paris, 1958, 17-49.
- KRANEMANN, B., “Parola, libro e luogo della proclamazione: estetica della proclamazione della Parola” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 239-255.
- KUNTZMANN, R., “L’Herméneutique Biblique”, *Revue des sciences religieuses* 80 (2006) 371-385.
- KYSELICA, J., “The Liturgical and Pastoral Spaces of Parish Renewed through the Neocatechumenate Communities”, *Studia Theologica* V (2003), 34-43.
- LIDDELL, H. – SCOTT, R., *Greek-English Lexicon*, Harper & Brothers, New York, 1883.
- LIMA, M., *Igreja, Ícone da Trindade: espaço litúrgico, Imago Ecclesiae*, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.
- MALACARNE, A., *I ‘luoghi’ della Parola*, Vita Trentina: Editrice Scarl, Trento, 2005.
- MARKIEWICZ, P. – FERRANTI, F., *Les Pierres vivantes: l’église revisitée*, Éditions Philippe Rey, Paris, 2005.

- MARSILI, S., “La Liturgia: momento storico della salvezza”, in S. MARSILI (ed.), *Anamnèsis: I. La Liturgia: momento nella storia della salvezza*, Marietti Editori, Torino, 1974, 31-156.
- MELO, M., “El ‘Santuario de la Palabra’ en los seminarios Redemptoris Mater: Una nueva tipología arquitectónica”, *Actas del IV Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea*, 4 (2015) 217, <https://bit.ly/2MSSFip> [consultado em: 26 de Julho de 2018, às 16:35h].
- MESSNER, R., “La Liturgie de la Parole pedant la messe: l’anamnèse du Christ mise en scène”, *La Maison-Dieu* 243 (2005) 43-60.
- MOULY, C., “Éditorial”, *Chroniques d’Art Sacré* 85 (2006) 1.
- MUESS, C., “Un lieu pour la Parole de Dieu”, *Chroniques d’Art Sacré* 30 (1992) 9-12.
- NORBERG-SCHULZ, C., *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*, Edições Rizzoli, Nova York, 1984.
- OLIVEIRA, A., “O Concílio da Palavra de Deus”, in D. ZANON (org.), *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 41-44.
- OLIVIER, A., “De quelques axes majeurs de ‘Verbum Domini’”, *Bulletin Information Biblique* 77 (2011), <http://tiny.cc/dgl4yy> [consultado em: 03 de Julho de 2017, 01:15h].
- PRÉTOT, P., “Prier la Parole: un discernement sur l’usage des revues liturgiques”, *Bulletin Information Biblique* 79 (2012) <http://tiny.cc/ywl4yy> [consultado em: 03 de Julho de 2017, 01:30h].
- _____, “Quand le corps se fait ambon”, *Chroniques d’Art Sacré* 45 (1996) 14-15.
- PRUVOT, C., “Créer un ambon fonctionnel”, *Chroniques d’Art Sacré* 85 (2006) 22-24.
- RENAUD-CHAMSKA, I., “Petite histoire de l’ambon”, *Chroniques d’Art Sacré* 67 (2001) 8-11.
- RICHTER, K., *Espaços de igrejas e imagens de Igreja: o significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, [s.d.], 42 [tradução elaborada por Vítor Coutinho].
- ROUET, A., “Lo spazio ecclesiale tra materiale e spirituale”, in N. BENAZZI, *Arte e Teologia: dire e fare la bellezza nella Chiesa. Un’antologia su estetica, architettura, arti figurative, musica e arredo sacro*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 2003, 324-329.
- ROUGUET, A., “La présence active du Christ dans la Parole de Dieu”, *La Maison-Dieu* 82 (1965), 8-28.
- ROUSSEAU, O., *Storia del movimento liturgico: lineamenti storici dagli inizi del sec. XIX fino ad oggi*, Paoline, Roma, 1961.

- RUSSO, S., “Saluto di Apertura del Convegno”, in AA. VV., *Assemblea Santa: forme, presenze, presidenza*, Atti del VI Convegno liturgico internazionale, Bose, 5-7 giugno 2008, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 13-14.
- SCHMIDT, G., “A mesa da Palavra: resgate do Concílio”, <http://tiny.cc/abl4yy> [consultado em: 21 de Junho de 2018, às 12:50h].
- SCHMIDT, K., “*Εκκλησία*”, in G. FRIEDRICH (dir.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IV: H-Kαλ, Paideia, Brescia, 1984, 1490-1580.
- SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan: Versión y comentario*, I, Editorial Herder, Barcelona, 1980.
- SCHNELL, H., “Dal ‘Logos’ alle ‘forme visive’: la costruzione di chiese come ‘case per il Logos’”, in N. BENAZZI, *Arte e Teologia: dire e fare la bellezza nella Chiesa. Un’antologia su estetica, architettura, arti figurative, musica e arredo sacro*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 2003, 297-298.
- SESBOÛÉ, B. – THEOBALD, C., *La parole du salut*, in B. SESBOÛÉ (dir.), Col. Histoire des Dogmes IV, Desclée, France, 1996.
- TANGORRA, G., “L’assemblea liturgica convocata dalla parola di Dio”, in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 49-66.
- THEOBALD, C., ‘*Dans les traces...’ de la constitution ‘Dei Verbum’ du concile Vatican II: Bible, théologie et pratiques de lecture*, les Éditions du Cerf, Paris, 2009.
- _____, *La réception du concile Vatican II: 1. Accéder à la source*, les Éditions du Cerf, Paris, 2009.
- TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologicæ* III, q. 60, intr., BAC, Madrid, 1952.
- VALENCIANO, C., “Ambone e candelabro: iconografia e iconologia”, in S. MAGGIANI (org.), *Gli spazi della celebrazione rituale*, O.R., Milão, 1984.
- _____, “L’ambone: aspetti storici” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 87-100.
- VAZ, A., “Bíblia e Vaticano II”, in D. ZANON (org.), *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 53-57.
- ZANCHI, G. “L’ambone nella dramaturgia liturgica: elementi di teologia e criteri di estetica” in AA. VV., *L’Ambone: tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano, 2006, 201-216.

Índice de figuras

- Figura 1* – Chapelle de la Maison de la Conférence des évêques de France (Florence Cosse – 2007) 68
<https://landes.catholique.fr/La-chapelle-de-la-Maison-de-la-Conference-des-eveques-de-France> [consultado em: 24 de Julho de 2018, 17:30h].
- Figura 2* – Planta da capela do Seminário Maior de Malines (Florence Cosse – 1997) 69
F. DEBUYST, *Dix petites églises pour aujourd'hui suivi de philosophie de la promenade*, Publications de Saint-André, Belgique, 1999, 63.
- Figura 3* – Capela do Seminário Maior de Malines (Florence Cosse – 1997) 70
F. DEBUYST, *Dix petites églises pour aujourd'hui suivi de philosophie de la promenade*, Publications de Saint-André, Belgique, 1999, 63.
- Figura 4* – Planta da igreja da Transfiguração – Diocese de Alba (Studio Archicura, Torino – 2005-2009) 71
http://banchedati.chiesacattolica.it/ccl_new_v3/s2magazine/index1.jsp?idPagina=42321 [consultado em: 24 de Julho de 2018, 17:30h].
- Figura 5* – Capela Árvore da Vida – Seminário Conciliar de Braga (2009-2011) 72
<https://www.publico.pt/2011/09/11/jornal/a-capela-encantada-de-braga-22862677> [consultado em: 25 de Julho de 2018, 17:25h].
- Figura 6* – Esquema Planimétrico – Capela Árvore da Vida (2009-2011) 73
http://www.snpcultura.org/arvore_da_vida_capela_seminario_conciliar_braga.html [consultado em: 25 de Julho de 2018, 17:25h].
- Figura 7* – Pormenor do ambão – Capela Árvore da Vida (2009-2011) 74
http://www.snpcultura.org/arvore_da_vida_capela_seminario_conciliar_braga.html [consultado em: 25 de Julho de 2018, 17:25h].

- Figura 8* – Esboço da disposição litúrgica dos espaços celebrativos do Caminho Neocatecumenal 77
 J. KYSELICA, “The Liturgical and Pastoral Spaces of Parish Renewed through the Neocatechumenate Communities”, *Studia Theologica*, V (2003), 37.
- Figura 9* – Capela do Seminário *Redemptoris Mater* de Roma (1988) 78
 M. MELO, “El ‘Santuario de la Palabra’ en los seminarios Redemptoris Mater: Una nueva tipología arquitectónica”, *Actas del IV Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea*, 4 (2015) 214. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5849048> [consultado em: 26 de Julho de 2018, às 12:30h].
- Figura 10* – Paróquia de Cristo Redentor – Taguatinga (2011) 80
http://www.alexandreaudio.com.br/project_item/parouquia-cristo-redentor-taguatinga-df/ [consultado em: 26 de Julho de 2018, às 16:00h].
- Figura 11* – Planta da igreja paroquial de São Lourenço – Munique (Emil Steffann – 1954-1955) 81
<http://www.prewettbizley.com/graham-bizley-blog/2018/1/15/emil-steffann> [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 12:00h].
- Figura 12* – Igreja de Santo António de Moscavide (João de Almeida – 1956) 83
http://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 16:00h].
- Figuras 13, 14 e 15* – Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes – Lisboa (José Mário Dias Coelho – 2012) 85
 Arquivo pessoal de Daniela Calças.
- Figuras 16 e 17* – Igreja do colégio São João de Brito – Lisboa (2001-2002) 86
<http://www.bpmiranda.pt/> [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 17:20h].
- Figuras 17 e 18* – Capela Divino Mestre – Instituto Missionário Pio Sociedade de São Paulo – Apelação (2014) 87
<https://divisare.com/projects/304148-site-specific-do-mal-o-menos-chapel-jesus-mestre> [consultado em: 27 de Julho de 2018, às 17:40h].

Índice geral

Resumo Abstract	3
Siglário	4
Introdução	5
I - A centralidade da Palavra no âmbito litúrgico-ecclesial: um itinerário histórico e teológico	8
1 - O Concílio Vaticano II e o seu enquadramento	9
2 - Da constituição dogmática <i>Dei Verbum</i> à exortação apostólica <i>Verbum Domini</i>	16
3 - Algumas considerações teológicas em torno da Palavra	23
3.1 - A fecundidade litúrgica da Sagrada Escritura	24
3.2 - A sacramentalidade da Palavra	27
3.3 - A dimensão performativa da Palavra	30
II - Os “lugares da Palavra” e a sua concretização no contexto espaço-litúrgico	33
1 - Teologia cristã do lugar	34
1.1 - A relação entre lugar e Palavra: considerações bíblicas	34
1.2 - O espaço litúrgico: lugar da Palavra como dom de Deus ao seu povo	38
1.3 - A arquitectura: materialização do lugar do encontro do homem com Deus	40
2 - O lugar próprio da Palavra de Deus: o ambão	41
2.1 - A relevância histórica do ambão	42
2.2 - O ambão enquanto sinal no seio do espaço celebrativo	44

2.2.1 - O ambão como sinal da assembleia convocada por Deus	45
2.2.2 - O ambão como sinal do anúncio da boa nova da Ressurreição	48
2.2.3 - O ambão como sinal do envio comunitário	49
2.3 - O ambão com o valor de presença no espaço litúrgico	50
2.3.1 - Presença iconográfica	52
2.3.2 - Presença ministerial	53
3 - A relação entre o ambão e os restantes lugares da Palavra no espaço celebrativo	56
3.1 - A assembleia: lugar da Palavra escutada e respondida	57
3.2 - A sede da presidência: lugar da Palavra confirmada e atestada	59
3.3 - O altar: lugar da Palavra tornada carne e oferecida	61
III - O lugar da Palavra: critérios teológicos e modelos arquitectónicos	65
1 - Uma proposta dialogal: o binómio altar-ambão	68
2 - Uma proposta axial: um esquema teândrico de organização espacial	76
3 - Uma proposta unitária: a centralidade dos principais dispositivos litúrgicos	80
Conclusão	88
Bibliografia	91
Índice de figuras	99
Índice geral	101